

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

RAUL PROSPERO MARQUES CALDEIRA

**Polarização nas Eleições de 2018:
Análise Discursiva dos Portais de Notícia *Brasil 247* e *O Antagonista***

Mestrado em Comunicação e Semiótica

**São Paulo
2020**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

RAUL PROSPERO MARQUES CALDEIRA

Polarização nas Eleições de 2018:
Análise Discursiva dos Portais de Notícia *Brasil 247* e *O Antagonista*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, sob a orientação do Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado.

São Paulo
2020

Banca Examinadora

Este trabalho foi desenvolvido com bolsa
de auxílio e incentivo à pesquisa
concedida pelo CNPq.

Agradecimentos:

Agradeço aos familiares e amigos que em minha caminhada acadêmica me ajudaram de diversas formas a não desanimar, e principalmente minha mãe, mulher trabalhadora que sempre me incentivou a estudar e apoiou efusivamente todos os meus planos, projetos e sonhos.

Agradeço a todo o povo da PUC, funcionários, colegas e professores, por todo o conhecimento compartilhado, e principalmente ao meu orientador Aidar, que conduziu a pesquisa com rigor, leveza e muita paciência comigo (um aluno vindo de escolas públicas e graduação com foco em mercado, ou seja, alguém ainda bastante jovem no mundo acadêmico).

Por fim, agradeço às políticas públicas que possibilitam o acesso ao ensino superior/academia para pessoas que não têm condições financeira de tê-lo. Sem esse incentivo e ajuda não seria possível ter terminado o curso (infelizmente no momento em que escrevo isso, tais políticas estão sob constante ameaça).

Resumo: Esta pesquisa tem como foco mapear os modos pelos quais os dispositivos midiáticos *Brasil 247* e *O Antagonista* atuaram no Facebook e lidaram com a polarização durante as eleições de 2018. Para isso foram coletadas e analisadas, durante os dias 1 de agosto a 1 de novembro, 13.815 postagens publicadas pelos portais de notícias sobre política a fim de investigar como os enunciadores, os quais tiveram posicionamentos ideológicos antagonistas, apresentavam seus contratos de comunicação, e, levando em consideração o complexo cenário político em que o Brasil se encontrava, como a polarização se constituiu nesses ambientes digitais. Deste modo, as questões que buscamos responder com essa pesquisa são: como se realizou a polarização nesses ambientes durante as eleições de 2018? Como se deram os vários enfrentamentos entre as esquerdas e direitas no campo discursivo? E que percursos passionais acompanhavam as narrativas em disputa? Com isso os principais objetivos da pesquisa são: analisar como os enunciadores colocam em discurso acontecimentos e discussões referentes às eleições de 2018; identificar que discursos sociais e percursos passionais acompanham as narrativas e contratos de comunicação dos enunciadores e, assim, explicar os pólos que se antagonizam. A justificativa para tal estudo reside no fato de que aplicar a análise do discurso nos enunciadores investigados nos possibilita mapear e interpretar como cada um dos dois pólos aqui examinados coloca em discurso os valores morais, concepções e afetos que presidem os ideais de esquerda e direita em canais de comunicação que hoje não fazem parte da grande mídia hegemônica. A metodologia adotada é a análise discursiva de Laclau, de modo que identificamos as principais oposições polarizadoras construídas por cada enunciador, mapeando os pontos nodais e examinando as estratégias discursivas que costuram os discursos presentes em cada portal, comparando-os.

Palavras-chave: política; polarização; eleições 2018; análise do discurso; Brasil 247; O Antagonista.

Abstract: This research focuses on mapping the ways in which the media devices *Brasil 247* and *O Antagonista* acted on Facebook and dealt with polarization during the 2018 elections. For this purpose, 13.815 posts published by policy news portals were collected and analyzed from August 1 to November 1 to investigate how the enunciators, who had antagonistic ideological positions, presented their communication contracts, and, taking into account the complex political scenario in which Brazil found itself, how polarization was constituted in these digital environments. Thus, the questions we seek to answer with this research are: how did polarization take place in these environments during the 2018 elections? How did the various confrontations between the lefts and rights in the discursive field take place? And what passionate pathways accompanied the disputed narratives? With this the main objectives of the research are: analyze how the enunciators put into discourse events and discussions concerning the 2018 elections; identify which social discourses and passionate pathways accompany the narratives and communication contracts of the enunciators and, thus, explain the antagonizing poles. The justification for this study lies in the fact that applying discourse analysis to the investigated enunciators enables us to map and interpret how each of the two poles examined here puts into discourse the moral values, conceptions and affects that preside over the ideals of left and right in communication channels that today are not part of the hegemonic mainstream media. The methodology adopted is Laclau's discursive analysis, so that we identify the main polarizing oppositions constructed by each enunciator, mapping the nodal points and examining the discursive strategies that sew the discourses present on both portals, comparing them.

Keywords: politics; polarization; 2018 elections; discourse analysis; Brasil 247; O Antagonista.

Sumário

Introdução	13
1. O Cenário	27
1.1 Acontecimento.....	27
1.2.1 Acontecimentos globais e a experiência da esquerda latino-americana.....	29
1.2.2 Das jornadas de junho de 2013 ao pós-golpe.....	34
1.3.1 Polarização e eleições 2018.....	41
1.3.2 Polarização no Facebook.....	43
2. <i>Brasil 247 e O Antagonista nas Eleições 2018</i>	50
2.1 A performatividade dos media nas redes.....	51
2.2 Análise das publicações.....	54
3. Povo x Povo	77
3.1 O "povo" de Laclau.....	82
3.2 O "povo" de <i>Brasil 247</i>	85
3.3 O "povo" de <i>O Antagonista</i>	90
Conclusão	95
Referências	103

*Em cada casa, um ponto cego, um cidadão se levantou
Abriu a porta do armário e o preconceito se espalhou
Quando o passado volta à moda em nome de um torturador
O sonho médio é vestir a carapuça do opressor*

Dead Fish – Sangue Nas Mãos.

Introdução

As eleições de 2018, ao opor Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL) no segundo turno, resultando na vitória do candidato do PSL, trouxeram uma disputa diferente do “clássico” embate entre PT e PSDB, estes que durante seis eleições consecutivas foram colocados pelo eleitorado brasileiro como os partidos mais viáveis na eleição presidencial. A partir de 2014, ano em que houve a disputa nas urnas entre Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), o embate entre forças da esquerda e direita tornou-se agudo e mais intenso nas redes e ruas. Naquele ano Dilma venceu as eleições com pouquíssima diferença de votos contra seu adversário do PSDB, se reelegendo no segundo turno com 51,6% dos votos válidos (FOLHA DE S. PAULO, 26/10/2014), levando o partido dos trabalhadores ao seu quarto mandato consecutivo. Entre 2015 e maio de 2016 se somou a um quadro de crise econômica e institucional o fato de que desde as jornadas de junho de 2013 vinha sendo construída no campo político-discursivo uma polarização¹ difícil de superar, baseada no ódio ao PT e às esquerdas, e com isso as sensibilidades políticas estavam aguçadas nas redes e ruas. Assim, nesse clima de “ânimos aflorados” e polarização aguda, Dilma teve seu mandato interrompido logo em 2016 após o golpe.

Com a polarização ativada, em 2018 cresceu a força de Bolsonaro e a esperança dos públicos antipetistas em elegê-lo para evitar o retorno do PT ao governo do País, em oposição às esquerdas, que vinham denunciando a continuidade do golpe de 2016, exigindo a liberdade de Lula para que ele pudesse participar das eleições, e, criticando as posições e agenda de Bolsonaro; isso tudo tornou a polarização ainda mais aguda durante o período eleitoral mantendo as sensibilidades políticas bastante aguçadas. Deste modo as redes se tornaram, mais do que nunca, palco de embates entre esses dois polos que disputavam a hegemonia da opinião política do eleitorado, atuando fortemente nas redes sociais através de páginas de movimentos políticos, portais de notícias independentes, blogs, vlogs, etc.

Com o surgimento expressivo das redes sociais digitais nas últimas décadas, como Facebook, Twitter e YouTube é notória uma nova forma de consumo de informação. Sobre esse fenômeno social Manuel Castells (1999) disserta sobre o surgimento de uma sociedade de

¹ A polarização será entendida como processo pós-acontecimental, no sentido de Badiou (2008). Deste modo entenderemos as jornadas de junho de 2013 como acontecimento que culminou na polarização, esta que veio se acentuando até as eleições de 2018 na medida em que os discursos tentaram se apoderar dos sentidos do acontecimento e construir lógicas de equivalência à direita e a esquerda.

informação estruturada em rede, enxergando a internet como esfera pública em potencial. Contudo dentre as redes sociais mais populares no Brasil o Facebook² é a plataforma preferencial de grande parcela da população para se informar sobre política (ORTELLADO, SOLANO e MORETTO, 2017, p. 8); com isso a rede social tem se firmado como importante espaço de debate político e organização de movimentos sociais. Por tais razões escolhemos o Facebook para a análise de nosso *corpus*. Além disso atualmente na rede social temos grandes *fanpages* de movimentos políticos, como o MBL – Movimento Brasil Livre, Vem Pra Rua, Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo. Tais movimentos, além de produzirem conteúdo próprio, muitas vezes restrito a suas próprias páginas (não há link para fora da rede social), compartilham diversas notícias provenientes de blogs e portais com foco político, como: Brasil de fato, Brasil 247, Jornalistas Livres, Esquerda Diário, O Antagonista, O Reacionário, Poder360, Jornalivre, entre outros. Daí o foco da pesquisa nos portais independentes: eles dão conta de não só alimentarem suas próprias *fanpages* divulgando suas notícias para seus seguidores, mas também de alimentarem *fanpages* de grandes movimentos políticos.

Mantendo então o foco nas redes e seus possíveis impactos na construção de opinião de grupos de sujeitos, estes que buscam se informar através do Facebook seguindo páginas de veículos de notícias com foco em política, percebemos uma disputa pela hegemonia da opinião política entre veículos de comunicação que se encontravam nos extremos da polarização, os quais trazem formas discursivas antagônicas em seus contratos de comunicação. Nessa perspectiva “é necessário enfatizar que as mídias não produzem um discurso totalizante e são, elas próprias, palco de disputas entre sentidos concorrentes (CAZELOTO e PRADO, 2014, p. 2). Na medida em que um discurso político se põe contra certas práticas e posturas, nomeando seus adversários e aliados, os enunciadores não só se posicionam ideologicamente como também constroem visões alternativas sobre um mesmo tema. Cria-se assim um campo discursivo de embates em que diferentes formas discursivas se antagonizam (LACLAU e MOUFFE, 2015), deste modo cada enunciador busca “suturar elementos discursivos dispersos transformando-os em momentos articulados de seu discurso, criando assim um regime de verdade que articula posições de sujeito” (PRADO e PRATES, 2015, p.3).

² O Facebook, ambiente digital o qual será analisado na presente pesquisa, foi fundado em 2004 nos E.U.A. e devido sua popularidade mundial abriu escritórios em diversos países chegando fisicamente ao Brasil em 2011 onde se tornou uma das principais redes sociais. De acordo com levantamento da própria plataforma em 2016, 102 milhões de pessoas acessam a rede social ao mês, o que corresponde a 50% da população brasileira. Além disso, mundialmente, a rede social conta com 3 milhões de anunciantes ativos dentro do site (FACEBOOK, 19/04/2016).

Nesse cenário os portais de notícias independentes *Brasil 247* e *O Antagonista* se destacam não só pela crescente popularidade dentro da rede social, mas também, e principalmente, pelos posicionamentos políticos de ambos no que diz respeito aos discursos e narrativas presentes em seus textos, que são antagônicos. Analisar o posicionamento dos enunciadores durante o período eleitoral e os modos pelos quais ambos lidam com o cenário polarizado das redes ao construírem suas narrativas e contratos de comunicação, nos possibilita localizar os pólos dos antagonismos, evidenciando como cada extremo coloca em discurso os valores morais, concepções e afetos que presidem os ideais de esquerda e direita em canais de comunicação que hoje não fazem parte da grande mídia.

O *Brasil 247* foi criado em 2011 pelo jornalista Leonardo Attuch³ e hoje se considera, em sua própria apresentação, “um dos principais sites de notícias do Brasil, com foco em política, economia, mídia e temas de interesse nacional” (BRASIL 247, s/d) e completa que “suas pautas têm compromisso com a democracia e uma sociedade mais justa e menos desigual” (*Idem*). O portal, tendo um posicionamento considerado de esquerda, defende claramente em seus textos o governo do PT durante os pleitos de 2004 a 2016, se opôs ao governo do PMDB que chegou ao poder com Michel Temer após o impedimento de Dilma Rousseff, e, durante as eleições fez forte oposição e duras críticas a Jair Bolsonaro e sua agenda, enquanto demonstrou todo seu apoio a Lula, Fernando Haddad dentre outros candidatos e partidos de esquerda. Durante o período das eleições o portal tinha em média 70 milhões de páginas visitadas por mês (*idem*) e mais de 1 milhão de seguidores em sua página oficial no Facebook.

O Antagonista surgiu em 2015 fundado pelos jornalistas e ex-funcionários da revista *Veja*: Diogo Mainardi⁴, ex-colunista, e Mario Sabino, ex-redator-chefe da revista. Em sua própria apresentação o enunciatador se considera um jornal de direita com o “direito constitucional de escarnecer, de ridicularizar, de esclarecer, de cultivar inimigos, e influenciar pessoas” (O ANTAGONISTA, s/d). Além disso para os fundadores, em uma justificativa da escolha do nome para o portal é mencionado que “O Antagonista é aquele que amola o protagonista. Nosso jornal pretende amolar os protagonistas da política, da economia, da

³ Leonardo Attuch já atuou em diversos veículos de comunicação como *O Estado de S. Paulo*, *Correio Braziliense*, *Veja*, *Exame*, *Estado de Minas* e *IstoÉ Dinheiro*. Em 2006 se destacou ao lançar o livro sobre a crise do Governo Lula de título “A CPI que abalou o Brasil: os bastidores da imprensa e os segredos do PT” em que trouxe entrevistas que revelavam os bastidores das reportagens centrais de grandes veículos da mídia do país sugerindo novas interpretações para os acontecimentos daquele momento crítico vivido pela cúpula do governo e pela elite influente que determinava os rumos da economia (ATTUCH, 2006).

⁴ Diogo Mainardi já atuou como escritor, produtor, roteirista de cinema e colunista brasileiro. No ano de 1999 tornou-se um nome conhecido no Brasil, principalmente devido à sua coluna semanal na revista *Veja*, onde escrevia críticas à sociedade brasileira e às tendências políticas em geral. Em 2007 se destacou ao lançar o livro “Lula é minha anta” o qual reúne uma coletânea de crônicas (publicadas pelo autor na revista *Veja*) sobre o escândalo do mensalão, fazendo duras críticas ao PT e ao governo de Lula em seu primeiro mandato (MAINARDI, 2007).

cultura...” (*idem*) e complementam que “o antagonista, nas melhores histórias, tenta eliminar o protagonista. Prefiro eliminar a amolar” (*idem*). O portal, que tem seu conteúdo compartilhado por diversos movimentos de direita nas redes sociais, apresenta em seus textos forte antipetismo e sentimento de “contra tudo que está aí”, apoiando apenas medidas e agendas de viés liberal. Durante o período das eleições o portal tinha mais de 960 mil seguidores em sua página oficial no Facebook e fez forte oposição com duras críticas a agenda e estratégias eleitorais do PT.

Com isso a pesquisa tem como objeto de estudo os discursos presentes nos portais de notícia independentes *Brasil 247* e *O Antagonista*. Analisaremos os modos pelos quais os portais lidam com o ambiente de disputa no campo discursivo, explicitando como os enunciadores colocam em discurso os acontecimentos políticos em suas publicações no Facebook durante as Eleições de 2018. Levando em consideração o estado da polarização, buscaremos entender em torno de que discursos sociais ela se constitui no ambiente digital. Deste modo, a questão que se coloca nessa pesquisa é: como se realizou a polarização no ambiente digital durante as eleições de 2018? Entendendo as eleições como momento de tensão entre os dois polos marcado pelo calendário eleitoral, cabe perguntar também: como se deram os vários enfrentamentos entre as esquerdas e direitas no campo discursivo? E que percursos passionais acompanhavam as narrativas em disputa?

A partir da questão posta investigaremos aqui como os enunciadores *Brasil 247* e *O Antagonista* colocam em discurso os embates entre esquerdas e direitas em suas *fanpages* no Facebook durante o período das eleições. Os portais foram acompanhados em suas páginas oficiais na rede social entre os dias 1 de agosto e 1 de novembro de 2018, abrangendo nesse período a pré-candidatura e a confirmação de candidatura dos presidentiáveis, o início das campanhas eleitorais, os debates, as entrevistas, as pesquisas de intenção de voto, o primeiro e o segundo turno (respectivamente nos dias 7 e 28 de outubro), e, quatro dias de repercussão após o resultado final das eleições, quando Jair Bolsonaro começou a se manifestar em entrevistas e nas redes sobre suas indicações para ministros e outros cargos que integrariam seu governo no início do mandato em 2019.

A presente pesquisa tem como principais objetivos: analisar como os enunciadores colocam em discurso acontecimentos e discussões referentes às eleições de 2018; identificar que discursos sociais e percursos passionais acompanham as narrativas e contratos de comunicação dos enunciadores e, assim, explicar os pólos que se antagonizam. Para isso, buscamos classificar, através de mapeamento temático, os enunciados proferidos pelos portais ao noticiar acontecimentos políticos ocorridos durante as eleições ou ao comentar sobre o

posicionamento e agenda dos candidatos; e identificar que significantes privilegiados (pontos nodais) constituem as totalizações discursivas de ambos os enunciadores, comparando-as.

A metodologia utilizada foi a análise discursiva a partir de Laclau, dividindo o corpus a partir de grupos temáticos e identificando os pontos nodais que engendram diferentes contratos de comunicação e estratégias discursivas. O enfoque discursivo de Laclau considera que não existe “a sociedade” como um sistema totalizado, mas diversas lutas discursivas que buscam hegemonizar suas posições a partir de totalizações discursivas. Em outras palavras o social deve ser percebido a partir da lógica do discurso. Para Laclau “discurso”

não deve ser aqui entendido como um simples reflexo de conjuntos de textos. Discurso é uma categoria que une palavras e ações, que tem natureza material e não mental e/ou ideal. Discurso é prática – daí a noção de prática discursiva – uma vez que quaisquer ações empreendidas por sujeitos, identidades, grupos sociais são ações significativas. (MENDONÇA E RODRIGUES, 2014, p. 49)

Os pontos nodais são produzidos cada vez que uma nova articulação produz uma totalização discursiva parcial e provisória, a partir de palavras de ordem que atuam como significantes vazios. Laclau e Mouffe explicam que “qualquer discurso se constitui como tentativa de dominar o campo da discursividade, de deter o fluxo das diferenças, de construir um centro. Chamaremos os pontos discursivos privilegiados desta fixação parcial de pontos nodais” (2015, p. 187). Em outras palavras a noção de ponto nodal proposta pelos autores

consiste em um significante privilegiado que fixa o significado da cadeia significante. Os pontos nodais visam dar conta do objetivo de qualquer discurso, que é o de se tornar dominante em certo campo social. Inspirados na teoria laciana da contingência imposta pelo Real, os autores da teoria do discurso compreendem que nenhum discurso é capaz de dominar completamente o campo da discursividade. A fixação de um discurso pelo ponto nodal é apenas parcial, embora formações discursivas podem consistir de elementos relacionados que em certos contextos podem vir a ser compreendidos como uma totalidade (FONTENELLE, 2013, p. 138).

Ainda sobre o conceito de ponto nodal Prado (2018b), trazendo também a teoria laciana em paralelo com as definições de Laclau, explica que devido ao fato do significante não ser “colado” ao significado, ou seja, considerando tal relação arbitrária, há uma série de significantes flutuantes à disposição no campo da discursividade e um determinado enunciator

em um determinado momento de embate com outros discursos constrói uma totalização discursiva. Naquele momento um determinado significante é colocado em posição de *point de capiton* ou *capitoné*⁵ (ponto nodal). Esse significante privilegiado, em posição de ponto nodal, é o “estofador”, pois ele costura o discurso de dentro da própria cadeia, dentro da própria linguagem. Em outras palavras, no campo da discursividade nada é definitivo (os significantes nunca estão colados ao significado), e as totalizações discursivas são resultado de articulações que funcionam durante um certo tempo (há uma dimensão temporal), enquanto há outros discursos que combatem tal totalização. “É essa dinâmica que constitui o campo da discursividade, portanto o campo da política” (PRADO, 2018b).

Como pudemos ver os pontos nodais são produzidos a cada vez que uma nova articulação produz uma totalização discursiva a partir de palavras de ordem e enunciados que funcionam como significantes vazios. Se tratando dos portais *Brasil 247* e *O Antagonista* durante o período das eleições, seus enunciados traziam articulações e contratos comunicacionais que buscavam impor suas concepções específicas para os significantes: competência, ordem, democracia, justiça e povo brasileiro.

Levando em consideração que

A mídia configura-se como enunciativa de “mapas cognitivos”, que constroem modalizações (receitas) indicando e induzindo formas específicas de produzir e interpretar os sentidos dos fenômenos sociais, o que as caracteriza como operadores semióticos (CAZELOTO e PRADO, 2014, p. 2).

Analisar o discurso midiático em torno dos acontecimentos políticos marcados pelo calendário eleitoral é uma forma de investigar os valores socialmente construídos que norteiam os posicionamentos de esquerda e direita nas redes, e assim interpretar a luta pela hegemonia na construção do sentido de tais valores em um cenário polarizado e de sensibilidades políticas aguçadas. Deste modo buscamos através da análise do discurso identificar quais discursos sociais circulam nos textos do *Brasil 247* e *O Antagonista*, bem como entender de que forma os portais lidam com a polarização e com um público bastante ativo na utilização das redes sociais como ferramenta de debate e organização social. Aqui a análise do discurso deve,

⁵ Lacan (1999) define os significantes vazios e privilegiados (que conhecemos como “ponto nodal” a partir de Laclau) como *capitoné*, fazendo uma analogia entre linguagem e uma prática da tapeçaria chamada *capitonê*, em que um estofado de couro ou tecido é marcado por costuras internas e botões dispostos de forma simétrica, muito usada em sofás retrô.

portanto, inventariar a série de enunciados que sustentam o posicionamento político dos enunciadores através da leitura analítica de seus textos, estes publicados durante todo o período eleitoral, estando atenta aos afetos e paixões que presidem os contratos comunicacionais de cada portal analisado, comparando-os.

Estado da arte

Devido aos acontecimentos políticos ocorridos nas últimas décadas e em função do atual cenário político do País diversos pesquisadores ligados a estudos sobre comunicação e democracia, como Raquel Recuero (2014, 2016), Pablo Ortellado e Esther Solano (2016, 2017a, 2017b, 2017c), têm direcionado grande atenção à análise dos discursos políticos que circulam na mídia digital brasileira, o que tem explicitado a relevância social que os meios digitais vêm apresentando em relação à construção de opinião pública no país. Além disso, tem sido discutida entre os teóricos de diversas áreas a questão da polarização política na sociedade e no ambiente das redes sociais, o que tem gerado um grande volume de publicações trazendo diversas análises sobre as jornadas de junho 2013, eleições de 2010 e 2014, manifestações pro-impeachment, atuação de movimentos sociais nas redes etc.

A vida política brasileira nas últimas décadas é analisada por Vladimir Safatle (2017) em seu mais recente livro *Só mais um esforço*, em que o autor traz a visão do Brasil como um “território em desagregação” apontando o lulismo como o último momento de conciliação da esquerda com a democracia liberal, e, com isso chama a atenção para a “brutalização dos discursos sociais” e “criminalização da oposição” que acontecem nesse momento de conflito, em que as direitas com seus discursos polarizadores demonizam as esquerdas. Para Safatle “em um cenário mundial no qual as ilusões da democracia liberal foram desfeitas e onde a política tende a ir para extremos, cabe à esquerda não temer e recuperar sua radicalidade” (SAFATLE, 2017, p.121). O autor ainda propõe que para entendermos nosso atual cenário político devemos levar em consideração as experiências das esquerdas latino-americanas, ocorridas nas últimas décadas em diversos países, e suas tentativas de consolidar políticas redistributivas, regulação dos agentes econômicos e integração das massas aos jogos eleitorais, chamando atenção para o histórico de golpes contra essas formas de governo.

Nesse cenário podemos citar os trabalhos de Pablo Ortellado e Esther Solano; esses autores têm dedicado suas pesquisas à análise de notícias sobre acontecimentos políticos no meio digital e a repercussão das mesmas no Facebook nas *fanpages* de diversos movimentos e

portais digitais ditos de esquerda e direita; e também à análise da polarização nas manifestações pós jornadas de junho. No artigo *Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015* publicado pela revista *Perseu*, Pablo Ortellado e Esther Solano (2016) fazem uma análise das manifestações de direita e suas reivindicações, através de pesquisa de campo, trazendo a atenção para a polarização e a seletividade partidária contra o PT presente nos atos. No artigo *2016: o ano da polarização?* Pablo Ortellado, Esther Solano e Marcio Moretto (2017a) ao analisarem a polarização especificamente no Facebook trazem interessante contribuição para os estudos sobre a polarização apontando o antipetismo como forma de antipolítica, de modo que

o sentimento antipetista, que antes impregnava politicamente grandes grupos sociais no país, foi dando lugar à expressão de sentimento antipolítico, de negação da política tradicional (nenhum político presta), em detrimento do “novo-político” ou o “político-gestor” (ORTELLADO, SOLANO E MORETTO, 2017a, p.19).

No artigo *Guerras culturais e populismo antipetista nas ruas de 2017* (2017b), os autores ao analisarem o discurso de manifestantes em diversas manifestação naquele ano, com o objetivo de entenderem os valores adotados por cada extremo dos polos, apontam que

Os manifestantes, que se identificam como progressistas ou de esquerda, têm um padrão muito coeso de posições sobre questões morais referentes a mulheres, LGBT, drogas, população negra ou políticas de mobilidade social. Uma grande homogeneidade nas respostas caracteriza este grupo. Os manifestantes, que se definem como conservadores ou de direita, porém, não apresentam esse grau de homogeneidade como grupo e têm uma disparidade muito maior nas respostas referentes a questões morais. As características comuns são o punitivismo, a rejeição às políticas públicas de mobilidade social e, fundamentalmente, o antipetismo, que é o fator que oferece maior coerência interna e identidade ao grupo (ORTELLADO, SOLANO E MORETTO, 2017b, p. 6).

Sobre as jornadas de junho André Fogliano (2017) em sua tese de doutorado *As revoltas de Junho de 2013: uma cartografia afetiva dos enunciados e das imagens do levante brasileiro* traz importante contribuição para as análises do cenário político brasileiro ao investigar o modo pelo qual a processualidade dos afetos, dos discursos e das imagens das revoltas se exprimiu em sua complexa rede de sentidos e de sensações, trazendo uma leitura semiótica e biopolítica

das revoltas de Junho de 2013, as quais culminaram na polarização como processo pós-acontecimental.

No que tange ao debate político e as discordâncias de opiniões entre os usuários do Facebook, Rodrigo Carreiro da Silva (2017) traz importante contribuição com sua tese de doutorado *A Discussão Política Em Rede: Um Estudo Sobre a Divergência Política no Facebook*, em que analisou a rede social enquanto espaço de discussão política com a finalidade de estabelecer suas principais características e os principais recursos argumentativos empregados pelos cidadãos. Na tese o autor argumenta que as discussões políticas em ambientes digitais atualmente fazem parte da rotina dos cidadãos brasileiros, os quais buscam se informar nos ambientes das redes sociais para assim consumir e elaborar conteúdos de natureza política, e, por meio desses alimentam ou expressam a própria opinião sobre fatos políticos. Entretanto

Mesmo com tantas possibilidades de ganhos políticos individuais, essa ênfase pode nos afastar de aspectos importantes da socialização das pessoas. [...] Indivíduos podem também exibir objetivos nada democráticos em discussões. Ou, ainda, a discussão pode ter um papel mais cívico do que político. (CARREIRO, 2017, p. 52)

Em sua tese, Carreiro aborda com frequência o fenômeno da discordância política em ambientes digitais, e para isso se apoia em bibliografias de diversos teóricos que vêm analisando recentemente os percursos das discussões políticas nas redes sociais.

Francisco Paulo Jamil Marques em suas pesquisas vem abordando não só as dimensões democráticas das mídias digitais, mas também as relações entre política e mídia trazendo pertinentes investigações para os estudos que envolvem política e comunicação digital. No artigo *A Pauta do Dia: Um estudo sobre o agendamento do Congresso Nacional brasileiro nos editoriais da Folha de S. Paulo e de O Estado de S. Paulo* publicado pela revista *Brazilian Journalism Research*, Marques e Mont’Alverne (2016) examinam, empregando a Análise de Conteúdo, os temas pautados pelos editoriais dos jornais entre 2011 e 2013 que abordam os termos “Congresso”, “Senado” e “Câmara” com a finalidade de investigar quais assuntos são considerados mais relevantes para os veículos examinados. No artigo *Democracia on-line e o problema da exclusão digital* publicado pela *Intexto*, Marques (2014) aborda o tema da exclusão digital buscando examinar os limites que a mesma traz aos projetos de democracia online. No artigo *Democracia digital e práticas colaborativas: a Wikipédia como espaço de discussão política* publicado pela Revista *Compólitica*, Marques e Sousa (2012) trazem importante

contribuição apresentando pesquisa cujo objetivo foi investigar o processo de discussão de temas de natureza política em ambientes colaborativos destacando a importância da internet para incremento das práticas democráticas e dos debates públicos como mecanismo de produção de decisões legítimas. No artigo *Internet e eleições 2010 no Brasil: rupturas e continuidades nos padrões midiáticos das campanhas políticas online* publicado pela revista *Galáxia*, Marques e Sampaio (2011) dedicam seus esforços ao mapeamento inicial de um conjunto de transformações que envolvem os novos padrões midiáticos das campanhas políticas na Era Digital.

Raquel Recuero salienta em suas pesquisas a importância da análise do discurso mediado pelo computador bem como a difusão de informações na internet tendo as redes sociais como principal ferramenta para reprodução do discurso político na esfera pública, narração de fatos políticos e mobilização de pessoas. Para a pesquisadora

A opinião pública, assim, também é construída e compartilhada na mídia social. Por isso, compreender quais fragmentos e elementos do discurso dominante e quais elementos são reforçados pela audiência é muito importante. A mídia social, através de sites como o Twitter e o Facebook tem papel importante na ampliação dos espaços de debate público, e a sua influência na construção e no desafio do discurso dominante é muito importante. (RECUERO, 2016)

No artigo *O twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014?* publicado pela *Scielo*, Recuero (2016) analisou como os discursos que descrevem os candidatos à presidência Aécio Neves e Dilma Rousseff eram reproduzidos no Twitter, mapeando principalmente as críticas feitas pelo eleitorado destacando o viés sexista e concepções de papéis de gênero, os quais foram bastante presentes nas redes naquele momento direcionando fortes ofensas a Dilma. No artigo *O Discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do Twitter* publicado pela revista *Galáxia*, Raquel Recuero, Gabriela Zago e Marco Toledo Bastos (2014) fazem uma análise dos discursos relacionados aos protestos de junho de 2013 no Twitter e o uso da rede social para narra-los, além de mobilizar pessoas e organizar manifestações.

Os aspectos do discurso midiático de canais de comunicação brasileiros vêm sendo analisados por José Luiz Aida Prado. Em suas pesquisas, e pesquisas orientadas por ele, salienta a importância da análise do discurso de informações veiculadas pela mídia, buscando investigar os valores sociais construídos a partir dela, pois “a mídia mapeia valores e modaliza

para os leitores modos de saber, fazer e ser, em diversas zonas temáticas, como a busca de sucesso, da beleza, do prazer, da felicidade e da riqueza” (PRADO, 2008). No artigo *Tecnologias digitais na revista Veja: a construção de um futuro despotencializado*, publicado pela *E-compós*, Prado e Cazeloto (2014) investigaram como a revista *Veja* coloca em discurso o tema da tecnologia, e, suas concepções específicas de futuro, de criatividade, de inovação, de economia e de fins sociais a alcançar. No artigo *Sobre a sustentabilidade como fantasia liberalcapitalista: do tampão verde à ecologia sem natureza* publicado pela *Famecos*, Prado e Prates (2015) analisaram os discursos de 629 textos sobre meio ambiente publicados durante um ano nas revistas *Exame*, *IstoÉ Dinheiro* e *Época Negócios* trabalhando o conceito de inversão sintomal acerca do tema da sustentabilidade nas mídias. No artigo *Polarização e insatisfação midiáticas no capitalismo comunicacional: como manter a democracia?*, publicado no livro *Midiatização e reconfigurações da democracia representativa* pela *EDUEPB*, Prado (2019) traz importantíssima contribuição para essa dissertação ao analisar o tema na polarização pós-2013 a partir da questão das paixões abordando a teoria do discurso, psicanálise e semiótica tensiva tendo como objetivo situar a polarização a partir da política e do circuito dos afetos. No artigo *O significante “povo brasileiro” na crise política do impeachment de Dilma Rousseff* publicado no livro *Desconstruindo uma queda: a mídia e o impeachment de Dilma Rousseff* pela editora *Insular*, Prado e Prates (2019) a partir da teoria do discurso de Laclau e semiótica tensiva de Zilberberg e Fontanille, analisam os textos e sentidos produzidos no Facebook pelos articuladores antagônicos *Frente Brasil Popular* e *Vem pra Rua* entre os vários movimentos a favor ou contra o afastamento da presidente Dilma Rousseff, em abril de 2016.

A dissertação

Como vemos, há um consequente direcionamento de esforços acadêmicos entre pesquisadores de diversas áreas focados em análises que buscam entender e explicar o cenário político brasileiro pós-2013. Esta dissertação dialoga com questões ligadas à comunicação digital e democracia e busca explicar principalmente o estado da polarização no período eleitoral de 2018 identificando quais discursos se totalizaram em cada polo e como se deu o embate antagônico entre eles. Está organizada em três capítulos e conclusão. No primeiro trazemos uma análise contextual, de modo que, com o objetivo de entendermos o cenário sócio-político em que as eleições aconteceram, abordamos a contribuição de alguns dos pesquisadores já apresentados no tópico *Estado da Arte* com o intuito de reunir repertório teórico, criando um

panorama do cenário e histórico das fases da polarização de 2013 em diante, para a partir daí darmos início a nossa análise. No segundo e terceiro capítulos trazemos a análise do *corpus* apresentando todo o mapeamento temático das publicações, oposições polarizadoras, discursos principais, pontos nodais e por fim as narrativas passionais e contratos de comunicação construídos pelos enunciadores/articuladores aqui analisados. Na conclusão da dissertação buscamos responder as questões aqui postas comparando os contratos de ambos os enunciadores. Mais detalhadamente:

Capítulo 01 – No primeiro capítulo abordamos o contexto em que as eleições de 2018 aconteceram. Nossa abordagem se divide em três partes: (1) com base teórica no conceito de acontecimento proposto por Alain Badiou (1994, 2008) pudemos pensar as jornadas de junho de 2013 como uma ruptura do estado das coisas, em que dali emerge uma nova configuração que rompe com os modos de sentir e vivenciar a política. Tal ruptura produz novos sujeitos e um período pós-acontecimento em que surgem diversos discursos que disputam o sentido daquele acontecimento, criando um cenário polarizado devido a existência de posições antagônicas em relação aos sentidos do acontecimento. (2) para entendermos o atual cenário político brasileiro e seus principais acontecimentos trazemos as contribuições de Vladimir Safatle (2017) e Boaventura Santos (2018). Safatle propõe que analisemos os últimos impasses como um processo em sua dimensão global, trazendo em seu foco a experiência da esquerda latino-americana ocorrida nas últimas décadas, deste modo o autor contribui com uma grande cartografia apontando os modelos de governo, golpes, acordos e acontecimentos globais os quais resultaram no atual cenário. Boaventura propõe uma cartografia mais aproximada do golpe de 2016 analisando a postura da esquerda brasileira pós-golpe levando em consideração as conjunturas políticas e intervenções imperialistas norte-americanas e suas consequências no país. Além disso, para nos aproximarmos mais das jornadas de junho como acontecimento e analisar a atuação dos diversos movimentos populares e os enunciados proferidos naquele momento até o período pré-eleições 2018, abordamos as contribuições de Angela Alonso (2016, 2017) sobre a crise política de 2013 a 2016. A socióloga, ao analisar tal crise a partir das disputas populares e manifestações, divide o período em ciclos e setores os quais nos permitem interpretar a polarização entendendo-a como processo pós-acontecimental. (3) Na terceira parte do capítulo abordamos de forma mais aprofundada a questão da polarização pós-acontecimento de 2013 nas redes no período pré-eleições de 2018. De acordo com diversos autores sabe-se que a

polarização não foi consequência direta das jornadas de junho de 2013, mas uma reação de outros setores ao levante iniciado naquele período. Por isso, para entendermos como a polarização se configurou desde então e quais são seus polos durante o período analisado, trazemos contribuições de autores que vêm analisando a polarização como André Fogliano (2017), Pablo Ortellado e Esther Solano (2016, 2017a, 2017b, 2017c), Aidar Prado (2019), em diálogo com autores que vêm abordando a influência dos *new média* na política e democracia, bem como a internet como esfera pública digital, como Jamil Marques (2011, 2012, 2014), Wilson Gomes e Rousiley Maya (2008).

Capítulo 02 – Nesse capítulo, nos aproximando do objeto de estudo e sua atuação durante as eleições, abordamos a questão da performatividade dos media, ressaltando os portais como articuladores/agentes socialmente reconhecidos, os quais apresentam discursos com força performativa e distribuem palavras de ordem nas redes. Com tal base teórica apresentamos os dados coletados dos portais *Brasil 247* e *O Antagonista* durante o período das eleições e damos início à análise das postagens de ambos através de mapeamento temático. Foram coletadas 13.815 postagens durante o período (sendo 6.970 postagens do *Brasil 247* e 6.845 d’*O Antagonista*). As publicações coletadas foram categorizadas de acordo com os enunciados de cada uma delas e assim organizadas em grupos temáticos. A partir do mapeamento temático apresentamos a descrição de cada tema trazendo exemplos de publicações juntamente com tabelas e gráficos, comparando a atuação de ambos enunciadores acerca dos acontecimentos de cada fase das eleições. A metodologia que direciona o capítulo é a análise discursiva ancorada em Laclau (2013, 2015), com base nela identificamos as oposições polarizadoras, discursos principais, pontos nodais e narrativas presentes nos contratos de comunicação dos enunciadores.

Capítulo 03 – Nesse capítulo apresentamos a segunda parte de nossa análise. A partir dos quatro discursos principais identificados (competência, ordem, democracia e justiça) comentamos como cada ponto nodal, ao sair da flutuação e entrar nas totalizações discursivas de cada polo, assumem sentidos antagônicos nas narrativas dos dois enunciadores, os quais constroem seus contratos de comunicação sempre na direção da valorização do *mesmo* e na desvalorização do *outro*. Tal direção dos contratos nos leva a abordar também as construções de “identidade popular” inscritas nos textos de cada enunciador, com isso identificamos quais são as concepções e valores que presidem

o significante “povo” em cada um dos polos. Para a análise discursiva de cada concepção trabalhamos com os conceitos de populismo de Laclau e semiótica tensiva de Zilberberg e Fontanille (2001), abordando os conceitos de mistura e triagem.

Conclusão – Na conclusão examinamos criticamente os contratos de comunicação dos enunciadores *Brasil 247* e *O Antagonista* comparando como cada um deles constroem seus sentidos de futuro pós-eleições e concepções de competência, ordem, democracia, justiça e povo, com a finalidade de explicar como cada polo operou durante o período eleitoral, momento em que as redes se tornaram mais uma vez espaço privilegiado de disputas entre as reivindicações/interesses distintos entre esquerda e direita. Tais concepções não entram em consenso, se antagonizam, e com isso notamos uma nação dividida e permeada por dois grandes discursos, sendo um deles democrático, com predominância da semiótica da mistura, agregando bandeiras, e outro antidemocrático, com predominância da semiótica da triagem calcado no ódio antipetista. A partir daí nossa crítica é direcionada para os discursos antidemocráticos, abordando o percurso passional da cólera presente nas narrativas reativas das direitas.

1. O Cenário

1.1 Acontecimento

Nos últimos anos o país tornou-se cenário completamente dividido no que diz respeito à esfera de discussão política, em que desde as manifestações de junho de 2013 sujeitos produzidos a partir desse acontecimento vêm travando embates que efervesceram as ruas e redes brasileiras com diversos atos, debates e discussões que perduraram pelos próximos anos encontrando no caminho o golpe em 2016, o qual contou com forte apoio de uma parcela reativa da população.

As manifestações de junho de 2013 (mais conhecidas como as jornadas de junho) constituíram o que Badiou (2008) chama de acontecimento. Tal conceito nos permite pensar a política a partir de uma ruptura dos estados das coisas, como ocorreu em 2013, em que se deu para os sujeitos fieis ao acontecimento a emergência de uma nova configuração que rompeu com os modos de vivenciar e sentir a política a partir dali. Esse período já analisado por diversos pesquisadores (PARRA, 2013; ORTELLADO et al., 2013; RECUERO et al., 2014; NOBRE, 2016; ALONSO, 2016, 2017; SAFATLE, 2017; FOGLIANO, 2017; PRADO, 2018a, 2019) trouxe inicialmente um brado em uníssono, partindo de diversas vertentes do espectro político, contra a atual política institucional, buscando novas formas de se fazer política, e, apesar de fomentado e organizado nas redes surgiu do acaso e de forma imprevisível.

Um acontecimento vai contra a estrutura que tende a se manter na repetição, sem precedentes e imprevisível; ao emergir, ele rompe com essa repetição inerte, podendo dar início a um regime de verdade nomeado pelos novos sujeitos que surgem juntamente com o acontecimento. Conforme nos diz Badiou (1994, p.43):

O sujeito de que falo é, com efeito, uma nova categoria filosófica. É preciso delimitá-la em relação a várias outras.

- 1) O sujeito não é uma substância, um ser, uma alma, uma “coisa pensante”, como diz Descartes, Ele depende de um processo, começa e acaba.
- 2) O sujeito não é tampouco um nada, um vazio, um intervalo. Ele tem uma consciência, podem-se determinar seus componentes.

- 3) O sujeito não é uma consciência, uma experiência. Ele não é fonte de sentido. De fato, ele é constituído por uma verdade, e não fonte de verdade.
- 4) O sujeito não é invariante ou necessário. Nem sempre há sujeito, ou sujeitos. É preciso para isso condições complexas, e particularmente eventos, que são frutos do acaso.
- 5) O sujeito não é uma origem. Em particular, não é por haver sujeito que há verdade, mas, pelo contrário, porque há verdade há sujeito.

E somente esses sujeitos, considerados fieis ao acontecimento, podem manter esse processo acontecimental em sua novidade, configurando uma nomeação de verdade. Ainda existem os sujeitos que vão contra esse processo, os que querem voltar ao estado pré-acontecimental apontados como sujeitos reativos, e os que clamam por um regime mais rígido que o pré-acontecimental apontados como sujeitos obscuros ou fascistas. Trazendo essas definições para o cenário descrito nesse capítulo, realmente não parece estranho que, nas manifestações de 2013, não demoraria muito para que entre os cartazes que clamavam por passe livre, contra o aumento das tarifas de transporte público, contra a corrupção e contra o PT, surgissem também cartazes pedindo a volta da ditadura, dentre outros enunciados reativos e polarizadores da direita, dividindo as multidões em setores antagônicos.

É no período pós-acontecimento que surgem os vários discursos que disputam o sentido do acontecimento. Tais discursos vêm sendo socialmente construídos através das nomeações de verdade, o que gera a existência de posições antagônicas em relação ao acontecimento. Deste modo, a partir do conceito de acontecimento de Badiou (2008), entenderemos a polarização como processo pós-acontecimental, pois na medida em que os discursos tentaram se apoderar dos sentidos do acontecimento de 2013 foram sendo construídos no campo da discursividade lógicas de equivalência à direita e à esquerda, movendo multidões nos anos seguintes.

Entretanto antes de nos aprofundarmos no tema da polarização abordaremos o contexto político primeiramente em sua dimensão global e histórica, levando em consideração as experiências dos governos de esquerda na América latina durante as últimas décadas, como propõe Vladimir Safatle (2017).

1.2.1 Acontecimentos globais e a experiência da esquerda⁶ latino-americana

Ao analisar a atual situação política do país Safatle (2017, p. 16) propõe que compreendamos os últimos impasses primeiramente como um processo em sua dinâmica global, trazendo em seu foco a experiência da esquerda latino-americana no governo ocorrida nas últimas décadas em países como Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Equador, Venezuela, Nicarágua, Peru, El Salvador, Haiti e Honduras, configurando um período da história mundial marcado pela tentativa de consolidar políticas redistributivas, regulação dos agentes econômicos e integração das massas aos jogos eleitorais.

Para Safatle (*ibidem*, p. 16-17) esse período seria o fim de uma história creditado por dois fatores: (1) Até a década de 1990 a América Latina enfrentou um déficit de integração popular em processos de decisão política pelas vias do populismo⁷, pois essa integração se deu de forma frágil, e além disso, foi constantemente rompida devido à ascensão de ditaduras militares ocorridas nos anos 1970 e 1980; (2) Diferente das lutas de integração popular que ocorriam em continentes como Ásia e África, as quais foram travadas em um ambiente ainda marcado pelas lutas coloniais e configuradas como lutas eminentemente nacionais, na América Latina, onde a descolonização aconteceu ainda no século XIX, os embates populares já possuíam a configuração de conflitos sociais, de forma que questões transnacionais de classe e desigualdade pudessem estar na linha de frente dessas lutas.

A partir dos fatores apontados a experiência latino-americana conheceu nas últimas décadas dois eixos principais: (1) em um deles está presente um modelo social mais comumente marcado pelas reformas estruturais nas instituições de poder e por processos de incorporação popular pelas vias do populismo. Para esse eixo temos como exemplo governos de países como a Venezuela, Equador, Bolívia e Nicarágua que trouxeram um modelo autodenominado “bolivariano”. Este modelo foi vendido como “o socialismo do século XXI” entretanto se manteve em larga medida

dependente das dinâmicas de constituição de corpos políticos que remetem ao populismo do século XX, com o conseqüente investimento libidinal em figuras

⁶ Entenderemos “esquerda” a partir da explicação de Boaventura de Souza Santos, sendo “o conjunto de teorias e práticas transformadoras que, ao longo dos últimos 150 anos, resistiram à expansão do capitalismo e aos tipos de relações econômicas, sociais, políticas e culturais que ele gera e que, assim, procederam na crença da possibilidade de um futuro pós-capitalista, de uma sociedade alternativa, mais justa, porque orientada para a satisfação das necessidades reais das populações, e mais livre, porque centrada na realização das condições do efetivo exercício de liberdade” (SANTOS, 2018, p. 8).

⁷ Nos aprofundaremos no conceito de “populismo” no capítulo 03 dessa dissertação.

personalizadas do poder, como na Venezuela. Essas dinâmicas identificatórias foram sua força momentânea e sua fraqueza final (*ibidem*, p. 17).

Dentro desse eixo o caso mais complexo é o da Bolívia, pelo fato de ter sido bem-sucedido até então⁸, com sua inovadora organização institucional, crescimento econômico constante, conceito de “Estado plurinacional” e seu aprofundamento na participação popular nos processos de decisão do estado, onde até mesmo os juízes do Supremo Tribunal são eleitos; (2) no outro eixo está presente um modelo de gestão social marcado pela conservação de estruturas institucionais da democracia liberal e por processos de incorporação popular também através de vias populistas. Esse é o modelo estabelecido, e que vigora até hoje, principalmente no Brasil e Argentina, e em menor grau no Uruguai, Chile, Peru, El Salvador e Paraguai⁹. O modelo se apresentou retardatário ao acreditar que poderia repetir estratégias de gestão da socialdemocracia europeia surgida do pós-Segunda Guerra Mundial¹⁰ procurando aplicar políticas de redistribuição em conciliação com o espaço político da democracia liberal. Com isso esse modelo acabou por entrar em colapso quase que ao mesmo tempo em todos os países, com exceção do Uruguai, que se mantém firme até então, e, mesmo dentro desse modelo conseguiu articular pautas de reconhecimento e liberação de costumes para consolidar a adesão popular de seu governo.

Já na Europa, também durante os anos 1990, há uma volta da esquerda europeia ao poder em países centrais como Reino Unido, Alemanha, Itália e França, o que pôde inicialmente parecer implicar uma redução no horizonte neoliberal que crescia desde o final dos anos 1970. Entretanto o que houve na esquerda foi, o que Safatle chama de capitulação, em que seus próprios atores adotaram os novos modelos através de convenções¹¹. O que demonstra isso foram as medidas conciliatórias tomadas na época, como o novo trabalhismo de terceira via de Tony Blair no Reino Unido, o novo centro de Gerhard Schröder na Alemanha, o ex-comunismo de Massimo d'Alema na Itália. Na mesma década a social-democracia de Lionel Jospin na

⁸ Até 2019, quando sofreu um golpe após mais uma vitória de Evo Morales nas eleições, o qual foi obrigado pelo exército a renunciar do cargo de presidente, acusado de fraldar o resultado das urnas.

⁹ Até 2012, quando sofreu um golpe parlamentar.

¹⁰ Essa gestão se baseava no respeito à perspectiva do horizonte institucional liberal buscando uma coexistência pacífica entre os partidos, o que fez os partidos de esquerda perderem aos poucos sua força e relevância. Mas vale lembrar que isso foi uma criação conjunta da esquerda e direita em prol do Estado de Bem-estar Social. Safatle explica que “Nesse contexto lembremos como a democracia liberal tal como a conhecemos, é uma invenção recente consolidada a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Ela respondia a um sistema de acordos e equilíbrios entre setores sociais antagônicos e vitoriosos ao final da guerra. Sua base de sobrevivência foi a capacidade de orientar a política na direção de uma espécie de luta pela conquista do centro. Assim, por exemplo os partidos de esquerda europeus foram moderando seus horizontes de ruptura institucional para acabarem como gestores do estado de Bem-Estar Social” (SAFATLE, 2017, p. 19-20).

¹¹ Com o fim da guerra fria o sistema incorporou as críticas estéticas de maio de 1968, como apontam Boltanski e Chiapello (2009, p. 197-199) em *O Novo Espírito do Capitalismo*.

França pôde ser considerada um ponto fora da curva em meio ao horizonte de capitulação global (contudo não muito tempo depois, em 2012, o país presencia a chegada do neoliberalismo militarista de François Hollande).

Na América do Norte não foi diferente durante a década de 1990. Naquele momento o neoliberalismo já havia se imposto e se estabelecido no horizonte global, e a economia se subordinou a ele. Com isso, a volta dos democratas ao poder nos EUA em 1993, com Bill Clinton, apresentou apenas um “neoliberalismo misturado com discursos de reconhecimento de minorias e movimentos identitários” (*ibidem*, p. 29).

Foi nesse cenário global de capitulação que a experiência da esquerda brasileira estava inserida, juntamente com o abalo da esquerda latino-americana que vinha desde o golpe militar de Pinochet em 1973 no Chile o qual tirou do governo Salvador Allende e iniciou uma ditadura, amplamente apoiada pelos EUA, que duraria até 1990. Esse foi um dos maiores golpes contra a esquerda latino-americana, pois o governo Allende pôde ser considerado uma das mais interessantes experiências da esquerda na tentativa de constituir um socialismo democrático, entretanto foi interrompido pelo ataque dos militares. Com isso, tanto a esquerda que viu de perto o colapso do governo de Allende, quanto as próximas gerações da esquerda seguiram buscando uma segunda experiência que não levasse ao mesmo cenário se utilizando sempre do gerenciamento de conciliações e coalizões partidárias. E vale lembrar que essas coalizões significam partilhar do mesmo modo de gestão social assim como respeito aos interesses dos membros da coalizão e que ideais representam, assim “em um horizonte mundial de conversão da ‘esquerda’ à gestão de um neoliberalismo ‘com rosto mais humano’, os resultados tendiam a empurrar a esquerda, como formadora de políticas, à irrelevância” (*Ibidem*, p. 30).

O cenário que o Brasil vem testemunhando não está fora dessa cartografia geral e com tal análise Safatle nos aponta o quanto é essencial perceber como se dá o modo de integração a movimentos globais do Brasil, não apenas para denunciar e evitar mimetizar, com atraso, certo processos socioeconômicos transnacionais, mas para também expor o esgotamento de modelos globais sentido por países que se encontram no centro do capitalismo, e não só pelos países que se encontram em uma região mais periférica do capitalismo mundial. Assim fica claro que atualmente nenhuma nação, seja país, cultura ou continente, pode declarar ter encontrado a melhor solução para os problemas do mundo, e, muito menos impor sua solução à outras nações.

Apontando o mundo como cada vez mais interdependente, Boaventura de Souza Santos (2018), que em sua análise sobre o cenário político pós-golpe também insiste na necessidade

de aprendizagens globais sem deixar de lado os contextos e necessidades específicas de cada país, defende “as epistemologias do Sul” como importante via para promover tais aprendizagens, mas que, entretanto, as forças de esquerda vêm apresentando grande dificuldade em aprender com elas, e além disso não têm dado a “atenção devida ao contexto internacional e às forças econômicas e políticas que os dominam. O desaparecimento da análise das múltiplas facetas do imperialismo é prova disso” (SANTOS, 2018, p. 9).

Deste modo a experiência latino-americana expõe que o período dos acordos da esquerda com a democracia liberal já não existe mais, e que os últimos acontecimentos do Brasil, este como um dos setores mais influentes e avançados da experiência latino-americana, estão também ligados à ascensão da esquerda ao poder nas últimas décadas, trazendo

como saldo a consciência de que uma política de conciliação impulsionada por ajustes gradualistas, facilmente anulados no primeiro retorno ao poder dos núcleos dirigentes tradicionais (como vemos claramente no Brasil desde o golpe parlamentar de 2016), não tem mais lugar (SAFATLE, 2017, p. 19).

Buscando explicar o cenário do Brasil pós-golpe e sua enorme perplexidade, Boaventura Santos (2018, p. 12-20) atribui a tal situação política quatro razões principais:

- 1) *A conjuntura eleitoral* – Com o golpe dando início ao retrocesso social e político a partir da destituição de Dilma Roussef surge um processo duplamente hostil. Por parte do setor que sofreu o golpe, houve a necessidade de uma disputa que obrigou o direcionamento dos esforços ao pensamento tático de retomada de poder (como ocorreria em qualquer processo desse tipo), o qual desencorajou a problematização do porquê da perda do poder. No setor articulador do golpe, houve uma continuação do golpe com medidas retrógradas de um governo impopular, a qual se transformou em uma perseguição judicial a Lula, símbolo das últimas conquistas sociais e políticas do país, buscando impedir sua candidatura nas eleições de 2018;
- 2) *O Brasil profundo* – A segunda razão atribuída por Boaventura é a invisibilidade (ou ausência) da grande maioria pobre, negra, indígena, jovem, e que vive em favelas e presídios, a qual forma uma parcela da sociedade que não tem acesso nem ao discurso político e midiático hegemônico nem ao discurso das redes sociais. De acordo com Boaventura, essa parcela da sociedade esteve ausente durante o golpe porque se sentiu negligenciada por quem dizia defendê-la, sentiu que os benefícios reais provenientes

das políticas sociais eram conseguidos com enormes custos humanos e ambientais que não eram reconhecidos oficialmente, e sobretudo, sentiu que sua voz não era reconhecida;

- 3) *A intervenção imperial*¹² – se relaciona com a resistência dos democratas brasileiros e das forças de esquerda em dar o peso devido à interferência imperialista norte-americana e suas consequências no país;
- 4) *Resistência e alternativa* – A quarta e última das razões diz respeito, dentro do cenário já dominado pelas três primeiras razões apontadas aqui, à dificuldade das forças democráticas, e principalmente da esquerda, em criar estratégias de resistência e alternativas que sejam eficazes e tenham credibilidade, levando em consideração todo o contexto social do país.

O autor, ao mencionar a reponsabilidade das forças democráticas de esquerda como as principais forças atuantes para a criação de tais estratégias, esclarece que

Em geral, deveria falar igualmente neste contexto das forças democráticas de direita, ou seja, forças que reconhecem o campo democrático como único legítimo para dirimir conflitos políticos. A tragédia atual do Brasil é que essas forças não podem ser hoje consideradas parcerias fiáveis de luta por uma democracia minimamente credível, uma democracia que saiba defender de sucessivos golpes institucionais, os quais, pela frequência, configuram a ideia de golpes institucionais, por analogia com o conceito de crime continuado. E não podem ser parcerias fiáveis por causa de todas as conivências, por ação e por omissão, que revelaram com as forças golpistas, tanto nacionais como internacionais. Diante disso, penso que a sorte da democracia brasileira está hoje nas mãos das esquerdas nacionais (*Ibidem*, p. 20).

Com isso podemos entender como um país que estava sendo retratado pela imprensa mundial como uma potência emergente se torna um território de acelerada desagregação em um prazo tão curto de tempo. É considerando o cenário descrito até agora que discutiremos a

¹² Aponta Boaventura que “A intromissão dos Estados Unidos no continente ao longo do século XX está hoje bem documentada e teve sempre por objetivo eliminar governos e governantes eleitos democraticamente que os dirigentes estadunidenses considerassem potencialmente hostis aos interesses das empresas norte-americanas. As lutas contra o comunismo, o narcotráfico, o terrorismo e o esquerdismo foram sucessivos pretextos utilizados para justificar as intervenções, mas o objetivo foi sempre o mesmo. As intervenções correspondem a uma opção estratégica de longa duração e, por isso, não dependem de quem ocupa a casa branca. Afinal, não foi Donald Trump, mas Barack Obama, quem emitiu a desconcertante ordem executiva declarando a Venezuela como “ameaça não usual e extraordinária à segurança nacional” dos Estados Unidos. Tradicionalmente, as intervenções assumiram várias formas, mas quando foi mesmo necessário a mudança de regime, envolveram quase sempre a intervenção militar e a instalação de ditaduras militares ou governos fantoches. De forma trágica, os brasileiros aprenderam (quando aprenderam) que, sem essa intervenção, não teria sido possível a ditadura militar de 1964” (SANTOS, 2018, p. 13-14).

situação da polarização no Brasil, que mesmo apresentado ao mundo como exemplo de políticas de conciliação, marcou em sua história recente o colapso do último grande modelo de democracia liberal conciliatória (SAFATLE, 2017) e um brusco levante das direitas reativas e fundamentalistas. Esse cenário de esgotamento e polarização, que se refere às dificuldades e destino da esquerda brasileira, não pode ser compreendido sem que olhemos agora de forma mais aprofundada para as manifestações de junho de 2013 como acontecimento, para por fim chegarmos à análise das eleições de 2018.

1.2.2 Das jornadas de junho de 2013 ao pós-golpe

As jornadas de junho tiveram início a partir de um pequeno apanhado de manifestações e protestos. Seu primeiro momento foi dirigido à pauta da tarifa livre de ônibus, luta que já durava desde a década anterior em várias cidades do país, promovida pelo Movimento Passe Livre, que naquele momento se posicionava contra o aumento de 20 centavos no valor da passagem em São Paulo, assim convocando a população que também era contra. Durante os meses anteriores vinham acontecendo também as manifestações contra a Copa de 2014 e seus gastos, estas já incluíam os temas da corrupção, inflação, PEC 37¹³ etc. Nesse primeiro momento descrito aqui destaca-se a ausência de uma pauta unitária dentro de uma grande multiplicidade de corpos políticos e suas reivindicações, pois tais manifestações surgiram sob a forma de uma multidão, que se autoconvocava, articulada entre as redes e ruas, como apontou Giuseppe Cocco (2014, p. 169). Logo em seguida todo esse movimento cindiu-se em dois, com aponta Safatle,

a partir de 17 de junho, quando massas de manifestantes saem às ruas em resposta à violência policial que ferira mais de cem pessoas em São Paulo. A partir desse momento aparecem também grupos ligados a discursos nacionalistas e a uma pauta anticorrupção, focada basicamente, no consórcio governista. Começam lutas internas e brigas nas próprias manifestações entre grupos de esquerda e direita (2017, p. 111).

¹³ Conhecida como a “PEC da impunidade”, proposta que buscava dar poder exclusivo à polícia para realizar investigações criminais, retirando essa possibilidade do Ministério Público. Foi apresentada em 2011 pelo deputado Lourival Mendes do PTdoB-MA que argumentava que as investigações próprias do Ministério Público ferem os direitos dos investigados por não terem regras claras e porque os investigados não têm acesso aos autos. A mesma foi rejeitada durante o período das jornadas de Junho mais detalhadamente no dia 25 de junho de 2013, tendo 9 votos “SIM”, contra 430 “NÃO” e duas abstenções (CÂMARA DOS DEPUTADOS, s/d).

De acordo com o pesquisador seria então o começo de um processo de embate político nas ruas e nas redes o qual posteriormente traria à tona as clivagens ideológicas do país e a polarização aguda que se estabeleceu na população constituindo uma grande disputa popular. Nesse período ainda não havia grupos conservadores claramente assumidos e organizados exceto os partidos tradicionais e uma parcela da mídia tradicional hegemônica, a qual deu início a um processo de hegemonização por meio de narrativas que buscavam muitas vezes caracterizar as manifestações como atos violentos e de puro vandalismo, e outras, focando em pautas múltiplas com a temática central do combate a corrupção. Para Safatle tais manifestações são “o conjunto mais importante de revoltas populares da história brasileira recente, não por aquilo que produziram, mas por aquilo que destruíram” (*Ibidem*, p. 107).

Como afirma Marcos Nobre (2016) as multidões mostraram a crise do “pemedebismo”, este descrito pelo autor como uma forma de governo que buscou, desde o fim da ditadura¹⁴, atender a fortes interesses e lobbies, bem como criar uma blindagem contra reformas emancipadoras e movimentos sociais. Com isso, durante as jornadas de junho, o sistema político “não entendeu, nem podia entender, o que acontecia. Ao longo de vinte anos esse sistema cuidou tão bem de se blindar contra a força das ruas que não podia mesmo entender como as ruas o tinham invadido com tanta sem cerimônia” (NOBRE, 2016, p. 44).

Angela Alonso (2017) em seu empreendimento em analisar mais detalhadamente a crise política a partir das disputas populares nas manifestações de 2013 a 2016 propõe que pensemos esse período dividindo-o em três ciclos principais. Estes são:

- 1) *Ciclo Mosaico* – ocorreu em junho de 2013 e contou com 470 manifestações, sendo 90 delas em São Paulo (ALONSO, 2017, p. 51), formando um cenário que se assemelhou a um “mosaico” constituído por pequenos movimentos independentes. É um ciclo bastante complexo e por isso Alonso o divide em 3 fases. A primeira fase é a *eclosão do protesto* (6 de junho), seus atos foram marcados por um estilo de ativismo autonomista trazido por membros do Movimento Passe Livre. Os protestos contavam com negação de lideranças e hierarquia de gênero, performances cênicas como fanfarras, artes plásticas, estética punk e vestuário preto, violência simbólica com queima de catracas, e física contando com tática black bloc. Inclusive “autoridades políticas habituadas a protestos socialistas patinaram ante o novo estilo. Daí a

¹⁴ O fim “orquestrado” da ditadura em 1985 não levou a eleições diretas, mas ao governo Sarney, estabelecendo tal forma de governo como blindagem contra as ruas. Tal blindagem ocorreu de forma mais intensa na constituinte de 88, quando o “centrão” buscou neutralizar os movimentos sociais.

malsucedida negociação, em 11 de junho: o prefeito esperava lideranças, os manifestantes não as tinham” (*Idem*).

Veio então a segunda fase, *a diversificação* (11 de junho). O protesto prossegue aumentando as adesões por parte de movimentos mais tradicionais, indo de movimentos feministas, estudantis e negros a sindicatos e pequenos partidos de esquerda como o PSTU, PCO e PSOL, formando um setor socialista. Com isso os grupos de ativismo autonomista reagiram e então começava a disputa pelo direcionamento do protesto agregando mais ativistas com diferentes causas, como por exemplo a causa do aborto, e manifestantes mais “novatos” que se identificavam por *hashtags*, como por exemplo #vemprarua e #nãoepor20centavos, extrapolando a pauta inicial dos 20 centavos, chegando a ter repercussão internacional, apoio de artistas, intelectuais e 55% dos paulistanos (DATAFOLHA, 19/06/2013). Os protestos fizeram com que o governador Geraldo Alckmin e prefeito Fernando Haddad alinhassem estratégias. Mas mesmo após essa repercussão, no dia 13 de junho tropas da polícia militar feriram 128 pessoas na avenida Paulista. Tal episódio de repressão atraiu a solidariedade de parte da mídia e de cidadãos ainda não mobilizados virando a opinião pública, o que resultou em diversas imagens do ocorrido circulando na grande mídia e nas redes sociais, que se inflamaram rapidamente. Nas redes, no dia 16 de junho, as *hashtags* #ogiganteacordou #mudabrasil e #changebrasil se tornaram os *trending topics* nacionais.

A mobilização então muda de escala e temos a terceira e última fase desse ciclo, a *massificação* (17 de junho). Das 6,5 mil pessoas que compareceram nas ruas no dia 13 junho houve um salto para 65 mil no dia 17 com grandes atos em 12 capitais brasileiras (ALONSO, 2017, p. 52). Com isso surgem novas bandeiras de esquerda sendo elas contra a Rede Globo e a Copa do Mundo, reivindicando melhor educação, saúde, direitos, salários etc. Juntamente com o repúdio a brutalidade policial, autoridades políticas e partidos. Nesse momento o apoio da opinião pública aos manifestantes chegou a 77% (DATAFOLHA, 19/06/2013), e no dia 18 a redução da tarifa é anunciada em nove capitais e no dia 19 em São Paulo. Uma concessão tardia, pois as manifestações seguiram em frente, somando no dia 20 de junho 1 milhão de pessoas nas ruas (ALONSO, 2017, p. 52). Em meio a rotinas sociais suspensas e transtorno no trânsito, aderiram pessoas sem ativismo prévio todos convocados por redes sociais, presenciais e pela mídia. Essas pessoas eram grupos de famílias, idosos, jovens, torcidas organizadas etc. As quais com símbolos, cores, hinos e slogans nacionais formaram um

setor “patriota” que em suas reivindicações iam do liberalismo, pedindo menos estado e mais eficiência, ao conservadorismo, pedindo a volta da ditadura militar. Esses grupos tinham foco no repúdio a instituições políticas, políticos e partidos associando o governo do PT com toda a corrupção dos últimos anos. O que até aqui então era uma crítica genérica aos governos, com esse novo ativismo proveniente do setor patriota, findou no antipetismo. O primeiro ato de “Fora Dilma” veio no dia 26, depois disso os atos contra a corrupção seguiram acontecendo clamando por “justiça” e “mensaleiros na cadeia”, o que incluía o ex-presidente Lula como grande vilão. Como diz Prado

Essa direita se vestiu de verde e amarelo e declarou ódio ao PT, e se reuniu em torno do significante “corrupção”, como se o pemedebismo não fosse o sistema por excelência da corrupção desde os anos 1980 (2018a, p. 40).

Nota-se então que esse primeiro ciclo se divide, dentro da esquerda, em dois grandes grupos os quais seriam o grupo dos autonomistas e o grupo dos socialistas. E à direita o grupo dos patriotas, que emergiu após a fase de massificação dos protestos. Assim a “diversificação atingiu seu máximo, e o ciclo adquiriu sua forma final de mosaico, com três setores distintos de mobilização, cada qual com suas pautas e estilos de ativismo, em convivência. E sem harmonia” (ALONSO, 2017, p. 52).

- 2) *Ciclo Patriota* – Alonso aponta que ao longo de 2014, dentro da esquerda, o grupo de estilo socialista passou a frente do grupo de estilo autonomista, assumindo então o protagonismo das esquerdas. Enquanto isso na direita o setor patriota se inflou cada vez mais, organizando 43 grupos que na liderança do setor mais liberal estavam o Vem pra Rua e Movimento Brasil Livre (MBL), e, na liderança reacionária estava o Revoltados On Line. Esses grupos já em junho se articulavam clamando contra o programa Mais Médicos em atos durante a Copa do Mundo xingando a presidente Dilma na transmissão dos jogos. E posteriormente às eleições, decepcionados, regiram à vitória de Dilma, diziam “fomos roubados nas urnas”.

Com a vinda do escândalo do Petrolão tais grupos se unem com gritos de ordem em defesa da Polícia Militar, das investigações do Petrobras, da operação Lava Jato e contra a corrupção e o PT, se apropriando de um discurso cheio de conservadorismo moral com ataques a minorias e propondo sempre políticas autoritárias. Tais críticas em pouco

tempo se afunilaram ao pedido de impeachment de Dilma. Nesse momento surge então um novo herói, o juiz federal da Lava Jato Sérgio Moro. As manifestações se ampliam em torno dos discursos anticorrupção, anti-Dilma e anti-PT se firmando em valores da moralidade pública e sociedade tradicional, como pátria, religião e família. Toda aquela multiplicidade e elementos performativos de inovação que marcaram presença no primeiro ciclo desapareceram dando lugar a um cenário polarizado, tudo se resume agora em dois campos opostos sendo um à esquerda do governo e outro à direita. Ambos agora se apropriando da velha tradição de discursos nos carros de som, porém atuando bastante nas redes.

Em 2015, após pedido do PSDB ao TSE de cassação de Dilma alegando fraude nas urnas e a instalação da CPI da Petrobrás por Eduardo Cunha, o setor patriota volta aos protestos levando um estimado de 210 mil pessoas em todas as capitais no dia 15 de março (DATAFOLHA, 14/03/2016). Tais grupos se reuniram formando a chamada Aliança Nacional dos Movimentos Democráticos, quando o Vem Pra Rua se ligou ao sistema político através do PSDB e o MBL protagonizou nas ruas. Em 20 de agosto os protestos contra a Dilma levaram 135 mil pessoas somando todos os estados, enquanto a reação do setor socialista no dia 24 levou apenas 37 mil (ALONSO, 2017, p. 55). Durante esse período a reprovação da presidente Dilma (DATAFOLHA, 06/08/2015) cresce entre a população e assim seguiu até outubro quando seu pedido de impeachment foi aceito na câmara dos deputados.

- 3) *Ciclo do impeachment* – Ao final de 2015 o setor patriota que vinha dominando nas manifestações passa a ser confrontado pelo setor socialista que reagia trazendo uma acirrada competição pelas ruas. Ambos os setores se organizaram e as duas campanhas “#foradilma” e “#nãovaitergolpe” seguiam com seus atos intercaladamente. O setor socialista se reúne em duas coalizões de apoio a Dilma: a Frente Povo Sem Medo, que contava com sindicatos e movimentos de quinze estados, liderada pela CUT e MST; e a Frente Brasil Popular, uma reunião de outros movimentos e pequenos partidos de esquerda e setores de outros partidos que eram contra o golpe. O setor patriota se organiza fazendo atos anti-Dilma com a liderança dos movimentos MBL, Endireita Brasil, Revoltados On Line e Vem Pra Rua.

Em março de 2016, após a condução coercitiva de Lula para depoimento devido à diversas acusações por corrupção, a militância petista dá as caras, em contrapartida a campanha #foradilma seguia firme e forte, a Fiesp infla seu pato amarelo gigante, com

a campanha #nãoovoupagaropato contra o aumento de imposto, e o empresariado juntamente com setores da classe média e alta deram suporte logístico levando 500 mil pessoas à paulista no dia 13 (DATAFOLHA, 14/03/2016). A retórica da moral e bons costumes se solidificava, Sergio Moro era a personificação da moralidade pública, e apesar da manifestação “visar políticos em geral” seus slogans atacavam cirurgicamente o PT, Lula e Dilma.

O setor socialista reagiu convocando diversos atos, entretanto a militância petista “ainda fazia corpo mole na defesa da presidente, por conta de sua agenda de ajuste fiscal” (ALONSO, 2017, p 56). Somente após a chamada de Lula para o governo sendo nomeado como primeiro-ministro da Casa Civil pela presidenta no dia 16, medida que foi brecada pelo STF dois dias depois (18 de março), a militância petista reuniu multidões em todos os estados, fazendo

por Lula o que não fizera por Dilma. Na Paulista, foram 95 mil pessoas (segundo o Datafolha), levadas por CUT e as duas frentes. Lula subiu ao palanque. O eixo foi a defesa do Estado de direito: “não vai ter golpe”. Slogans do setor socialista dominaram: direitos sociais, redistributivismo e contra o oligopólio dos meios de comunicação (“o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”). Vieram, secundários agora, grupos autonomistas, com cartazes em torno de identidades e estilos de vida (adesivos roxos com o rosto de Frida Kahlo). Ajuntavam-se contra o inimigo comum: os protestos pró-impeachment e o ajuste fiscal (*Idem*).

As manifestações e atos dos dois grandes campos polarizados seguiram em frente. E no dia 31 de agosto de 2016, quando o processo de impeachment foi votado na câmara destituindo a presidenta de seu cargo, “a cerca invisível de junho de 2013 virara muro metálico. Fincado na Esplanada dos Ministérios, simbolizou com perfeição o racha do país” (*Idem*).

Em sua análise Prado, levando em consideração a noção acontecimental proposta por Badiou, completa que, a partir do acontecimento de 2013

na medida em que vários grupos foram tentando dar sentido a ele, foi sendo disputado e apropriado pelos discursos e perdendo a intensidade inicial, crescendo as totalizações da direita, que canalizaram a inicial pressão da multidão em confronto contra o governo federal, em discursos anticorrupção, discursos de responsabilidade econômica (corte de gastos, mudança de regras previdenciárias) e de apologia a

valores tradicionais. Ao mesmo tempo, as instituições começaram inúmeras ações contra o PT a partir do judiciário e da mídia hegemônica (PRADO, 2018a, p. 41).

Após o processo de impeachment concluído, no governo Temer, as articulações continuam com o setor patriota mantendo seu discurso moralista com atos defendendo a Lava Jato, reforma trabalhista e da previdência propostas pelo atual governo, e ainda, com seus movimentos de liderança, como por exemplo o MBL, elegendo vereadores por partidos acusados de envolvimento com corrupção enquanto ao mesmo tempo apoiava empresários e militares na política para “fazer a diferença”. O setor socialista se manteve articulado e o #nãovaitergolpe se transforma em #foratemer, e em meio aos atos contra a reforma trabalhista, da previdência e anulação do impeachment, surge também uma reaproximação ao velho líder ex-presidente Lula, com atos em sua defesa e apostas em sua candidatura para 2018.

Em um momento já próximo das Eleições de 2018 com a situação em que se encontrava o ex-presidente Lula, o qual após ser visto pelo setor socialista como a esperança para o país foi preso e proibido de participar das eleições, surge o movimento #LulaLivre. As articulações de ambos os lados continuam acontecendo, entretanto de certo modo passaram suas atividades centrais das ruas para as instituições, contando com grande aposta nas eleições. Isso traz também uma forte articulação nas redes com um grande volume de discussões e conteúdo produzido envolvendo política, corrupção, partidos e os candidatos. Estes são Fernando Haddad (PT), Jair Bolsonaro (PSL), Geraldo Alckmin (PSDB), Marina Silva (Rede), Ciro Gomes (PDT), Álvaro Dias (Podemos), João Amoêdo (Novo), Guilherme Boulos (PSOL), Henrique Meirelles (MDB – ex PMDB), Vera Lúcia (PSTU), João Vicente Goulart (PPL), Eymael (DC), Cabo Daciolo (Patriota).

Das jornadas de junho ao pós-golpe foram mais de três anos de mobilizações contínuas, Alonso (2017, p. 57) afirma que uma sociedade sobreviver a tantos embates sem terminar em guerra civil é algo bastante raro, mas tantos ciclos consecutivos de confronto findados em um governo impopular (e ilegítimo) trouxeram um efeito colateral: “uma sociedade mobilizada e dividida e sem disposição para garantir o novo presidente. [...] Havia mobilização na sociedade para derrubar o PT. Não há gente nas ruas para sustentar Temer” (*idem*). Em outras palavras, uma sociedade polarizada.

1.3.1 Polarização e eleições 2018

A polarização vem se mostrando como um fenômeno social relativamente recente e se consolidando em diversos países, prejudicando assim o debate político e a democracia. Como diz Fogliano, ela não traz ganho cognitivo algum ela é “um fenômeno de linguagem. Essa polarização não explica nada, ela é o que deve ser explicado” (2017, p.145). Tal fenômeno é o processo discursivo que começa com o movimento reativo da direita, construindo um discurso polarizador em torno de um ponto nodal. No caso do cenário brasileiro dos últimos anos, o discurso polarizador esteve ao redor do ponto nodal “anticorrupção”.

Como vimos anteriormente o problema da polarização no país se deu entre os anos 2013 e 2016, quando o país apresentou seus primeiros momentos de polarização aguda nas ruas e nas redes. Sobre esse período Ortellado e Solano observam que

O debate político atual tem se dado em termos muitos superficiais, estruturado em torno da dicotomia petismo/antipetismo como se o espectro ideológico pudesse se reduzir a este binarismo e como se esses conceitos fossem unívocos e monolíticos. Qualquer manifestação política que surja fora dessa dinâmica é rapidamente recuperada ou atribuída a um dos polos, esvaziando o debate político de matizes e posições independentes (2016, p. 171).

Entretanto como pudemos observar a polarização não foi consequência direta das jornadas de junho, mas uma reação de outros setores ao levante daquele período iniciado em junho de 2013, afinal não foram os enunciados iniciais dos 20 centavos do Movimento Passe Livre e #nãovaitercopa que fizeram surgir a polarização, esse surgimento sequer ocorreu de forma linear e imediata seguindo o simplismo da “causa e efeito”. Tais enunciados apenas traziam novas práticas políticas à tona por um viés mais autonomista, e a partir daí surgem os embates entre os setores para determinar os sentidos das manifestações de 2013 como acontecimento. Conforme Marcos Nobre afirma, não tivemos uma narrativa unificada sobre 2013:

As interpretações divergem sobre o que aconteceu. A ideia mesma de que seja possível um relato dos fatos é questionável. As interpretações divergem também sobre o sentido do que aconteceu. São diferentes as dinâmicas de manifestação nas diversas partes do país, em cada cidade, em cada parte da cidade onde ocorrem protestos. Manifestações surgem como irrupções, grandes, pequenas, isoladas, reunidas. Quando se reúnem em grandes massas, têm forma de ondas. Dependendo de qual onda se pega, a passeata pode ter sentidos opostos, inconciliáveis. (2016, p. 15)

Naquele momento não havia a polarização como vemos hoje. De acordo com Fogliano (2017, p 125), havia um enfrentamento da sociedade contra o Estado, contra a lógica de governo predominante, ou seja, contra o pemedebismo. Assim a polarização não foi de esquerda contra direita, ou petismo contra antipetismo e sim entre “uma vitaminada, movente e ativa sociedade contra o Estado, de um lado, e, de outro, um anêmico, parasitário e reativo Estado contra a sociedade” (*Idem*). Vale observar que os grupos Movimento Brasil Livre e o Vem Pra Rua, os quais lideraram a campanha pelo fim do governo Dilma, sequer existiam em 2013. Foi no período pós-acontecimento que se iniciou a polarização como vemos hoje, principalmente nas redes, com o surgimento dos grupos de direita já citados acima, e dos grupos de esquerda Frente Brasil Popular e Frente Povo sem Medo, o que organizou os campos de disputa. No tocante ao objeto dessa pesquisa vale lembrar que o portal de notícias *Brasil 247* atua com sua pauta de esquerda e pró-PT desde 2011 antecedendo as jornadas de junho, enquanto *O Antagonista*, com sua pauta antipetista, iniciou suas atividades em 2015, já em um cenário polarizado.

Com isso, em 2014, a luta inicial contra o Estado se transformou em uma luta contra os corruptos petistas¹⁵, recalçando a crítica à forma de governo pemedebista, conforme afirma Prado (2019, p. 104-105):

A polarização petismo X antipetismo, em torno da agenda anticorrupção foi uma totalização discursiva que surgiu em 2014, capturando os sentidos da revolta de 2013,

¹⁵ Ortellado e Solano (2016, p. 177 e 178) ao compararem os enunciados presentes nas ruas durante as manifestações de 2013 e 2015, apontaram um descompasso entre os convocantes e manifestantes das mesmas, trazendo importante contribuição para que interpretemos a acentuação da polarização ocorrida nesse período. Em 2015 os manifestantes, em sua maioria, ao mencionarem sua insatisfação e descrença política, continuavam extrapolando a pauta exclusivamente antipetista, o que se estendia a todo o sistema político (como acontecia em 2013), enquanto os convocantes abusavam das pautas antipetistas em seus enunciados, o que os pesquisadores apontaram como uma “indignação seletiva” por parte das lideranças dos protestos, os quais poupavam alguns partidos e políticos acusados de corrupção, ao passo que toda a crítica era direcionada ao PT. Além disso, no tocante à agenda de privatizações e Estado mínimo presente na pauta dos convocantes, a maioria dos manifestantes ainda se mantinha fiel aos direitos sociais fundamentais, também como acontecia em 2013, se dizendo favorável à consolidação, ampliação e melhorias de serviços públicos, deixando as opiniões liberais e conservadoras para uma parcela bastante pequena de manifestantes, o que levou os pesquisadores a se perguntarem como tais crenças estariam combinadas a uma liderança “ultraliberal, com um sentimento antipetista e uma admiração pelo comentarismo neoconservador?”. A conclusão dos pesquisadores para esse paradoxo foi que após 2013, na ausência de grupos progressistas desvinculados de partidos que pudessem liderar tais manifestações, grupos liberais e conservadores se aproveitaram do momento para direcionar politicamente a insatisfação como bem entendiam. Em 2016 esse descompasso não foi diferente (ORTELLADO, SOLANO e MORETTO, 2017, p. 19). Com a saída de Dilma e com a posse de Temer, o antipetismo e seus convocantes (em grande parte do PSDB e MDB), declararam “vitória”. Contudo os manifestantes que se definiam em sua maioria como de direita ou centro-direita e votantes do PSDB, continuavam apresentando, além do antipetismo, um claro sentimento de desconfiança geral. De acordo com a pesquisa “só 11.0% dos entrevistados nas manifestações a favor do impeachment confiam muito no PSDB e 1.4% no PMDB” (*idem*). Com isso um forte sentimento antipolítico (este que implica na negação da política tradicional: “nenhum político presta”, dando lugar ao discurso do “novo-político” ou o “político-gestor”) veio marcando presença em diversos grupos do país, tendo como grande exemplo disso o discurso *outsider* de João Dória (PSDB), vencedor das eleições para prefeito em São Paulo no ano de 2016, e, após deixar o cargo visando concorrer para governador do estado, foi também vencedor em 2018 no segundo turno com 51,75% dos votos válidos contra Márcio França (PSB).

construindo um discurso ideológico, que se dizia anti-ideológico, contra a corrupção, e a serviço de uma moral conservadora dos costumes (contra cotas e contra a luta por reconhecimento de gays, mulheres e trans).

1.3.2 Polarização no Facebook

Desde o início das discussões sobre os potenciais políticos dos *media* no campo digital (também conhecidos como os *new media*) grande parte da literatura focada em democracia digital apresentou um tom mais pessimista ao indicar que os usuários das redes tenderiam a formar bolhas, juntando-se somente a grupos com os quais compartilhassem os mesmos sentimentos e afinidades políticas, reproduzindo um típico comportamento do mundo *offline* (MARQUES, 2010, p. 213), ou, como diria Norris (2003, p. 21– 45) ocorreria simplesmente uma “pregação para os convertidos”. Seguindo essa linha mais pessimista sobre o efeito das redes na democracia o pesquisador norte-americano Cass R. Sunstein (2001, p. 754–766) considerava que tais efeitos seriam maléficos para a sociedade, de modo que as redes simplesmente fomentariam, de certo modo, uma espécie de fragmentação social. A preocupação do autor era de que os usuários procurassem apenas um único tipo de informação ou de interação que apenas reforçasse suas opiniões já formadas, afastando-os da possibilidade de compreender outras visões de mundo. Em parte tal apontamento se assemelha bastante a uma crítica ainda em estágio embrionário da polarização nas redes que vemos hoje, porém sabemos que os fenômenos de polarização em diversos países não são causados diretamente pelas redes sociais, e além disso hoje sabemos do potencial de visibilidade, de organização e união de movimentos populares possibilitados por redes sociais como o Twitter e Facebook. Como apontam Gomes e Maia (2008, p. 330), alguns autores mais otimistas em relação às redes e à democracia lançaram suas esperanças de que a internet e as redes viessem aperfeiçoar a qualidade do conhecimento político e a participação dos cidadãos¹⁶, ampliando a capacidade discursiva de grupos cívicos e de movimentos sociais. Gomes e Maia (*idem*) apontam também

¹⁶ Por mais que essa pesquisa tenha foco no ambiente digital tendo como centro o Facebook gostaria de trazer a problemática da exclusão digital e participação política na internet como esfera pública de discussão política. Como apontam Gomes e Maia (2008, p. 331), de fato a internet proporciona um ambiente informativo rico e multidimensional ultrapassando o horizonte unidirecional da mídia massiva, e pode oferecer novas oportunidades de participação política sem tantos obstáculos burocráticos, contudo os pesquisadores trazem dois problemas presentes nesse processo de participação política. O primeiro é que “apesar da rápida expansão da internet, grande parte da população adulta do globo não tem chance reais de acesso à rede por causa da pobreza, de infraestruturas de comunicação precárias ou, ainda, por falta de habilidades e de treinamento digital” (*idem*), e o segundo diz respeito a “apatia política e a falta de motivação dos cidadãos para informar-se, a fim de compreenderem questões relacionadas aos negócios públicos e aos interesses do jogo político” (*idem*). Esse segundo problema está relacionado ao atual problema das *fake News*, bastante presente nas redes.

que há nas redes uma competição pluralista entre diferentes tipos de veículos que favorece a deliberação¹⁷ pública, pois há nas redes

um estoque de informação proveniente de uma enorme variedade de fontes, tais como dados governamentais, informação de especialistas e de grupos cívicos, avaliação e comentários pessoais etc. Com isso os cidadão tem acesso a um ambiente informativo denso e diversificado com informações em níveis distintos, desde as mais técnicas, com explicações provenientes do sistemas de especialistas até abordagens mais simples ou pessoais. Uma vez que as pessoas estão associadas à política por meio de diferentes *backgrounds*, interesses e habilidades cognitivas, elas precisam de uma variedade de tipos de informação políticas pragmáticas, em diferentes formatos e níveis, de modo que possam selecionar os tipos informação prática mais útil a elas (*idem*).

Como já mencionamos, dentre as redes sociais mais populares no Brasil o Facebook é a plataforma preferencial da população para se informar sobre política (ORTELLADO, SOLANO e MORETTO, 2017, p. 8). Assim, postagens de uma grande quantidade de páginas, que disputam o discurso político na rede social, são publicadas diariamente. Tais páginas políticas, as quais estão altamente polarizadas dentro da rede social (*ibidem*, p. 12), são provenientes de movimentos políticos oficiais, grupos de simpatizantes desses movimentos e

¹⁷ De acordo com diversos teóricos trazidos por Gomes e Maia (2008, p. 13–17) a democracia liberal implicou historicamente em três modelos (1) a tradição liberal, a (2) tradição republicana e o (3) modelo de democracia deliberativa: (1) A abordagem do primeiro modelo mantém como centro de suas preocupações “a autonomia privada dos cidadãos de forma que sua agenda inclui a proposta, o reforço, a defesa de uma arquitetura institucional destinada a assegurar as liberdades igualitárias dos cidadãos privados” (*Idem*), nesse modelo a transparência dos poderes públicos e prestação de contas seriam “forçadas” por meio da extensa visibilidade pública, e não arbitrária, mediada pelos meios de massa; (2) o segundo modelo “preocupa-se com a cidadania entendida como a inscrição fundamental na comunidade política. A questão básica para essa tradição é como fazer com que a dimensão civil da sociedade recupere e assegure o controle sobre o Estado, entendido como coisa realmente pública. Mais que as liberdades *negativas* dos indivíduos, que fazem parte da agenda liberal-democrata, ao republicanismo preocupa os direitos igualitários e as oportunidades concretas de participação política e de engajamento na vida coletiva por parte da esfera civil” (*idem*), com isso problemas relacionados ao tema da comunicação e democracia se prendem ao favorecimento de dificuldades de participação política que atribuídos às instituições, linguagens e meios de comunicação de massa; (3) o terceiro e último modelo apontado é o mais jovem e veio à tona por volta dos anos 90 buscando um modelo de democracia com base no discurso, deste modo “o centro de atenção democrática deve ser a existência de uma arena discursiva que funciona como esfera intermediária entre Estado e sociedade. Essa arena há de existir, porque é a concretização do pressuposto que está no coração do deliberacionismo, a saber, de que os cidadãos devem ter a capacidade e a oportunidade de deliberar racional e publicamente sobre as decisões coletivas que os afetam e importam. Em lugar da acomodação entre interesses divergentes, mediante negociação e compromisso, os deliberacionistas acreditam que o meio fundamental para a produção de decisões políticas legítimas é o debate razoável” (*idem*) criando arenas discursivas, as quais possibilitam a condição básica para a formação de uma opinião pública política formulada coletivamente através da argumentação. Sobre as arenas discursivas na esfera pública o teórico Dryzek (2004, p 41-63) propõe que se entenda a deliberação pública como uma competição de discursos em logo prazo. No tocante ao papel básico da comunicação de massa nesse modelo, Habermas (2006, p. 415–416) aponta que ela consiste em: integrar-se na constituição de uma esfera pública política forte e extensa enraizada na esfera civil; abrir caminhos e brechas na guarda do sistema político que permitam a entrada da vontade e opinião pública nos meios de massa, e estes, como conjunto de oportunidades teriam a tarefa e responsabilidade de formar uma esfera pública qualificada tendo a função de instrumento de auxílio para um governo de opinião pública. Posteriormente Ernesto Laclau (2013) viria criticar a concepção de democracia deliberativa por não aderir seu pensamento à uma ideia de esfera pública totalmente dominada pela argumentação racional. Para o autor tal concepção com base em um consenso totalmente racional e dialógico reduziria o povo a uma simples pluralidade de interesses e valores, sem levar em consideração a dimensão afetiva do tecido social e campo discursivo. Abordaremos o conceito de “povo” em Laclau de forma mais detalhada futuramente.

de portais de notícias independentes que buscam disseminar seu conteúdo no Facebook, esta que é hoje uma importante ferramenta de informação política (*idem*). De acordo com Gomes e Maia (2008, p. 341) vale lembrar que no debate virtual é bastante comum que os usuários façam o uso de preconceitos como sexismo, racismo, xenofobia, dentre outras formas de discriminação, e que por isso é bom ter em mente que nem todos os movimentos e grupos cívicos presentes nas redes sociais têm propósitos verdadeiramente democráticos, pois esses grupos, ao transportar a intolerância para o âmbito democrático, acabam por “minar o potencial de discussões democráticas e de votações – dois recursos-chave da prática democrática” (*Ibidem*, p. 328). Tais grupos, que são na maioria das vezes adeptos do discurso de ódio, prejudicam processos deliberativos.

Como afirma Marques (2010, p. 210 e 211), após a popularização das redes sociais, estas vistas como importantes ferramentas digitais de discussão política, os períodos de eleições apresentaram um cenário diferenciado no que diz respeito aos *media*, por conta de sua difusão junto ao eleitorado no ambiente digital. Segundo o autor, por conta da inserção dos *new media* nas práticas da democracia, hoje podemos observar nas redes três grandes fontes de disseminação de conteúdo político: a primeira delas seria a cobertura feita pela imprensa convencional, seja na forma de grandes portais de veículos jornalísticos ou através de *fanpages* e/ou perfis nas redes sociais mais populares, oferecendo todo tipo de dados atualizados sobre as eleições; a segunda grande fonte seriam os comitês de campanha dos próprios candidatos que atuam através de sites e perfis em redes sociais, estes responsáveis por possibilitar o acesso a informações como a agenda de cada candidato, históricos, feitos, promessas entre outros; a terceira grande fonte diz respeito à atuação dos usuários da rede na tarefa de disseminar conteúdos e até de elaborar materiais informativos, estes muitas das vezes de caráter opinativo. Nessa terceira categoria se incluem perfis e páginas nas redes sociais, vlogs, blogs, e portais de notícias independentes, e, é justamente dentro dela que se enquadra o objeto de estudo dessa pesquisa: os portais independentes de notícias *Brasil 247* e *O Antagonista* e suas respectivas *fanpages* no Facebook.

Ainda sobre a popularização das redes sociais vale também levar em consideração a ligação do ambiente comunicacional com o poder das grandes empresas de tecnologia e suas redes, o que possibilita a circulação de *fake news* em grande escala, o que Roque e Bruno (2018) definem como “crise do regime de evidências e das competências exigidas para se aferir a verdade”. Tal crise é atribuída principalmente às comunidades à direita presente nas redes, segundo Ricardo Abramovay (2018) “a ascensão da extrema direita em várias partes do mundo

lançou a internet num ameaçador território distópico. O otimismo em torno de sua vocação democratizante e descentralizadora esvaneceu”. Deste modo

Com a disseminação desse poder comunicacional e midiático das redes, as pessoas desenvolveram descrédito em relação às figuras tradicionais da política, da intelectualidade e da mídia, preferindo orientar-se pelos grupos de WhatsApp através dos quais comungam e partilham valores que lhes dão sentido e identidade. Esse processo tende a se agravar pelo fato de as plataformas digitais cada vez mais serem centralizadas para se garantir como negócios lucrativos. Tudo isso mina a democracia. (PRADO, 2019, p. 102)

No tocante ao debate político exclusivamente no Facebook, a polarização veio se apresentando de uma forma semelhante à das manifestações ocorridas a partir de 2014 (petismo X antipetismo). Entretanto, de acordo com análise de Ortellado, Solano e Moreto (2017, p. 12), a partir de 2016, o campo de disputa na rede social se organizou entre aqueles com um forte sentimento antipetista e aqueles que se opunham ao mesmo. Nesse momento, de acordo com os pesquisadores, o significativo PT foi o ponto nodal do discurso polarizador de direita, polarizando os usuários entre antipetistas e anti-antipetistas. De uma forma mais detalhada Ortellado e sua equipe apontam que

A disputa em torno do papel histórico do PT organizou o campo de disputa do discurso político no Facebook, polarizando os usuários entre antipetistas e anti-antipetistas. Essa dinâmica birrelacional pode ser analisada de maneira mais fina, indicando a forma como cada polo se organiza internamente. Essa análise mais fina indica a complexidade dos grupos que ficaram subordinados à disputa em torno do PT. De um lado, as páginas, que puxaram os atos pelo impeachment, organizam o campo em torno dessas três comunidades mobilizadas: grupos liberais, grupos conservadores e políticos tradicionais, que eram oposição. Do outro lado, as páginas associadas ao PT organizam o campo impondo seu discurso sobre os grupos identitários, novos movimentos sociais e ambientalistas, ou seja, mesmo os grupos, que se identificam como sendo à esquerda do PT e que não compartilham um discurso petista, agrupam-se na polarização contra os grupos antipetistas (*Idem*).

Para Prado (2019, p. 105) após 2014 os discursos em disputa trouxeram ao cenário vários grupos. Estes são: a) movimentos de luta por reconhecimento, ligados às esquerdas identitárias; b) movimentos de esquerda mais ligados a partidos; c) movimentos de direita antipetista, mas não necessariamente antidemocráticos; e d) direitas fundamentalistas, os quais

defendem até mesmo a volta da ditadura. A partir de 2016, e mais especificamente em 2018 no período das eleições, esses grupos se unificaram em dois campos, sendo um deles o campo democrático e o outro o campo antipetista, caracterizando a polarização, esta que

se firmou em um discurso em torno do ponto nodal “corrupção” e das movimentações da Operação Lava Jato, que pautou diariamente as mídias hegemônicas, levando muitos a falarem em um “partido da Justiça”. Em linhas gerais foi construído um discurso antipolítica, antipetismo, que reuniu os sentidos de corrupção, unificando o inimigo — colocado nessa posição de ponto nodal — contra o qual devemos lutar para limpar o país. Segundo esse discurso os petistas roubaram a possibilidade de felicidade com sua corrupção, nos ameaçaram de comunismo, de virarmos uma Venezuela, de cairmos na tentação da revolta contra os gêneros tradicionais, ensinando o mal ideológico nas escolas, construindo o kit gay etc. (*Ibidem*, p. 106)

Durante as eleições de 2018 as pesquisas eleitorais para o primeiro turno¹⁸ já apontavam a disputa entre os dois campos, deixando de lado a tradicional rivalidade entre o PSDB e o PT, sendo agora entre forças antipetistas, que traziam Jair Bolsonaro como seu principal porta-voz, e o campo democrático, que reunia diversos grupos como, petistas (ligado a influência eleitoral do ex-presidente Lula), antipetistas (porém não antidemocráticos), anti-antipetistas etc. Por fim o cenário apontado pelas pesquisas se concretizou no resultado do primeiro turno, levando ao segundo turno Jair Bolsonaro da Coligação Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos (PSL-PRTB) com 46,03% dos votos válidos (totalizando 49.276.990 de votos) e Fernando Haddad da Coligação O Povo Feliz de Novo (PT-PCdoB-PROS) com 29,28% dos votos válidos (totalizando 31.342.005 votos)¹⁹. Para o segundo turno as pesquisas do Datafolha²⁰ apontavam vitória de Bolsonaro com 10 pontos percentuais de diferença e que Haddad tinha a maior taxa de rejeição entre os eleitores. O resultado foi bem próximo das pesquisas, elegendo Bolsonaro com 55,13% dos votos válidos (totalizando 57.797.847 votos) contra 44,87% de votos válidos em Haddad (totalizando 47.040.906 votos)²¹. Do total de votos foram 21,30% (31.371.704) de

¹⁸ De acordo com o Datafolha, na véspera da eleição Jair Bolsonaro (PSL) tinha “40% das intenções de votos válidos, resultado que aponta para uma estabilidade de sua candidatura - em pesquisa realizada entre os dias 03 e 04 desta semana, ele tinha 39% - após apresentar crescimento robusto nas últimas duas semanas. O candidato do PSL tem vantagem de 15 pontos percentuais sobre o segundo colocado, Fernando Haddad (PT), que aparece com 25% dos votos válidos. Com 15% dos votos válidos, Ciro Gomes (PDT) ocupa a terceira posição, à frente de Geraldo Alckmin (PSDB), que tem 8%” (DATAFOLHA, 07/10/2018).

¹⁹ Dados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE, 09/10/2018).

²⁰ De acordo com o Datafolha Bolsonaro tinha 55% de intenção de votos válidos contra 45% de Haddad. No que diz respeito à rejeição dos candidatos Bolsonaro tinha 45% contra 52% de Haddad (G1, 27/10/2018).

²¹ Dados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE, 30/10/2018).

abstenções, 7,43% (8.608.105) de votos nulos e 2,14% (2.486.593) de votos em branco (G1, 29/10/2018).

A vitória de Bolsonaro, devido ao fato de que grande parte de sua campanha foi direcionada às redes, reforça a ideia de que as redes sociais trouxeram um cenário diferenciado por conta de sua difusão junto ao eleitorado no ambiente digital. O candidato, que tinha poucos segundos de televisão em campanha (mas uma forte imagem nas redes construída ao longo dos anos e uma legião de seguidores fiéis devido ao seu discurso sempre radical e violento contra “tudo isso que está aí” e, principalmente, contra o PT) investiu seus esforços nesse ambiente ainda bastante jovem para a democracia brasileira, criticando e abrindo mão dos meios mais convencionais, chegando a se recusar a comparecer aos debates entre presidentiáveis do segundo turno, estes transmitidos pelos principais veículos da televisão brasileira, se negando a ir mesmo após liberação médica²² alegando ser uma decisão estratégica (o que ficou bastante claro pois enquanto o candidato se recusava a ir nos debates, continuou atuando nas ruas, nas redes – com vídeos e transmissões ao vivo – e dando entrevistas para a televisão).

Segundo o Monitor do debate político no meio digital²³, o qual analisou as campanhas de ambos os presidentiáveis durante o segundo turno no Facebook, a campanha de Bolsonaro teve maior alcance do que a de Haddad, assim como no primeiro turno. Após o pico de compartilhamentos ao final do primeiro turno a campanha de Bolsonaro voltou à faixa de 2,5 milhões de compartilhamentos por dia. Essa média só subiu após o dia 18 de outubro devido às repostas às denúncias de “caixa 2” contra Bolsonaro, nesse período o Monitor de debate político aponta que as 73 páginas identificadas como apoiadoras do PT monitoradas pelo grupo publicaram 19,5 mil vezes e somaram 22,5 milhões de compartilhamentos, já as 100 páginas identificadas como defensoras de Bolsonaro publicaram 26,6 mil vezes e tiveram um alcance bem maior, 51,2 milhões de compartilhamentos. Ao analisar as 100 matérias mais compartilhadas no período o Monitor de debate político aponta que as matérias de maior circulação se alinham à campanha de Bolsonaro, abordando corrupção do PT, anti-mídia, críticas a políticas de segurança e de educação das propostas de governo de Haddad. Falando em números, de todo o volume de publicações investigado pelo grupo de pesquisa: 68 foram matérias da grande imprensa, somando 2,7 milhões de compartilhamentos; 29 matérias de

²² No dia 6 de setembro de 2018 Bolsonaro sofreu um atentado que o levou a diversas complicações durante sua campanha, o obrigando a ficar recluso sob acompanhamento médico por mais de um mês (G1, 06/09/2018).

²³ O "Monitor do debate político no meio digital" é um projeto do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação da USP (coordenado por Pablo Ortellado), que busca mapear, mensurar e analisar o ecossistema de debate político no meio digital, usando a própria rede social como plataforma para divulgar suas pesquisas.

veículos alternativos de direita, somando 1,2 milhões de compartilhamentos; contra apenas 3 de veículos alternativos de esquerda, somando 89 mil compartilhamentos. Falando em termos do alinhamento das publicações com o discurso das campanhas: 75 matérias, somando 3,1 milhões de compartilhamentos, se alinham ao discurso da campanha pró Bolsonaro; contra 25 matérias, que somaram 886 mil compartilhamentos, que se alinham ao discurso da campanha pró-Haddad (MONITOR DO DEBATE POLÍTICO NO MEIO DIGITAL, 26/10/2018).

Com todos esses dados de circulação e repercussão fica mais do que claro que quem direcionou a maior parte do debate político na rede social foi a campanha pró-Bolsonaro. Entretanto, devido a tamanha rejeição ao discurso fascista de Bolsonaro e toda a parcela de usuários proto-fascistas das redes, que o apoiam com movimentos/grupos conservadores e fundamentalistas, surge no campo democrático uma parcela antibolsonaro, esta que apesar de liderada majoritariamente por grupos à esquerda, lançando o enunciado #EleNão trouxe o apoio de *influencers* mais à direita, como por exemplo Raquel Sheherazade (EXAME, 18/09/2018), assídua portadora do discurso antipetista desde o início de sua carreira.

2. *Brasil 247 e O Antagonista nas Eleições 2018*

Como já vimos, no acontecimento de 2013 não havia lideranças e palanques. Havia movimentos formando mosaicos independentes, distribuídos em três setores (Alonso, 2017): os autonomistas, socialistas e patriotas. Os primeiros eram mais libertários e horizontalistas, com foco em protestos performativos e violência simbólica; os segundos mais hierarquizados e ligados a partidos tradicionais de esquerda; os terceiros, os quais surgiram após a massificação dos protestos, eram mais ligados ao liberalismo e conservadorismo, se concentrando na crítica do tamanho do Estado e na corrupção.

Paralelamente no ambiente digital diversos movimentos políticos começam a atuar fortemente nas redes sociais, criando páginas, produzindo conteúdo, organizando eventos, correntes etc. A mídia independente e não hegemônica também passou a atuar mais nas redes ganhando força no meio digital. Com isso pipocaram diversos blogs, portais de notícia (sendo o corpus dessa pesquisa dois dos mais populares entre eles), vlogs, entre outros canais não tradicionais que buscavam participar da formação de opinião política noticiando os fatos e fazendo denúncias, os quais por muitas vezes tinham seu conteúdo compartilhado nas páginas dos movimentos. Deste modo, assim como os movimentos se dividiram entre grupos de esquerda e direita, tanto nas ruas quanto nas redes, a mídia independente digital seguiu a mesma lógica sendo utilizada para alimentar e legitimar causas de ambos os lados do espectro político, o que vem acontecendo até hoje.

Nesse cenário os *enunciadores*²⁴ *Brasil 247* e *O Antagonista*, como agentes discursivos, atuaram criando situações comunicativas em que seu público recebia informações e opiniões de “especialistas” em política, o qual era convocado a alguma ação política. Em outras palavras, os enunciadores utilizando seu reconhecimento social nas redes se posicionavam como personas altamente entendidas sobre o assunto e de opinião forte, que estavam cumprindo o papel político de esclarecer, denunciar crimes e injustiças, defender pautas e instruir seu público ao “caminho certo”, indicando quais seriam os melhores candidatos para serem eleitos naquele momento, e quais seriam os piores. O que nos leva à questão da força performativa dos *media*.

²⁴ O enunciador, como explica Prado (2018b), não é uma única pessoa, ele normalmente fala a partir de um discurso institucional. No caso, por exemplo, da *Veja* o enunciador é um coletivo, sabe-se que seus textos não são escritos por uma só pessoa e sim circulam por toda a redação. Sendo assim ao dizer “o enunciador *Veja*” é trazida a ideia de que sempre há várias pessoas por traz daquilo. Na publicidade, por exemplo, o enunciador também é coletivo e fala a partir de uma marca, de um produto etc. No caso dos portais analisados aqui, ambos se apresentam como agentes políticos especialistas que trazem informações, notícias e opinião para seus públicos sob a forma das personas “O Brasil 247” e “O Antagonista”.

2.1 A performatividade dos media nas redes

Pensar na polarização estabelecida nas redes e o posicionamento/postura dos *media* durante as eleições implica na questão da performatividade. Com isso para analisar a atuação dos enunciadores *Brasil 247* e *O Antagonista* nas redes é necessário levar em consideração a dimensão performativa dos discursos que os atravessam. Sobre a questão da performatividade dos *media*, Prado (2013, p. 89) explica que

A linguagem não é somente um meio em que palavras designam objetos e estados de coisas no mundo por meio de representações mais ou menos adequadas segundo um método de verificação da verdade por correspondência, mas também um meio em que coisas ditas servem para enunciadores/agentes agirem. Dizer é fazer, eis o resumo da fórmula do performativo.

Em outras palavras, a linguagem não é somente “representação de estados do mundo”, mas “campo de falar-fazer simbólico”. No caso dos enunciadores *Brasil 247* e *O Antagonista*, através do reconhecimento de seu público como autoridades para agir nas redes, são grandes exemplos de tal performatividade. Segundo Prado: “Quando determinado agente, reconhecido publicamente como autorizado para uma ação, realiza-a, são provocadas mudanças no mundo, na medida em que tal dizer é fazer” (*idem*). No período analisado o enunciador *Brasil 247*, por exemplo, ao trazer em suas publicações a “promessa” de que Lula estaria nas urnas, o enunciador busca provocar mudanças no mundo através do falar-fazer simbólico. Nas publicações de título “Barrado ou não, Lula estará na urna” (BRASIL 247, 07/08/2018) e “Gleisi: Lula estará nas eleições de um jeito ou de outro” (BRASIL 247, 13/08/2018) o enunciador traz a narrativa de que Lula não desistiu e que independente do que ocorra ele é o único representante legítimo do povo, e por isso promete que ele estará nas urnas. Em outra publicação a promessa vem enfatizando a persistência de Lula e o apoio popular ao candidato afirmando que “Lula não retira sua candidatura e vamos elegê-lo” (BRASIL 247, 09/08/2018). Nesses casos há um falar-fazer que busca legitimar o direito de Lula concorrer às eleições através do enunciado “Lula estará nas urnas”. Tal enunciado, que apresenta uma promessa buscando a ressignificação de um acontecimento político, é um clássico exemplo do performativo, pois “quando o enunciador afirma ‘eu prometo que farei X’, o próprio ato de dizê-lo realiza a promessa” (PRADO, 2013, p. 89), convocando o enunciatário²⁵ a partilhar

²⁵ Como explica Prado (2018b) o enunciatário é o público projetado a partir do texto do enunciador.

daqueles ideais e sentidos de verdade, o que faz com que ao mesmo tempo outros agentes entrem no embate discursivo lançando enunciados antagônicos sobre aquele acontecimento.

Prado complementa que

um dito só tem força de fazer quando dito por agentes que têm poder social para tal. O juiz [por exemplo] para condenar alguém a anos de prisão, tem de dizer a sentença no ambiente do tribunal, cercado de auxiliares que registram e atestam a cena, tendo sido nomeado para tal por alguém, por sua vez, com poder para tanto. (*Ibidem*, p. 93)

No que diz respeito aos *media*, tal poder social vem do reconhecimento por parte de seu público e sua posição de “veículo informativo” na sociedade, como por exemplo *Veja*, *Folha de S. Paulo*, *Globo*, *Superinteressante* etc. Sendo assim, um portal de notícias independente que atua nas redes, o qual já conquistou um número significativo de seguidores e certa credibilidade com seu público, deixando claro as causas que apoia, é um agente com autoridade socialmente reconhecida para tratar de determinados assuntos e “formar opinião”, o qual pode, com palavras de ordem²⁶, também dar dicas de saúde, beleza, ensinar como cuidar do corpo, como se comportar em determinadas ocasiões, indicar em quem e em qual partido votar, e em qual não votar (como vemos a todo tempo ao analisar o *Brasil 247* e *O Antagonista*) etc.

Além disso nos últimos anos, de acordo com Prado, “a informação inseriu-se cada vez mais dentro de um dispositivo mapeador e mais amplo de consumo, ao lado do entretenimento” (*Ibidem*, p. 105). Esse cruzamento entre entretenimento, informação e consumo é bastante visível hoje nas redes sociais: o usuário, seja buscando se informar ou se entreter, tem acesso aos textos do enunciatário. Tais textos são atravessados pelos discursos, e, a partir dos contratos de comunicação²⁷ ali formatados é projetado o enunciatário.

Essa relação entre enunciador e público acontece porque na época da “tecnologização dos discursos” e da “semiotização do mundo” na qual vivemos “os dispositivos mediáticos e

²⁶ Vale lembrar que o conceito deleuziano de “palavra de ordem” não se limita aos imperativos ou às ordens explícitas, elas podem surgir como simples sugestões a serem cumpridas através de convocações. Prado (2013, p. 95) explica que o que Deleuze chama de palavra de ordem assemelha-se ao *point de capiton* lacaniano (Zizek, 1991) e ao *ponto nodal* de Laclau.

²⁷ Estes contratos comunicacionais, como explica Prado (2013, p. 30), “são construídos para que os *media* funcionem de modo performativo, em que o dizer do enunciador todo-saber *faz fazer* nesse campo discursivo. Para imantar esses textos com atratores de gozo, dito de modo imperativo (goze tudo o que puder, tudo o que te mostramos como fazer!), o sistema *media-marketing*-publicidade constrói seus textos audioverbovisuais a partir de uma racionalidade semiótico-estratégica, bombeando as formas semânticas e pragmáticas da cultura”. Para entender como opera um contrato de comunicação, é preciso localizar a partir da análise do texto: o enunciador, o enunciatário e a convocação do texto; que narrativa está posta, que sujeitos são modalizados, para que? Que valores presidem a convocação? Que figuras e temas conformam o contrato? Como é construído o sincretismo (visual + verbal + sonoro)? Que interpelação está apresentada na convocação?; que feedback deram os públicos nas redes?; que afetos e percursos passionais guiam a narrativa?

publicitários informam, mas sobretudo mapeiam, prescrevem. Em outras palavras, eles organizam uma estrutura discursiva capaz de produzir seu público-leitor” (*Ibidem*, p. 97). Nesse cenário é notável como os *new media* e as redes transformaram, não só os modos pelo qual as diferentes vozes de uma sociedade são ouvidas no espaço midiático, como também os processos de construção de identidades, os quais já não dependem mais somente dos efeitos de verdade da mídia tradicional. Como afirma Prado

As palavras de ordem que circulavam antes através da escola, da família, e da empresa passam a ter efeito ampliado e mais distribuído com os *media*: primeiro o rádio, depois a televisão, finalmente a internet. Nesse sentido, os *media* organizam a agenda do público, mas também realizam outras tarefas performativas de mapeamentos de mundos, principalmente apresentando narrativas de transformação (as novas dificuldades do mundo globalizado, as novas substâncias – de medicamentos a drogas –, como se preparar e aos filhos para ter sucesso no capitalismo flexível, como votar, como se comportar, etc). Os *media* não atuam somente para informar, mas para fornecer mapas cognitivos/semióticos a seus leitores, pacotes para o leitor viver no mundo globalizado, situar-se nele, agir nele segundo certas direções, visando ter sucesso e prazer. (*Ibidem*, p. 107)

Deste modo afirmar a dimensão performativa dos *media* significa ir além da exclusividade informativa de tais dispositivos, ressaltando os mesmos como agentes socialmente reconhecidos, os quais distribuem discursos e palavras de ordem e possuem uma força performativa. Sobre isso Prado aponta que

A força performativa dos dispositivos midiáticos e publicitários está em criar um campo mítico de pertencimento em que os leitores sentem, por assim dizer, participantes de uma força simbólica carregada de valor imaterial que emite palavras de ordem funcionando como pontos nodais. (*Ibidem*, p. 102)

2.2 Análise das publicações

Após termos abordado o contexto em que as eleições ocorreram, a questão da polarização, bem como a dimensão performativa dos *media* nas redes para entendermos o poder social dos portais aqui analisados, podemos seguir para a análise das publicações dos mesmos.

Analisamos todas as postagens feitas pelos portais *Brasil 247* e *O Antagonista* no Facebook entre os dias 1 de agosto e 1 de novembro de 2018, período que abrange todo o mês de início das campanhas eleitorais até quatro dias após o resultado das eleições. Foram coletadas 13.815 postagens durante o período (sendo 6.970 postagens do *Brasil 247* e 6.845 d'*O Antagonista*).

O período foi dividido em três fases: (1) *Pré-candidaturas* – da confirmação das candidaturas dos presidentiáveis até o último dia para registro oficial de candidatura, indo do dia 1 ao dia 15 de agosto; (2) *Primeiro turno* – início oficial das propagandas eleitorais²⁸ até o resultado do primeiro turno, indo do dia 16 de agosto ao dia 7 de outubro; (3) *Segundo turno* – campanhas dos presidentiáveis para o segundo turno e resultado das eleições, indo do dia 8 de outubro ao dia 1 de novembro²⁹.

A linha do tempo a seguir traz um panorama do período de acordo com as fases apresentadas, apontando os episódios de maior repercussão nas redes em torno das eleições.

²⁸ De acordo com o calendário eleitoral, a data para o registro de candidatura no TSE foi até dia 15 de agosto, e no dia seguinte (16) passou a ser permitida a realização de propaganda eleitoral, como comícios, carreatas, distribuição de material gráfico e propaganda na Internet, desde que não paga (TSE, 18/12/2017).

²⁹ Data da indicação de Sérgio Moro para Ministro da Justiça, uma das primeiras medidas tomadas por Jair Bolsonaro após o resultado das eleições.

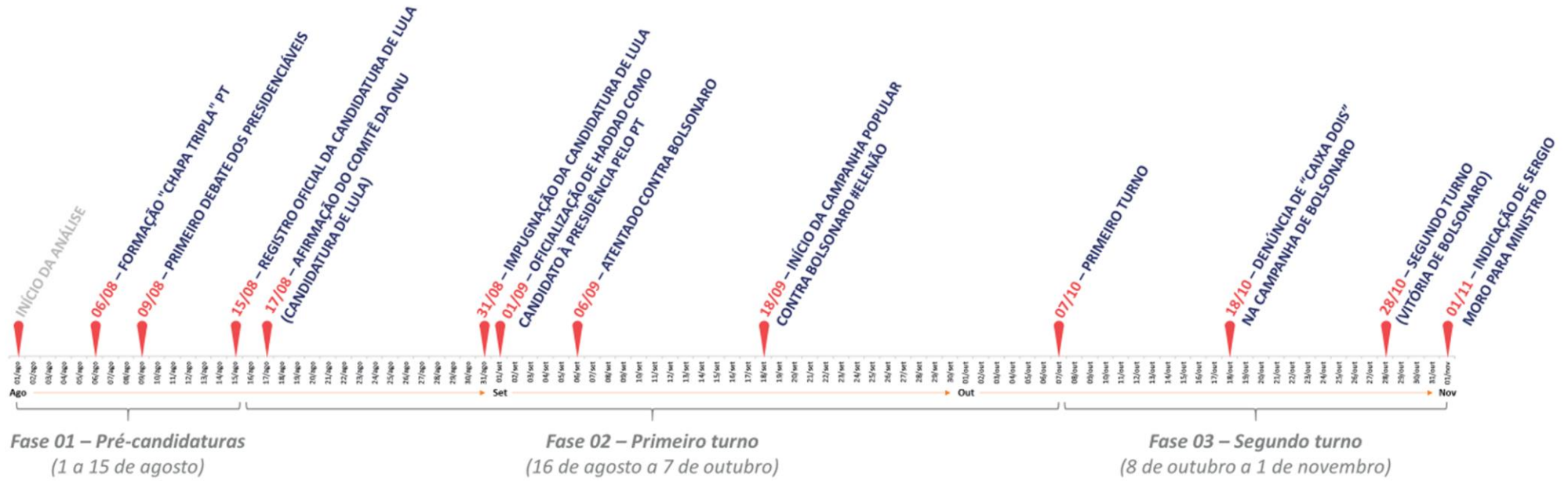


Figura 01: Linha do tempo – período de análise

Ao fazermos o mapeamento temático as postagens foram então organizadas em 13 grupos:

- 1) Acontecimentos internacionais
- 2) Acontecimentos nacionais
- 3) Adversários
- 4) Agenda/propostas/estratégias/posicionamentos dos candidatos e partidos
- 5) Autopromoção
- 6) Defesa de pauta
- 7) Denúncias/críticas ao governo ou a Temer
- 8) Direitos de Lula
- 9) Pesquisas/comentários/projeções sobre resultado das eleições
- 10) Facada em Bolsonaro
- 11) #EleNão
- 12) Cobertura 1º Turno
- 13) Cobertura 2º Turno

Deste modo as tabelas e gráficos a seguir buscam resumir os enunciados das postagens conforme sua tematização, fazendo um comparativo entre os dois portais.

		<i>Fase 01 - Pré-candidaturas</i>		<i>Fase 02 - Primeiro turno</i>		<i>Fase 03 - Segundo turno</i>	
Temas	Subtemas	Brasil 247	O Antagonista	Brasil 247	O Antagonista	Brasil 247	O Antagonista
Acontecimentos internacionais		44	7	286	45	107	19
Acontecimentos nacionais		25	23	134	195	29	42
Adversários		166	130	1027	438	275	168
Agenda/propostas/estratégias/posicionamentos dos candidatos e partidos	Apoio/Defesa	71	22	432	211	316	385
	Críticas/Ataques	24	129	502	1041	781	629
	Neutro	0	80	4	585	0	184
Autopromoção		4	7	16	38	2	11
Defesa de pauta		37	9	200	50	55	15
Denúncias/críticas ao governo ou a Temer		43	3	276	67	40	16
Direitos de Lula		178	68	483	411	42	61
Pesquisas/comentários/projeções sobre resultado das eleições		3	11	594	680	265	255
Facada em Bolsonaro		x	x	168	355	3	38
#EleNão		x	x	147	42	76	30
Cobertura 1º Turno		x	x	38	125	35	98
Cobertura 2º Turno		x	x	x	x	42	122
Total de posts: 13.815		595	489	4307	4283	2068	2073

Tabela 01: Tematização das publicações

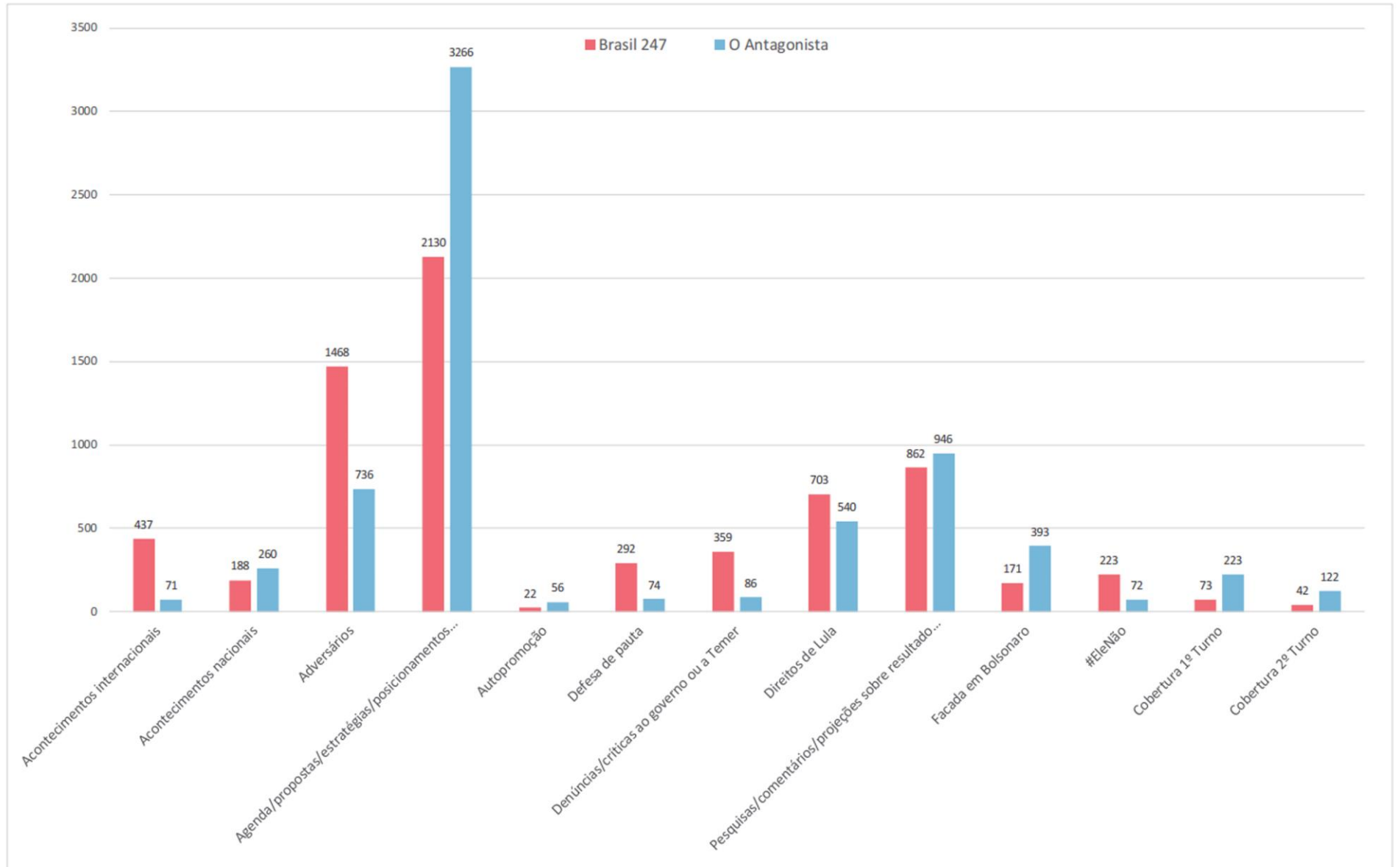


Figura 02: Gráfico comparativo – Volume de publicações por tema

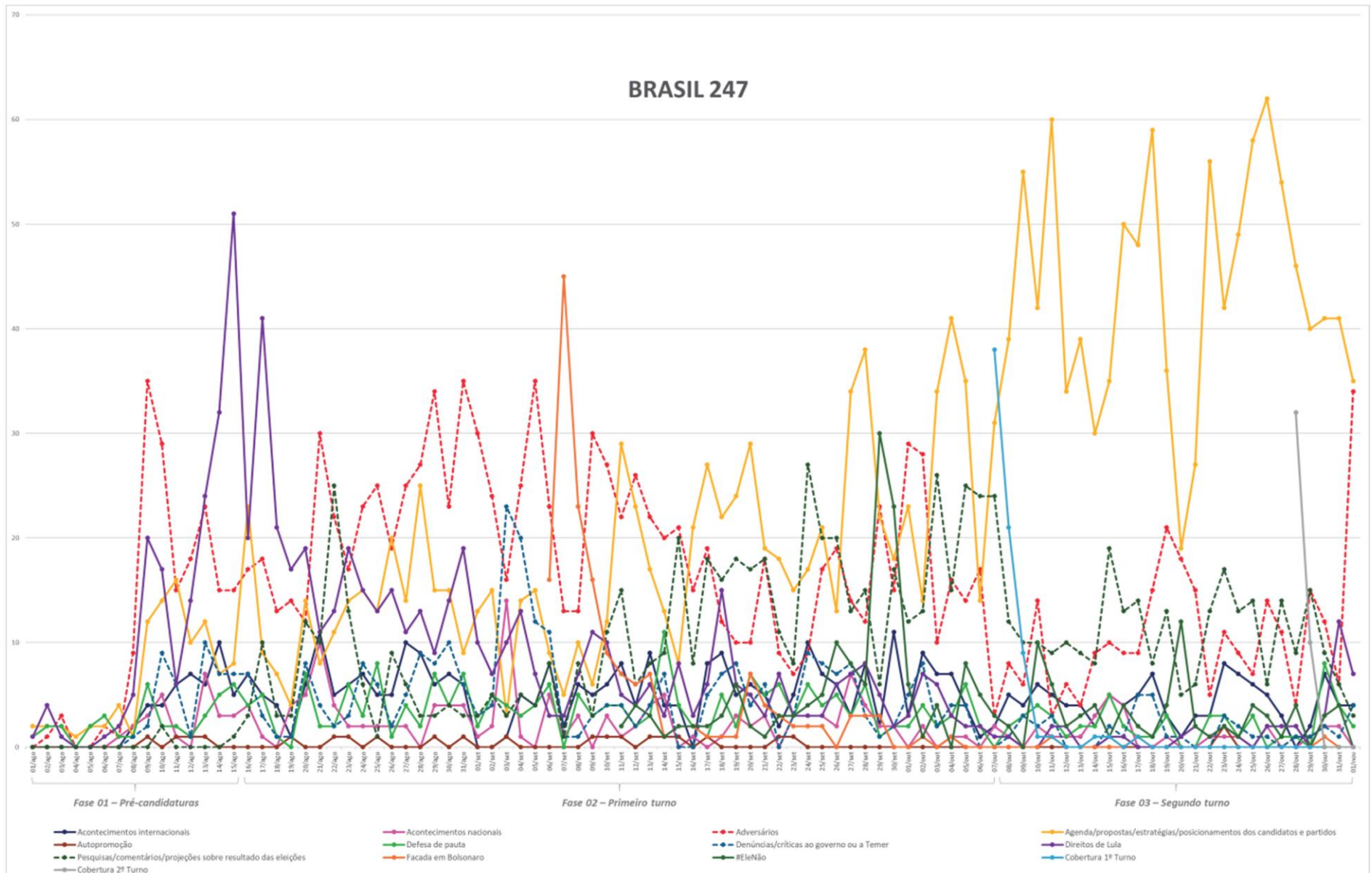


Figura 03: Gráfico comparativo – publicações diárias por tema (Brasil 247)

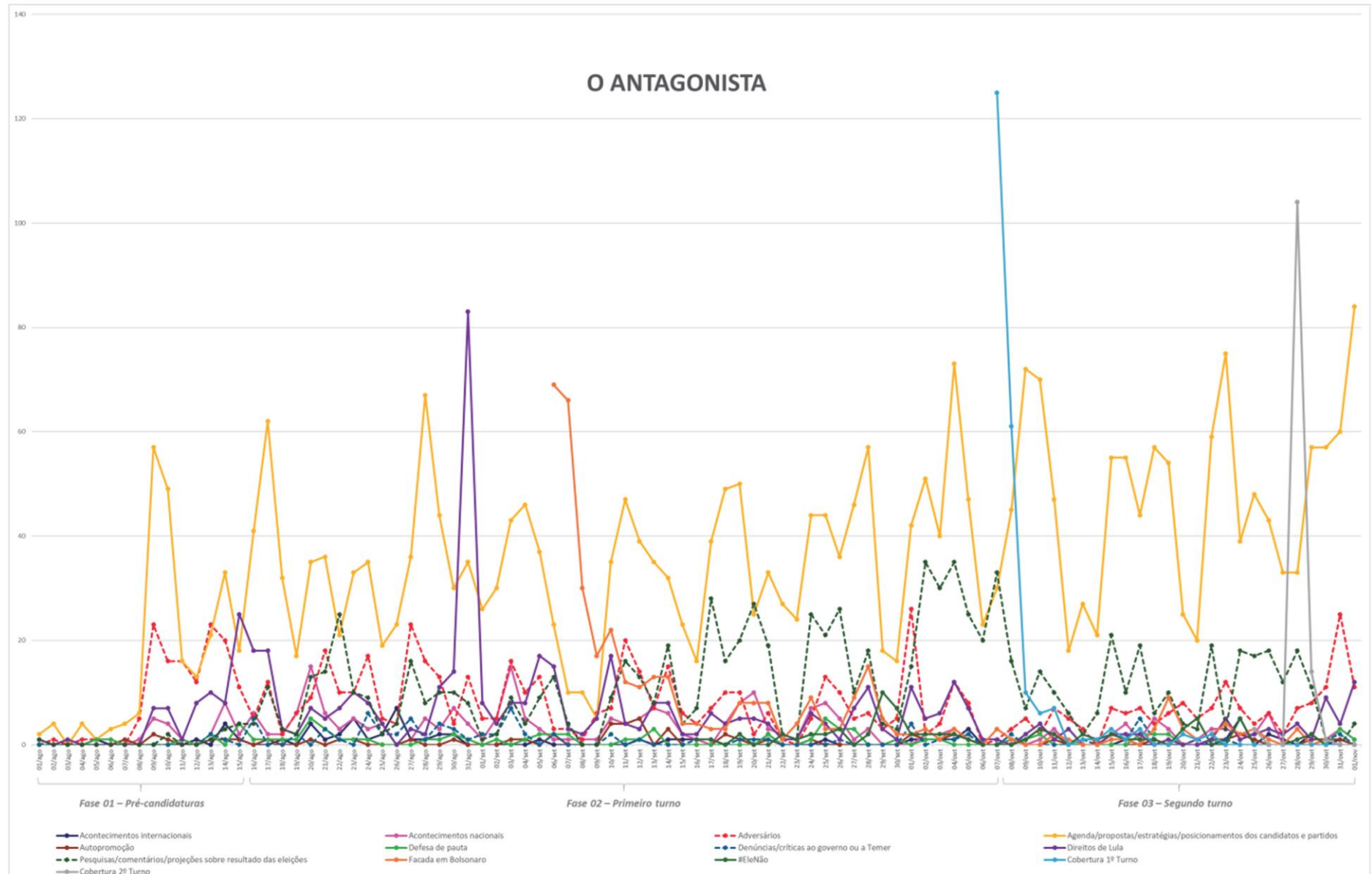


Figura 04: Gráfico comparativo – publicações diárias por tema (O Antagonista)

Abordemos agora um tema de cada vez, explicando quais tipos de publicações foram atribuídas a cada um deles, trazendo também alguns exemplos de posts³⁰.

1) *Acontecimentos internacionais*. As postagens dessa categoria referem-se às notícias sobre fatos ocorridos em outros países, apresentando acontecimentos que estavam fora do cerne das eleições. Tais publicações eram trazidas por ambos os portais de duas formas: (1) com o intuito de apenas informar sobre um acontecimento internacional de forma rápida, como por exemplo o número de mortos em um terremoto na Indonésia, número de vítimas de um acidente na Itália, falecimento de alguma personalidade reconhecida mundialmente etc; (2) com a apropriação do fato para defender alguma ideia que se enquadre no posicionamento do enunciador.

- *Brasil 247*. Traz diversas notícias comentando e criticando a guerra econômica de Trump com diversos países entre outros acontecimentos envolvendo o mercado internacional, como por exemplo a situação político-econômica dos EUA, Argentina, e Turquia, os quais são sempre apresentados como “modelos a não se seguir”.

No dia 22/08, há por exemplo, um post (109 likes, 23 comentários e 19 compartilhamentos) com os dizeres “Trump segue adiante com sua guerra ao mundo” tendo como título da matéria “EUA ameaçam Rússia com muito mais sofrimento econômico”. Outro post feito no dia 01/11 (447 likes, 204 comentários e 304 compartilhamentos) o enunciador diz que a “Casa Branca fez um duro discurso contra Venezuela, Nicarágua e Cuba, classificando os três países como tiranos e prometendo combater-los até a queda”, tendo como título “Conselheiro de Trump declara guerra contra Cuba, Venezuela e Nicarágua” (447 likes, 203 comentários e 304 compartilhamentos), aqui o apoiador de Trump e suas formas de governo é o “outro indesejado” ligado ao fomento da guerra e imperialismo norte-americano.

Sobre as críticas ao modelo econômico podemos trazer como exemplo dois posts sobre a crise argentina e suas políticas neoliberais: no dia 09/09 o enunciador afirma que “Macri afundou o país vizinho” e que a “crise Argentina deixa Brasil em alerta” (381 likes, 42 comentários e 299 compartilhamentos). No dia 18/09 o enunciador publica matéria com o título “Lava Jato Argentina pede prisão de Cristina Kirchner” (181 likes, 48 comentários e 77 compartilhamentos) mencionando que “enquanto a Argentina mergulha no caos de Mauricio Macri, Justiça persegue Cristina Kirchner”, fazendo um claro comparativo com a situação do Brasil, em que, enquanto medidas neoliberais prejudicam o país, um ex-presidente também é perseguido judicialmente, criticando assim a operação Lava jato.

- *O Antagonista*. Traz notícias sobre as decisões de Trump sempre como algo positivo; a situação econômica da Argentina, e principalmente da Venezuela, sempre com fortes críticas ao governo Maduro e associando-o às lideranças da esquerda brasileira.

³⁰ Nesse texto não examinaremos as imagens das publicações em detalhe devido ao fato de que os portais raramente as utilizam em seus posts. Na maioria das vezes ambos os portais postam em suas páginas as matérias/notícias em forma de link, os quais não possuem imagens que possibilitariam uma análise mais aprofundada. Provavelmente os portais optam por postar links com imagens-padrão por ser uma prática de publicação mais rápida e cômoda quando se trata de cobrir diversos acontecimentos em tempo real.

Em publicação feita no dia 30/08 o enunciador afirma que “Decisão de Trump beneficia o Brasil” (3,7 mil likes, 127 comentários e 854 compartilhamentos) pois “As empresas americanas que comprarem aço do Brasil não vão precisar pagar 25% a mais sobre o preço original”, buscando evidenciar os EUA como aliado e exemplo a se seguir. Sobre o caso da Argentina, já citado acima, *O Antagonista* publica matéria no dia 23/08 com o título “Polícia argentina revista casa de Cristina Kirchner” (1 mil likes, 106 comentários e 321 compartilhamentos) e explica que “Cristina é mais um dos esquerdistas latino-americanos acusados de receber propinas milionárias”. Sobre a situação da Venezuela, em post feito no dia 28/08 o enunciador comenta que “Peru declara emergência na fronteira por fluxo de venezuelanos” (1,3 mil likes, 47 comentários e 582 compartilhamentos) afirmando que “O Antagonista nunca deixará de lembrar que o PT continua apoiando esse desastre”. Aqui o antipetismo se manifesta com indignação e ressentimento, retratando o PT como “apoiador de ditaduras”.

- 2) *Acontecimentos nacionais*. Se assemelha à categoria anterior. As postagens enquadradas nessa categoria correspondem às notícias sobre fatos ocorridos no Brasil que estavam fora do cerne das eleições. Como, por exemplo, acidentes, morte de alguma personalidade considerada importante no país, crescimento de setores do mercado de trabalho, índice de violência, estimativas de inflação, entre outras.

Como exemplo de apropriação de algum acontecimento nacional para defender alguma ideia que se enquadre no posicionamento do portal, tivemos na madrugada do dia 2 para o dia 3 de setembro o incêndio no Museu Nacional do Brasil (G1, 04/09/2018). Tal ocorrido colocou em debate a falta de investimentos e a má gestão de riscos para com o museu nos últimos anos, o que rapidamente se tornou um grande embate nas redes, em que se disputava a nomeação dos culpados pela tragédia. De acordo com os gráficos (*figuras 03 e 04*) podemos observar que ambos os portais apresentam um pico de publicações referente a esse grupo temático no dia 3, o que se deve ao grande volume de postagens abordando a tragédia.

- *Brasil 247*. Traz diversas publicações em que atribui a causa do incêndio aos cortes e teto de investimentos em educação ocorridos na gestão pós-golpe. Para o portal o incêndio “não foi um acidente, foi um crime” e simboliza o descaso pela educação promovido pelo “governo golpista”.

No dia 03/09 o enunciador publica uma charge do cartunista Nando Mota (295 likes, 52 comentários e 196 compartilhamentos). Nela podemos ver os destroços do museu e três homens em frente a tragédia. Esses homens são, um operador de câmera, um entrevistador, e um entrevistado de terno que aponta para os destroços e diz “o povo pode ficar tranquilo, em breve vamos inaugurar aqui, o museu do descaso”. No mesmo dia outra publicação (235 likes, 46 comentários e 57 compartilhamentos) mencionava que “aluna da UFRJ, que estava no museu, conta que o prédio não tinha água para conter fogo”, completando que “ela também fez críticas à PEC 95, do Teto de Gastos, que reduziu drasticamente o repasse de verba do governo federal para a manutenção do museu”. Em publicação do dia 06/09 em matéria com o título “Deixa queimar, deixa morrer” (57 likes, 30 comentários e 11 compartilhamentos) o enunciador afirma que “o incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro é o símbolo e a realização material do governo Temer” completando que “o corte desproporcional de recursos, mesmo em

comparação com outras áreas, reduzidos à metade nos últimos cinco anos, torna este um incêndio criminoso”.

- *O Antagonista*. Traz publicações em que atribui a tragédia aos governos das últimas décadas, fazendo menção indireta à gestão do PT. Para o portal o ocorrido simboliza a consequência de anos de um “governo incompetente”, o qual não se preocupava devidamente com a educação. Além disso *O Antagonista* responsabiliza pelo incêndio a administração do museu, que é feita pela UFRJ, e pontualmente ao reitor da mesma, lembrando sempre que o mesmo é filiado ao PSOL.

No dia 03/09 o portal publica matéria (2,5 mil likes, 160 comentários e 1 mil compartilhamentos) apontando que há 14 anos o Secretário Estadual de Energia, Indústria Naval e Petróleo, Wagner Victor teria avisado que o museu pegaria fogo se nada fosse feito, “são fiações expostas, malconservadas, alas com infiltrações, uma situação de total irresponsabilidade com o patrimônio histórico”. No dia 04/09 na publicação de título “Museu Nacional estava sem alvará dos bombeiros” (1 mil likes, 117 comentários e 306 compartilhamentos) o portal traz a informação de que “Ao MPF, o reitor psolista Roberto Leher alegou que não teve tempo suficiente para reunir toda a documentação. Mas a verdade é que o Museu estava operando sem o alvará”. Em publicação feita no dia 07/09 (3,5 mil likes, 702 comentários e 682 compartilhamentos) o portal, ignorando os cortes e teto de investimentos de Temer, informa que “o governo federal estuda retirar da UFRJ a administração do Museu Nacional” e que isso se deve à pressão das empresas que se prontificaram a financiar a restauração do prédio e a recuperação do acervo, as quais exigiram novas condições de gestão, e assim *O Antagonista* completa: “A ideia é boa. Mas deveria ter sido implantada antes de a incompetência da gestão do PSOL na UFRJ ajudar a destruir o museu”. Essa identificação dos representantes da esquerda, sejam do PSOL ou PT, como grandes incompetentes, desqualificados e péssimos gestores é bastante presente nas publicações do portal ao longo de todo período das eleições.

3) *Adversários*. São enquadradas nessa categoria as postagens que trazem a caracterização daquele que cada enunciador define como adversário/inimigo naquele momento.

- *Brasil 247*. São apresentados como adversários: políticos que representam a continuidade do Golpe que destituiu Dilma em 2016, os quais seguem desfazendo tudo que foi conquistado na gestão do PT e apoiando reformas impopulares; Políticos e lideranças da direita, estes descritos na maioria das vezes como conservadores, fascistas, machistas, homofóbicos, entreguistas, neoliberais e saudosistas da ditadura; Integrantes do Poder Judiciário (principalmente o STF), estes acusados de “militância política contra o PT”; Juízes e Integrantes da PF que atuam na operação Lava Jato, não em sua totalidade, mas no que diz respeito à “partidarização da operação”, como aponta o portal.

O grupo temático *adversários* é o 2º com maior volume de publicações do portal (*figura 02*), e, como apontado no gráfico comparativo de temas por dia (*figura 03*), as datas mais expressivas são, dia 31 de agosto e 1 de novembro, as quais são respectivamente: a votação para impugnação da candidatura de Lula, e indicação de Sergio Moro para ministro, após o resultado das eleições.

No dia 31/08 a maioria das publicações colocavam como adversários membros do TSE e do STF que votaram a favor da impugnação de Lula, citando pontualmente os ministros Rosa Weber, Luís Roberto Barroso, e a chefe da PGR, Raquel Dodge, como podemos ver por exemplo na publicação que leva o título “O Brasil está entre Lula e o fascismo. Os juízes escolherão o fascismo?” (600 likes, 181 comentários, 516 compartilhamentos) em que as decisões contra o ex-presidente são retratadas como ameaça à democracia e autoritarismo contra a “vontade do povo”. No dia 01/11 a maioria das publicações colocavam Moro, após aceitar ser ministro no governo Bolsonaro, como o maior adversário da esquerda. Aqui o enunciador manifesta indignação em tom de denúncia, retratando o ocorrido como um plano que decidiu o rumo das eleições ao impedir a candidatura de Lula com sua prisão. Por isso naquele dia o *Brasil 247* denunciava o, já bastante criticado pelo portal, juiz da Lava Jato como “cabo eleitoral” de Jair Bolsonaro, postando por exemplo que “Moro e Bolsonaro estavam militando no mesmo projeto político” (4,9 mil likes, 289 comentários e 5,4 mil compartilhamentos) e também que “Moro ajudou a eleger Bolsonaro e vai agora governar” (1,1 mil likes, 211 comentários e 847 compartilhamentos).

- *O Antagonista*. São apresentados como principais adversários: Políticos de partidos de esquerda, principalmente os ligados ao PT, estes descritos como fanáticos, oportunistas, incompetentes, corruptos e bandidos; Líderes dos movimentos populares MST e MTST; Integrantes do Poder Judiciário, pontualmente aqueles que votaram a favor do reajuste de salário do STF, juntamente com aqueles que tomaram alguma decisão que “prejudicaria a eficácia da operação Lava Jato” ou que “beneficiariam” Lula nas investigações.

O grupo temático *adversários* é o 3º com maior volume de publicações do portal (*figura 02*). Como podemos ver no comparativo diário (*Figura 04*) o grupo temático não tem grandes picos de publicações, se mantendo relativamente estável durante o período analisado, entretanto as datas mais expressivas para analisarmos são, dos dias 11 a 15 de agosto, período referente à marcha do MST em Brasília em apoio à candidatura de Lula, e dia 31 de agosto, referente a votação para impugnação da candidatura de Lula.

Ao comentar a marcha em apoio à Lula *O Antagonista* buscou evidenciar o quanto a mesma atrapalhava a ordem, atribuindo o caos à João Pedro Stédile (líder do MST) e seu “exército” baderneiro, caracterizando-o como uma ameaça à paz e a ordem, como podemos ver por exemplo em publicação do dia 14/08 (905 likes, 126 comentários e 170 compartilhamentos) onde é mencionado que “centenas de integrantes do grupo criminoso interromperam as principais vias da capital, interditando inclusive os acessos ao Plano Piloto e ao Aeroporto Internacional JK”. Aqui o discurso predominante é o da ordem.

Sobre a impugnação da candidatura de Lula, naquele momento o portal direcionava suas críticas ao único ministro que votou contra a mesma, Edson Fachin, caracterizando-o como um grande adversário por “defender o presidiário”, como podemos ver na publicação de título “A recaída petista de Fachin” (6,5 mil likes, 1,1 mil comentários e 1,6 mil compartilhamentos). Aqui o ódio se manifesta com a ironia e raiva de modo que o *outro* indesejado é sempre um apoiador de Lula, criminoso, baderneiro, “fora de si” e ligado ao PT.

- 4) *Agenda/propostas/estratégias/posicionamentos dos candidatos e partidos*. Por se tratar de postagens exclusivamente direcionadas ao cerne das eleições, tal grupo temático é o

que possui o maior volume de publicações em ambos os portais (*figura 02*). As postagens assim categorizadas são as que evidenciam o posicionamento dos portais em relação a cada candidato. Deste modo cada portal trazia diariamente comentários sobre a agenda dos candidatos e partidos, seja apoiando, criticando ou se mostrando “neutro”.

• *Brasil 247*. Ao comentar a agenda dos candidatos o portal demonstrou apoio principalmente ao PT e suas estratégias de campanha, sem fazer absolutamente nenhuma crítica a elas, e trazendo muitas vezes o nome de Lula como o grande líder e unificador das esquerdas. Além disso demonstrou apoio à candidatura de Guilherme Boulos (PSOL) e a algumas medidas da agenda de Ciro Gomes (PDT) e de Marina Silva (REDE). O portal raramente buscou parecer neutro, direcionando suas críticas a Geraldo Alckmin (PSDB), João Amoêdo (NOVO) e principalmente a Jair Bolsonaro (PSL).

Foram 2130 publicações assim tematizadas, de modo que as subcategorias se distribuíram de acordo com o gráfico a seguir:

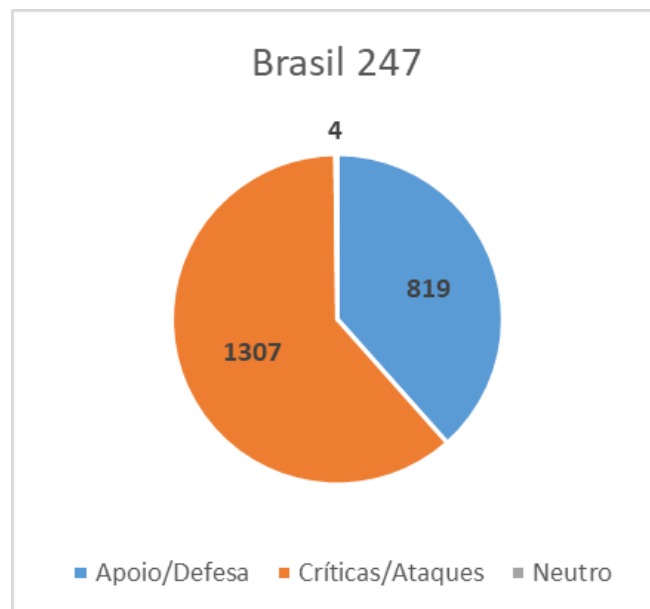


Figura 05: Gráfico – subcategorias Agenda/propostas/estratégias/posicionamentos dos candidatos e partidos

Como pode ser observado no gráfico comparativo diário (*Figura 03*) uma das datas mais expressivas desse grupo temático é 18 de outubro, dia em que foi a público a denúncia de “caixa dois” na campanha de Bolsonaro³¹. Após o ocorrido o *Brasil 247* demonstrou forte apoio à denúncia, buscando mostrar a importância da mesma para a mudança do rumo das eleições, trazendo notícias com apoio à Haddad e ataques constantes à Bolsonaro, acusando-o de prática eleitoral ilegal e abuso de poder econômico. Como podemos ver por exemplo nas publicações “Métodos criminosos de Jair Bolsonaro são intoleráveis na democracia” (1,1 mil likes, 347 comentários e 839 compartilhamentos) e “Esquema no

³¹ A denúncia foi feita no jornal Folha de S. Paulo por Patrícia Campos Mello, em que a jornalista afirma que empresas teriam comprando pacotes de disparos em massa de mensagens contra o PT no WhatsApp, com contratos que chegariam a R\$ 12 milhões. A prática é considerada ilegal de acordo com a legislação eleitoral, pois se trata de doação de campanha por empresas e não declarada (FOLHA DE S. PAULO, 18/10/2018).

whatsapp pode resultar em cassação da candidatura Bolsonaro, acreditam juristas” (2,5 mil likes, 521 comentários e 2,5 mil compartilhamentos).

• *O Antagonista*. Inicialmente o portal demonstrou apoio abertamente apenas a João Amoêdo. Em um segundo momento após as pesquisas apontarem o embate entre Bolsonaro e Haddad de forma mais clara, o portal demonstrou todo seu apoio a Bolsonaro e sua agenda. Dentre as críticas, a maioria das publicações foram direcionadas ao PT e suas estratégias de campanha. Ao comentar sobre os demais candidatos *O Antagonista* não poupou críticas e ironias a nenhum deles, demonstrando apoio apenas a propostas que tinham como foco o incentivo ao livre mercado, reforma da previdência, redução do Estado etc. Deste modo o enunciador ataca enfaticamente Lula e o PT, mas constrói um discurso de defesa buscando deixar claro que não apoia políticos corruptos nem incompetentes, deixando claro seu repúdio à “velha política” e exaltando sempre a imagem do novo político gestor. As postagens consideradas “neutras” foram as que apenas comentavam algo corriqueiro sobre a campanha dos candidatos, como por exemplo onde os mesmos estariam nos próximos dias, quando os partidos fariam reuniões para definir estratégias etc.

Foram 3266 publicações assim tematizadas, de modo que as subcategorias se distribuíram de acordo com o gráfico a seguir:

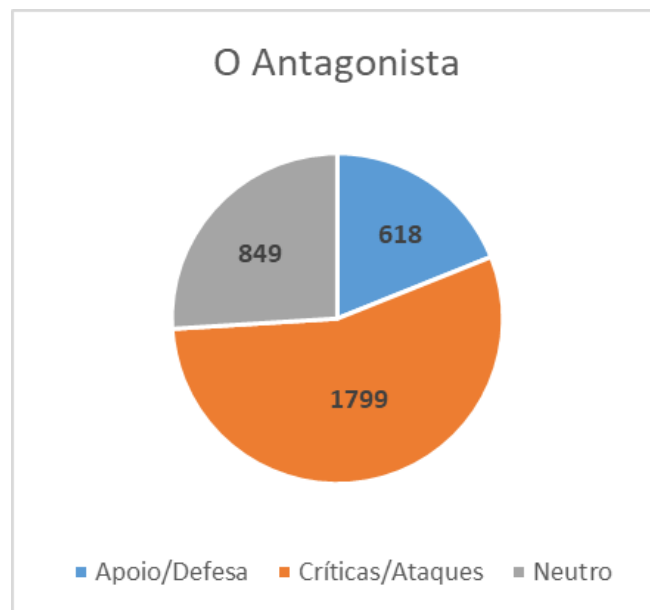


Figura 06: Gráfico – subcategorias Agenda/propostas/estratégias/posicionamentos dos candidatos e partidos

Como podemos observar no gráfico comparativo diário (*Figura 04*) o grupo temático apresenta alguns picos de publicação nos dias 09 e 17 de agosto, e 4 de outubro. Tais datas correspondem aos debates televisivos entre os presidentiáveis (respectivamente na TV Bandeirantes, Rede TV e Rede Globo) os quais receberam bastante atenção do portal, que por sua vez aproveitava o momento para comentar sobre as agendas e posicionamentos dos presidentiáveis. Entretanto as datas mais expressivas desse grupo

temático são: dia 06 de agosto, a divulgação da “chapa tripla” do PT³², e dia 01 de novembro, indicação de Sergio Moro para ministro de Bolsonaro.

A partir do dia 06 de agosto vemos no gráfico (*Figura 04*) o início de uma grande curva de crescimento no volume de publicações desse grupo temático, isso se deve ao início das críticas do portal referentes às decisões e estratégias eleitorais do PT, tendo como foco ataques à formação da “chapa tripla”. Em publicação do dia 06/08, por exemplo, a qual trazia o título “A fantasia petista e o mundo real” (1,2 mil likes, 61 comentários e 128 compartilhamentos) *O Antagonista* comentava sobre a estratégia do PT dizendo que ela não passava de uma fantasia, pois “no mundo real, Lula é um corrupto inelegível, Haddad é um poste e Manuela será sua vice”. No dia 07/08 *O Antagonista* traz, na publicação com o título “Alckmin elogia ‘estratégia’ do PT” (479 likes, 185 comentários e 192 compartilhamentos), a informação de que Lauro Jardim (Jornalista d’*O Globo* e ex-colunista da revista *Veja*) afirma que Alckmin vem elogiando a estratégia do PT em rodas de conversa em Brasília, de modo que o candidato a presidência acharia “acertado – para o objetivo dos petistas – o plano de manter o presidiário candidato até quando for possível”, fazendo assim uma crítica não só ao PT mas também buscando a desmoralização do peessedebista, se apropriando do sentimento antipetista para criticar um antipetista. Com isso observa-se que qualquer um que apresentar algum tipo de opinião/ação que esboce apoio ao PT será fortemente criticado e jogado no campo do “inimigo”.

No dia 01/11 *O Antagonista* noticiou o episódio comentando detalhes do encontro entre Bolsonaro e Moro, e não deixou de ressaltar o descontentamento e denúncias do setor da esquerda com ironias e chacotas, retratando tais ações como “choro de bandido”. Além disso trouxe mensagens de apoio à decisão de Bolsonaro e também ao próprio Moro, retratando a decisão como algo extremamente positivo para o país, como por exemplo na publicação “Bolsa tem alta recorde com Moro” (26 mil likes, 661 comentários e 14 mil compartilhamentos), em que o portal menciona que “O combate à corrupção melhora a economia e não o contrário, como diziam Lula e os petistas”.

5) *Autopromoção*. São postagens que convocam o público para apoiar os portais.

- *Brasil 247*. Traz a público personalidades influentes que, através de uma assinatura solidária, ajudam a financiar o portal, enquanto convoca seu público a também contribuir. Dentre as personalidades vemos conhecidos representantes da esquerda nacional, como por exemplo, Marcia Tiburi (filósofa, artista plástica, professora universitária, ex-PSOL, atualmente filiada ao PT), João Goulart Filho (Filósofo, ex-deputado estadual, presidente do Instituto João Goulart), e Marcelo Freixo (deputado estadual pelo PSOL).

- *O Antagonista*. O enunciador, utilizando publicações patrocinadas, convoca seu público para se manter informado assinando suas *newsletters*. Além disso o portal divulga a revista digital *Crusoé* (esta produzida pela mesma equipe, mas com conteúdo de acesso restrito a pagantes) convocando o público para se tornar um assinante, da seguinte forma: “Apesar da importância histórica destas eleições, a imprensa não está falando toda a

³² O partido fechou um acordo com o PCdoB, que desistiu de lançar Manuela D’Ávila como candidata à presidência optando por apoiar o PT. Com isso de acordo com a estratégia de comunicação do partido Manuela D’Ávila se tornou uma espécie de “segunda vice” e caso Lula fosse impedido de se candidatar, Haddad, o “primeiro-vice” da chapa tripla, assumiria a candidatura presidencial e Manuela se tornaria sua vice. Isso foi de fato o que aconteceu após Lula ter sua candidatura impugnada.

verdade para você. Não espere até outubro para ser pego de surpresa”, “Há um projeto autoritário nesta eleição, e estão escondendo isso de você” ou “A Revista Crusoé quer ajudá-lo a se livrar dos corruptos que atrasam o país e nos mantêm isolados do mundo moderno”, assim enfatizando o trabalho de enfrentamento dos corruptos em prol da limpeza política. Tais textos se repetem algumas vezes ao longo do período analisado, mostrando que o enunciador busca também se posicionar como um “paladino da verdade e da justiça” desmascarando a mídia mentirosa e lutando contra os corruptos.

- 6) *Defesa de pauta.* As postagens enquadradas nesse grupo correspondem às que explicitam o apoio a alguma causa que se enquadre no posicionamento político do portal, de modo que o enunciador busca apresentar uma fala articulada explicando ao enunciário suas posições durante aquele momento das eleições. Em tais postagens ambos os portais buscam na maioria das vezes uma abordagem mais dinâmica, promovendo debates em vídeo (seja com convidados ou entre sua própria equipe), monólogos e matérias em que o enunciador se posiciona como especialista em algum assunto.

- *Brasil 247.* Nessa categoria o portal traz discussões abordando temas como artes, sociologia, economia e política. As pautas defendidas são: movimentos identitários (direitos LGBTQ+, cotas, religiões afro), feminismo (igualdade de gênero, questão do aborto como saúde pública, questão do feminicídio), movimentos sociais (MST, MTST, BFP) e direitos do trabalhador (contra as reformas impopulares).

- *O Antagonista.* Traz discussões sobre temas como economia, política e direito. As pautas defendidas nessa categoria são: reforma da previdência, privatizações, livre mercado, redução de impostos e Estado mínimo.

- 7) *Denúncias/críticas ao governo ou a Temer.* Tais postagens referem-se às que apresentam críticas diretas ao governo Temer e suas decisões.

- *Brasil 247.* Direciona tais publicações às medidas de Temer e suas consequências para a população, sempre trazendo dados e pesquisas que apontam em números a decadência social do país pós-golpe.

- *O Antagonista.* Direciona suas críticas não pontualmente ao governo Temer, mas sim à pessoa Michel Temer, na maioria das vezes acusando-o de estar preocupado com sua impopularidade e com receio de assinar decretos importantes.

- 8) *Direitos de Lula.* As postagens dessa categoria trazem questionamentos sobre os direitos políticos de Lula. Tal grupo temático é o 4º com maior volume de publicações em ambos os portais (*figura 02*). Isso se deve ao fato da grande discussão em torno da candidatura do ex-presidente, o qual se encontrava, ao mesmo tempo que preso em Curitiba pela operação Lava Jato, na liderança das intenções de voto de acordo com pesquisa de intenção de voto realizada pelo Datafolha (ESTADÃO, 02/12/2017).

- *Brasil 247*. Presta total apoio aos direitos políticos de Lula (participar das eleições, participar dos debates, e direito à liberdade) este apontado como preso político e vítima de perseguições judiciais. Grande parte das publicações referentes a esse tema abordam a decisão da comissão dos direitos humanos da ONU, e as manifestações em apoio à candidatura do ex-presidente e da democracia.

Como podemos ver no gráfico (*figura 03*), as datas mais expressivas desse grupo temático são, dias 09, 15 e 17 de agosto, as quais são respectivamente: o primeiro debate dos presidentiáveis na TV; o registro oficial da candidatura de Lula no TSE; e o pronunciamento do comitê de direitos da ONU em favor da candidatura de Lula.

No dia 09/08 o *Brasil 247* ao comentar sobre o debate trazia em tom de denúncia que o primeiro debate com os presidentiáveis na TV seria uma espécie de “encontro de coadjuvantes” pois “o líder absoluto em todas as pesquisas não estará presente, nem seu representante”, afirmando que o “Debate sem Lula revela democracia fake” (1,1 mil likes, 268 comentários e 585 compartilhamentos).

No dia 15/08 o portal vinha apontando em suas publicações a importância desse dia para o setor da esquerda, o apoio de grandes personalidades ao enunciado #LulaLivre, e noticiando Lula como líder nas pesquisas de intenção de votos juntamente com as grandes marchas dos movimentos populares em apoio à candidatura do ex-presidente. Após o registro oficial da candidatura de Lula no TSE, quando foi publicada uma foto³³ (1,3 mil likes, 355 comentários e 353 compartilhamentos) do recibo do registro assinado pelo TSE com o texto “É oficial #LulaÉCandidato”, o enunciador seguiu afirmando em suas publicações que “o Brasil quer Lula na disputa” e que votar no ex-presidente seria um direito do povo, afinal o registro foi feito pelo próprio povo em um grande “ato de soberania popular” pela democracia, retratando a oficialização da candidatura como proveniente de um sentimento de esperança. Além disso houveram mais publicações em tom de denúncia em que era mencionado que partidos adversários já haviam entrado com o pedido de impugnação da candidatura de Lula, e também publicações mencionando as tentativas e possibilidades do próprio TSE e Procuradoria-Geral da República irem contra a mesma.

No dia 17/08 o Comitê de Direitos Humanos da ONU (consultado pela defesa petista) afirma que o Estado brasileiro não poderia invocar leis internas para evitar cumprir obrigações internacionais, e que por isso Lula teria o direito de ser candidato. Com isso o *Brasil 247*, iniciando o dia com a publicação “ONU pronuncia-se oficialmente: Lula tem direito de ser candidato” (5,5 mil likes, 576 comentários e 3,3 mil compartilhamentos), trouxe o fato como uma decisão importantíssima para a democracia brasileira e uma “vitória de Lula contra Moro”, cobrando exaustivamente o cumprimento da decisão pelo TSE no decorrer dos próximos dias.

- *O Antagonista*. Se posiciona retratando Lula como “o presidiário inelegível” o qual não teria os direitos citados acima, colocando toda a movimentação em apoio à sua candidatura como delírios, fantasia, enganação e de “propósitos autoritários”.

³³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Brasil247/photos/a.249276275125387/2193753214011007/?type=3&theater>>

Como podemos ver no gráfico (*figura 04*), as datas mais expressivas referentes ao grupo temático *direitos de Lula* são dias 15 e 31 de agosto, as quais são respectivamente: o registro oficial da candidatura de Lula no TSE; e a votação para impugnação da candidatura de Lula. No dia 15/08 as publicações afirmavam que a candidatura de Lula seria uma farsa e que o ex-presidente seria inelegível por ser um presidiário, como podemos ver nas publicações “Farsa de Lula é protocolada no TSE” (3,3 mil likes, 660 comentários e 738 compartilhamentos) e “Presidiário já aparece no site do TSE” (4,1 mil likes, 995 comentários e 1,6 mil compartilhamentos). Nesta última é mencionado ainda que “Ali se explica que a situação do candidato é ‘cadastrado’, mas que a candidatura ‘aguarda julgamento’. Que o julgamento seja rápido – e faça cumprir a lei”. No dia seguinte (16/08) na publicação “A farsa autoritária do lulismo” (3,4 mil likes, 180 comentários e 691 compartilhamentos) é mencionado que “A Folha de S. Paulo, em editorial, demole a farsa lulista no TSE e denuncia os propósitos autoritários do PT” acusando o partido de buscar a vitória nas eleições justamente para “conceder perdão aos companheiros do partido condenados na Lava Jato, incluindo Lula” e “solapar a autonomia das instituições de controle do exercício do poder”.

No dia 31/08 o portal apontava a votação de impugnação da candidatura de Lula como “O fim da farsa”. Durante a votação as postagens traziam, além da contagem dos votos contra e a favor, comentários com a opinião dos ministros que participavam da mesma, como por exemplo “Tarcísio Vieira inicia seu voto pela conclusão de indeferimento da candidatura de Lula. Segundo ele, não pairam dúvidas sobre a inelegibilidade de Lula”. No dia seguinte (01/09) a primeira publicação do portal trazia como título “Lula nunca mais” (9,8 mil likes, 563 comentários e 1,1 mil compartilhamentos) e comemorava: “Lula fora das urnas, Lula fora das pesquisas, Lula fora da campanha, Lula fora do Palácio do Planalto. Só sobrou seu poste. Que quer Lula fora da cadeia”.

- 9) *Pesquisas/comentários/projeções sobre resultado das eleições.* Nas publicações assim categorizadas ambos os portais buscam, ao divulgar pesquisas de intenção de voto apontando sempre o crescimento ou queda dos candidatos, projetar os possíveis rumos das eleições.
- 10) *Facada em Bolsonaro.* As postagens assim categorizadas são as que trazem a cobertura e comentários sobre o atentado contra Jair Bolsonaro ocorrido no dia 6 de setembro (G1, 06/08/2018).

- *Brasil 247.* O enunciador trouxe, além de notícias sobre o estado médico de Bolsonaro e os hospitais e procedimentos pelos quais o candidato passaria após o atentado, o posicionamento dos adversários do mesmo, os quais demonstravam solidariedade e repúdio a qualquer forma de violência independente de quem seja a vítima. Em publicações posteriores à data não faltaram críticas à violência do atentado e também discutindo os possíveis efeitos do atentado na campanha de Bolsonaro. Houve também publicações criticando os apoiadores de Bolsonaro, os quais, de acordo com as publicações feitas sobre o tema, nos últimos meses teriam relativizado atentados feitos à representantes da esquerda, como por exemplo o atentado contra a caravana de Lula no dia 27 de março de 2018 no Paraná em que foram disparados tiros contra a mesma (G1, 27/03/2018), e o assassinato de Marielle Franco (Vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL) ocorrido também em março do mesmo ano no dia 14 (G1,14/03/2018). Além disso houve

publicações criticando a parcela do setor da esquerda que trazia o argumento de que Bolsonaro teria merecido a facada por disseminar discurso de ódio, reafirmando que a democracia que precisamos não deve levar tal mensagem em consideração, como por exemplo na publicação com o título “Bolsonaro recebeu ódio porque planta ódio: um raciocínio equivocado” (1,2 mil likes, 574 comentários e 393 compartilhamentos).

- *O Antagonista*. O enunciador buscou a todo momento trazer detalhes da situação médica do candidato em “tempo real”, informando sobre a gravidade do caso e decisões médicas divulgadas pelos filhos e apoiadores próximos do candidato. Além das publicações sobre os outros candidatos prestando solidariedade ao candidato, rumos da campanha com o candidato hospitalizado, denúncias ao radicalismo e críticas a uma suposta “campanha de ódio” contra Bolsonaro criada por seus adversários, grande parte das publicações trouxeram como tema central o autor do atentado. Tais publicações mencionavam detalhes sobre a vida do mesmo, pediam punição, e em algumas delas afirmavam que o mesmo seria apoiador de Lula e ex-filiado ao PSOL, claramente buscando associar a imagem da esquerda ao agressor com o intuito de desmoralizá-la, como vemos na publicação com o título “Homem que esfaqueou Bolsonaro é militante de esquerda” (5,9 mil likes, 629 comentários e 4,9 mil compartilhamentos) em que é mencionado que “No Facebook, Adélio Bispo de Oliveira postou diversas fotos em manifestações contra Michel Temer e a favor de Lula”.

- 11) *#EleNão*. São postagens que comentam sobre o movimento popular que se opunha a Bolsonaro e sua agenda. Tal movimento surgiu, inicialmente liderado por grupos feministas nas ruas e nas redes, por volta do dia 18 de setembro como iniciativa do setor da esquerda organizando grandes atos, eventos e encontros contra o candidato, os quais pipocavam a todo momento trazendo o enunciado *#EleNão*, o que resultou em uma grande campanha popular contra Bolsonaro e seu plano de governo, buscando conscientizar os ainda indecisos sobre o quão nocivo seria para as minorias a eleição do candidato, repudiando assim tudo o que ele representara em sua trajetória política.

O enunciado (que surgiu como reação aos enunciados *#BolsonaroPresidente*, *#BolsoMito*, *#Bolsonaro2018*, *#B17* entre outros, os quais já vinham sendo populares há alguns anos em apoio à candidatura de Bolsonaro) trazia consigo o sentimento de que Bolsonaro não deveria ser nominado para que não ganhasse mais popularidade nas redes durante as eleições. Desse modo, usando o enunciado *#EleNão*, as pessoas que fossem contra a candidatura de Bolsonaro não contribuiriam com campanhas digitais e algoritmos de redes sociais ao mencionar o candidato. Isso trouxe um clima simbólico que variava entre menções ao candidato como ele sendo “um vilão obscuro e inominável” e a chacota, em que as pessoas buscavam nomes alternativos para mencioná-lo, como por exemplo “Bolsonazi”, “Boçalnaro”, “Bonoro”, “Salnorrabo”, “Bozo” (fazendo referência ao famoso palhaço), “Coiso”, entre outros. Além disso, com o enunciado buscava-se descolar seus adeptos da imagem do PT para trazer adesão não apenas do setor da esquerda Lulo-petista mas de qualquer pessoa que não concordasse com a postura de Bolsonaro independente do espectro político, colocando-o como uma ameaça à democracia e inimigo em comum, assim incentivando uma união popular para combatê-lo, argumentando que “qualquer coisa” seria melhor que “o coiso”, e que “poderia ser qualquer um”, mas “ele não”.

- *Brasil 247*. Além de mostrar que sua equipe também aderira à campanha trouxe publicações que cobriam os atos antibolsonaro em todo o mundo e também publicações mencionando representantes do setor da esquerda e personalidades famosas que aderiram à campanha. Além disso o portal vinha trazendo a seu público informações sobre a união das mulheres em atos contra o Bolsonaro antes mesmo do surgimento do enunciado #EleNão, como podemos ver em uma publicação feita no dia 14 de setembro com o título “O levante das mulheres contra o fascismo” (610 likes, 160 comentários e 193 compartilhamentos) em que eram mencionados o grupo criado no Facebook chamado “Mulheres Unidas contra Bolsonaro” (este que já contava com 1,1 milhão de pessoas) e a militância nas redes contra o candidato que, de acordo com o texto, estaria unindo eleitoras de João Amoêdo, Geraldo Alckmin, Guilherme Boulos, Ciro Gomes, Marina Silva e Fernando Haddad em repúdio à submissão, ao machismo, à misoginia, ao racismo e a quaisquer outros abusos que atentem contra a dignidade da mulher e minorias.

- *O Antagonista*. Não deu a mesma atenção para o movimento, e, apesar de comentar sobre, usou pouquíssimas vezes a *hashtag* #EleNão em sua página oficial, noticiando os atos com um posicionamento de indiferença trazendo também publicações sobre os atos do enunciado reativo #EleSim, feitos em apoio à Bolsonaro, estes ignorados pelo *Brasil 247*. Além disso em algumas publicações foi mencionado que as manifestações do #EleNão estariam se unindo às manifestações #LulaLivre, como na matéria com o título “#EleNão se mistura a ‘Lula livre’ em Brasília” (4,4 mil likes, 948 comentários e 2 mil compartilhamentos), e também que muitos dos atos estariam sendo usados como palanque para candidatas de partidos de esquerda como PT, PSTU, PSOL, PCdoB e Rede, como por exemplo na publicação “Ato contra Bolsonaro em Brasília vira palanque de candidatas” (1,5 mil likes, 367 comentários e 318 compartilhamentos). Aqui predomina o discurso da ordem, em que a esquerda traz o caos a baderna e além de tudo é oportunista, enquanto a direita se manifesta em ordem e civilizadamente.

12) *Cobertura 1º Turno*. Referem-se às postagens em que os portais abordavam: os preparativos para o dia de eleição; os ocorridos durante o período de votação (principalmente conflitos entre petistas e bolsonaristas); a apuração dos votos do primeiro turno em tempo real; e após o resultado, publicações noticiando os candidatos eleitos em todo o Brasil, além de “quem apoiaria quem” no segundo turno.

- *Brasil 247*. O enunciatador ao comentar o resultado, como por exemplo na publicação com título “É oficial: segundo turno será batalha de civilização contra barbárie” (317 likes, 78 comentários e 205 compartilhamentos), mencionava que seria um segundo turno em “condições duríssimas para as forças democráticas”, devido a “força acumulada pelo candidato fascista e pela performance da ultradireita nas urnas”. Aqui mais do que nunca Bolsonaro é retratado, não só como uma ameaça à democracia, como também um representante da barbárie.

- *O Antagonista*. Noticiou inicialmente o resultado comentando que Jair Bolsonaro estaria bem próximo de ser eleito no segundo turno, afinal “Bolsonaro só precisaria de um Amoêdo mais um Daciolo para ser presidente” (19 mil likes, 1,1 mil comentários e 7,9 mil compartilhamentos), comentando assim que a porcentagem de votos para elegê-lo seria muito pequena, não deixando de afirmar em diversas outras publicações que o “poste

de Lula” (Fernando Haddad) não teria chances contra a “tsunami Bolsonaro”. Além disso o enunciador exaltava a popularidade de Bolsonaro como a quebra de um *record*, comparando-o com as vitórias petistas de eleições passadas, como na publicação “Bolsonaro é o mais votado da história” (12 mil likes, 349 comentários e 6 mil compartilhamentos) em que mencionavam que “Nunca antes na história houve um candidato que recebesse tantos votos no primeiro turno quanto ele. Foram mais de 49 milhões de eleitores, superando Lula em 2006 e Dilma Rousseff em 2010”.

13) *Cobertura 2º Turno*. Nas postagens assim categorizadas os portais abordavam: ocorridos durante o período de votação; apuração dos votos do segundo turno em tempo real; e principalmente, após o resultado, comentários sobre a vitória de Bolsonaro.

- *Brasil 247*. Sobre a apuração dos votos o enunciador, que vinha publicando dia a dia sobre os perigos da “ascensão do fascismo” devido ao crescimento de Bolsonaro e mencionando a “possível virada” de Haddad nas urnas como a “salvação da democracia” juntamente com diversas publicações apontando declarações de personalidades influentes que afirmaram votar no PT (dentre elas grandes críticos do PT, como Marcelo Tas, Joaquim Barbosa e Rodrigo Janot), no dia 28 de outubro trouxe em sua pauta diária poucas publicações sobre as pesquisas de boca de urna dando mais atenção para a apuração de fato, trazendo o resultado das urnas apuradas em outros países em que Haddad teria tido maioria de votos e mais relatos de pessoas influentes declarando voto no candidato do PT. Após o resultado das urnas, como podemos ver na publicação “Brasil escolhe o caminho do fascismo” (1,8 mil likes, 662 comentários e 596 compartilhamentos), o *Brasil 247* anunciou a vitória de Bolsonaro como a “vitória da ultradireita fascista” e se dedicou a comentar, fazendo críticas à Bolsonaro, os discursos³⁴ de ambos os candidatos após a apuração oficial, lamentando o resultado.

- *O Antagonista*. No dia 28 antes da apuração e resultado das urnas o portal apostou em publicações que traziam “Lula e Haddad” já como perdedores das eleições, fazendo questão de mencionar diversas vezes as pesquisas de boca de urna do IBOPE e Datafolha, apontando as vitórias da direita que viriam para os outros cargos do executivo, e, a todo momento dizendo que não haveria o “clima de virada” enxergado pelos petistas. Após o resultado *O Antagonista*, além de trazer uma cobertura detalhada da apuração em números, buscou comentar cada passo de Bolsonaro naquele momento de vitória dando foco ao seu discurso, exaltando trechos do mesmo que traziam mensagens de união, verdade, liberdade etc. Enquanto as críticas eram direcionadas todas ao discurso de Haddad, mencionando por exemplo que “Haddad continua a dividir o país” (22 mil likes,

³⁴ Vale comentar aqui a preferência de Jair Bolsonaro em atuar nas redes sociais, o qual após estar ciente de sua vitória fez seu primeiro pronunciamento através de uma transmissão ao vivo via Facebook para seus seguidores na rede social, filmada de dentro de sua casa. Tal pronunciamento independente fez com que a Rede Globo transmitisse as imagens na TV aberta capturadas direto da página oficial de Bolsonaro, em uma prática jamais vista em outras eleições. A decisão estratégica do presidente recém-eleito optando por dois pronunciamentos, sendo um deles via transmissão ao vivo independente e o outro em discurso (escrito pelo General Augusto Heleno, e lido por Bolsonaro) transmitido pela TV aberta na frente de sua casa e ao lado de seus apoiadores, demonstra, além da colocação das redes como prioridade em sua campanha, uma ruptura com a imprensa tradicional. Como contraste vimos Haddad na sede nacional do PT, onde estava reunido com membros do partido desde a tarde do mesmo dia, em um púlpito ao lado de seus apoiadores, mostrando organização partidária e um modo de fazer política mais tradicional. Tal contraste entre os dois nos faz pensar o quanto a forma de fazer política vem mudando com as tendências da sociedade pós-redes digitais.

2,3 mil comentários e 15 mil compartilhamentos) fazendo “um discurso da derrota disruptivo, na velha base petista de dividir o país entre ‘nós e eles’”.

Através da análise dos 13 temas aqui apresentados pudemos identificar as seguintes oposições polarizadoras:

BRASIL 247:

Progressistas da esquerda x Autoritários da direita

(Discurso da **competência** – *Quem é mais apto para governar democraticamente*)

Movimentos sociais x Opressão

(Discurso da **ordem** – *Organização popular para luta contra as elites e autoritarismo*)

Petismo x Fascismo

(Discurso da **democracia** – *Bolsonarismo como ameaça à democracia*)

Povo x Máquina do Estado

(Discurso da **justiça** – *Justiça para Lula e para o povo não perder direitos*)

O ANTAGONISTA:

Especialistas da direita x Loucos da esquerda

(Discurso da **competência** – *Quem é mais apto para vencer o petismo e colocar o país “nos eixos”*)

Instituições e Empresariado x Caos/Baderna

(Discurso da **ordem** – *Defesa da ordem conservadora verde e amarela*)

Brasil x Petistas

(Discurso da **democracia** – *Petistas como ameaça à democracia*)

Povo x Corrupção

(Discurso da **justiça** – *Limpeza moral da política e punição aos corruptos*)

Sendo assim, de acordo com as oposições polarizadoras apresentadas, os quatro discursos principais presentes no corpus são: competência, ordem, democracia e justiça. É a partir desses quatro discursos principais que os pontos nodais são efetivados, e assim as totalizações discursivas são construídas.

Os enunciadores, ao abordarem e debaterem os 13 temas apresentados anteriormente, constroem suas narrativas empregando em cada discurso diferentes pontos nodais. Tomemos como exemplo o discurso da justiça: para o *Brasil 247* o ponto nodal é “defesa de direitos”, de modo que o sentido atribuído ao mesmo é o de que há um golpe articulado pelas elites iniciado em 2016 com o impedimento de Dilma e que em 2018 impediu Lula de participar das eleições, caracterizando uma ameaça contra o povo brasileiro, sua soberania e seus direitos. É a partir de tal abordagem que o enunciador exige “justiça” para o povo. Ou seja, aqui o discurso da "justiça" consiste respeitar os direitos políticos de Lula, caracterizar o impedimento de Dilma como conspiração/golpe contra a democracia, e não aceitar que as elites cometam a injustiça de retirar direitos do trabalhador; enquanto que para *O Antagonista* o ponto nodal para o discurso da justiça é “combate à corrupção”, de modo que o sentido atribuído ao mesmo é o de que os petistas afundaram o Brasil em corrupção, quebrando o país, e por isso justiça deve ser feita com “tolerância zero” aos corruptos, principalmente os petistas. Aqui "justiça" é manter Lula preso e inelegível por ser um criminoso, punir todos os corruptos fazendo uma limpeza moral na política, e deixar a Lava Jato e seus heróis/paladinos fazerem seu “trabalho de honra”. Nos aprofundaremos nisso ao apresentar a *Tabela 02*, a qual traz um comparativo das narrativas construídas por ambos os enunciadores e seus respectivos pontos nodais empregados em cada um dos quatro discursos.

Em outras palavras, é empregando pontos nodais que cada enunciador realiza suas costuras, buscando a partir delas criar determinadas totalizações discursivas. Nossa tarefa foi identificar nos quatro discursos principais quais significantes privilegiados, e em posição de costura (pontos nodais), totalizam cada discurso. Deste modo a tabela a seguir busca organizar os itens dessa análise com a finalidade de comparar as narrativas construídas a partir dos discursos de ambos os enunciadores:

BRASIL 247		O ANTAGONISTA	
OPOSIÇÕES POLARIZADORAS	DISCURSOS		OPOSIÇÕES POLARIZADORAS
Progressistas da esquerda x Autoritários da direita	Competência		Especialistas da direita x Loucos da esquerda
	Representantes da esquerda como os mais aptos e competentes para uma gestão popular e não excludente; Representantes da direita como ameaça às minorias e incompetentes para uma gestão popular, estes descritos como neoliberais, entreguistas, conservadores, fascistas, machistas, homofóbicos etc; Duras críticas a Trump, Bolsonaro, Mourão, Alckmin, Amoedo, Witzel, Dória, Paulo Guedes, Moro entre outros.	Representantes da direita como os mais aptos e competentes para uma gestão político-econômica de sucesso para o País; Representantes da esquerda como uma ameaça à nação brasileira, estes descritos como incompetentes, corruptos, desonestos e loucos delirantes que só pensam em "soltar o Lula". Duras críticas à Maduro, Lula, Freixo, Jean Willys, Boulos, Haddad, Gleisi Hoffman, entre outros;	
	Ponto nodal: gestão popular	Ponto nodal: eficiência econômica (político-gestor)	
Movimentos sociais x Opressão	Ordem		Instituições e Empresariado x Caos/Baderna
	União dos trabalhadores e organização de movimentos sociais como forma legítima de se fazer política; Reivindicações e luta não apenas por meios institucionais, mas através da voz popular nas ruas e redes com uso de campanhas populares, manifestações e protestos (como por exemplo #NãoVaiTerGolpe, #LulaLivre e #EleNão); Combate ao autoritarismo e barbárie da direita e contra os retrocessos das políticas conservadoras; Enfrentamento da ordem conservadora verde e amarela.	Apoio da população às instituições e ao empresariado como premissa essencial para estabelecer "a ordem" na política e obter sucesso nacional; Movimentos sociais e reivindicações trabalhistas atrapalham a ordem necessária para a implantação das reformas que resolverão os problemas do País; Tais movimentos representam o caos, a baderna e estão ligados à bandidos, corruptos e vagabundos da esquerda, os quais quebraram o País (e o retorno dos mesmos ao poder traria mais caos).	
	Ponto nodal: resistência popular	Ponto nodal: defesa do empresariado e do cidadão de bem	
Petismo x Fascismo	Democracia		Brasil x Petistas
	Esquerda lulo-petista como a única garantia de democracia real contra a agenda de Bolsonaro; Combate à "ditadura bolsonarista" e barbárie através das urnas; Exaltação do petismo na luta contra o autoritarismo e uma possível ditadura; Inclusão de minorias, movimentos sociais e identitários; Governar para os mais pobres e classe trabalhadora.	Direita bolsonarista como a única garantia de progresso através do combate ao petismo nas urnas; Exaltação do patriotismo verde-amarelo na luta contra o "autoritarismo petista"; Exclusão de movimentos de esquerda por "atrapalharem a democracia"; Governar "para todos", com foco em desburocratizar o estado e facilitar a vida do empresário.	
	Ponto nodal: combate ao fascismo	Ponto nodal: renovação política (por viés liberal)	
Povo x Máquina do Estado	Justiça		Povo x Corrupção
	PT e outros partidos de esquerda como representantes do povo contra os interesses das elites; Respeito aos procedimentos jurídicos e direitos políticos de Lula; Herança do golpe e governos da direita como ameaça aos direitos do povo; Menção da partidarização da operação Lava Jato contra o PT.	Limpeza moral da política para que o País funcione; Punição aos corruptos, principalmente petistas; Repúdio à morosidade do Judiciário para com investigados e condenados; Políticos da direita como representantes do povo contra a política corrupta da esquerda; Menção a paladinos como Moro e apoio à Lava Jato.	
	Ponto nodal: defesa de direitos	Ponto nodal: combate à corrupção	

Tabela 02: Oposições polarizadoras, pontos nodais e narrativas

3. Povo x Povo

Façamos agora uma síntese de nossas descobertas. Os enunciadores *Brasil 247* e *O Antagonista* constituem seus contratos de comunicação e narrativas a partir de quatro discursos principais – competência, ordem, democracia e justiça – caracterizando o embate discursivo através de variadas oposições polarizadoras e pontos nodais (*tabela 02*), os quais assumem certos sentidos ao sair da flutuação e ao entrar na costura da totalização discursiva, construindo assim o imaginário de um cenário político ideal para o país, o qual vai de acordo com os ideais de cada enunciador. Deste modo a pegada enunciativa dos contratos é sempre na direção da valorização do *mesmo* e na desvalorização do *outro*³⁵, trazendo em suas narrativas, de um modo geral, afetos/paixões ligados principalmente à indignação, ódio, esperança e medo. Comentemos agora cada discurso detalhadamente:

- 1) *Discurso da competência*: os enunciadores não dizem só o que é considerado “competência” para eles naquele momento; eles modalizam seus leitores no sentido de um saber específico. É construído um modo de interpretar o sentido/significado de “competência” com base em valores que norteiam a imagem de um líder político ideal, ao mesmo tempo em que é demonizada a imagem do líder político que não segue os valores ali postos e por isso sua competência é questionada, assim aquele possível líder é figurativizado como “o incompetente”, o *outro* indesejado. Nesse caso, para o *Brasil 247*, a partir do ponto nodal “gestão popular”, a figura de um líder competente é aquela de um político progressista que luta pela soberania popular buscando a implementação de uma gestão a favor do povo, inclusiva das minorias e dos movimentos sociais, acredita em uma economia mais benéfica para o trabalhador, é bom articulador e conciliador entre as forças democráticas (nota-se que tal imagem está bastante ligada a Lula e sua gestão) e que enfrenta os políticos autoritários da direita, os quais não possuem competência para uma gestão do “povo” (que povo é esse? Discutiremos isso em breve). O enunciador *O Antagonista* euforiza a partir do ponto nodal “eficiência econômica” a ideia do “novo político gestor”, homem do mercado, especialista de sua área etc. Por isso o tema da crítica à “velha política” é sempre retomado por um viés liberal, em que a nova política, para realizar-se, precisa enfrentar seu antigo inimigo: o Estado. Essas escolhas, presentes no discurso construído por *O Antagonista*, apresentam

³⁵ Sobre os conceitos do *mesmo* e *outro* ver Prado (2008).

em sua narrativa que seu critério de competência é sempre pautado pelo quesito da eficiência econômica. Tal imagem está bastante ligada a João Dória e João Amoedo, entretanto com a popularidade de Jair Bolsonaro e sua capacidade de unificar conservadores, evangélicos, cristãos, militares saudosistas da ditadura e liberais através de seu discurso polarizador e fortemente antipetista, o candidato e sua equipe (que já contava com indicação de Paulo Guedes para o Ministério da Economia) foram figurativizados como os mais competentes naquele momento, não só para uma gestão político-econômica de sucesso para o País, mas também, e principalmente, para livrar o Brasil do PT e seus aliados “loucos da esquerda”, estes descritos sempre como corruptos, desonestos e delirantes, os quais não teriam competência alguma para governar em prol do “povo” brasileiro.

- 2) *Discurso da ordem*: os enunciadores, ao construir seus contratos modalizadores, atuam pela naturalização de suas concepções de “ordem”, ou seja, apresentam o que consideram “ordem” de maneira unívoca, de modo que aquela inscrita ali seria a única forma legítima de organização popular, enquanto a do *outro* é prejudicial para o “povo” e por isso deve ser combatida. Aqui o enunciador *Brasil 247* a partir do ponto nodal “resistência popular” inscreve em seus textos que a união dos trabalhadores e a organização de movimentos sociais são formas legítimas de se fazer política e de resistência a retrocessos das políticas impopulares, conservadorismo, autoritarismo e barbárie da direita, indo de encontro com o pensamento de Castells (2013), o qual afirma que os movimentos sociais surgem das injustiças (exploração econômica, desigualdade e pobreza, racismo, xenofobia, repressão, fanatismo religioso, machismo, homofobia, opressão, justiça imparcial etc) que formam “redes de indignados” os quais decidem fazer aquilo a que foram constantemente aconselhados (e modalizados pela mídia hegemônica) a não fazer. Segundo Butler (2011) reunir-se em multidão significa reivindicar o público, pois não se faz política sem corpo, deste modo “o espaço público não é somente o suporte material da reunião, mas surge no encontro dos corpos, como espaço de visibilidade e interação” (PRADO, 2017, p. 23). Entretanto com a ajuda das mídias digitais a capacidade de organização desses movimentos foi ampliada, seja nas redes ou fora delas, como pudemos presenciar durante as eleições com o movimento #EleNão e nos acampamentos e marchas a favor da candidatura de Lula realizados pelo MST, os quais foram bastante atuantes nas ruas e redes. Para *O Antagonista* toda essa organização descrita não passa de caos e baderna, pois está ligada a “corruptos e

bandidos da esquerda” e atrapalha a ordem necessária para a implantação das reformas que resolverão os problemas do País. Aqui o ponto nodal é “defesa do empresariado e do cidadão de bem” de modo que para o enunciador a única organização/participação popular aceita é a “verde e amarela” promovida pelo cidadão obediente que se manifesta sem atrapalhar a lei e a ordem, em apoio às instituições e empresariado; o ódio e indignação só são permitidos quando direcionado aos “esquerdistas”, afinal tais grupos aparecem como defensores do caos e não da ordem, e mantêm “teses socialistas/comunistas”, sendo adeptos da violência. Resumidamente, para *O Antagonista* a esquerda traz o caos enquanto a direita protesta em ordem.

- 3) *Discurso da democracia*: os enunciadores inscrevem o sentido de “democracia” em seus contratos como um sistema já aí posto e que está em constante ameaça pelas políticas do *outro*, as quais não representariam de fato a vontade do “povo”, euforizando sempre a necessidade de luta e sacrifício pela defesa da democracia. Tais construções discursivas são ancoradas em paixões/afetos ligados principalmente ao medo, caracterizando assim uma luta passional em que o público é sensibilizado e convocado a combater, seja nas redes, nas ruas e principalmente nas urnas, o *outro indesejado*, este que colocaria em risco o bem do “povo”. Para o *Brasil 247* “democracia” é governar para os mais pobres e classe trabalhadora promovendo a inclusão de minorias, movimentos sociais e identitários. Por isso o enunciador, a partir do ponto nodal “combate ao fascismo”, defende pautas da diversidade das marchas e movimentos de trabalhadores, feministas, grupos LGBTQ+, negros, índios, quilombolas, camponeses, universitários e jovens de todo o Brasil que apoiam o Partido dos Trabalhadores e confrontam Bolsonaro para combater, através das urnas, a barbárie, ou seja, a “ditadura bolsonarista” e o fascismo iminentes. Com isso o enunciador coloca, através da exaltação do petismo na luta contra o autoritarismo e uma possível ditadura, a esquerda lulo-petista como a única garantia de democracia contra a agenda de Bolsonaro. Deste modo o *Brasil 247* busca enfatizar e valorizar a diversidade dos grupos que protestam contra a agenda de Bolsonaro e em defesa da democracia, esta que na concepção do enunciador é movida pelas forças sociais de transformação e reconhecimento das diferenças. Em outras palavras, para o enunciador *Brasil 247* “democracia” é forma de vida pluralista. Tal concepção de democracia não está presente nos contratos d’*O Antagonista*, em que o enunciador nada fala sobre pluralismo, diversidade ou tolerância. Pelo contrário, em seus textos há uma grande homogeneidade que segue valores

exclusivos e não universalistas, em que o povo brasileiro é como massa hegemônica e igualmente indignada, de modo que em suas narrativas toda a pluralidade do social é excluída, quando não atacada e/ou ridicularizada (principalmente grupos feministas e movimentos sociais como MST e MTST), ou seja, no balcão de negociações d’*O Antagonista* sobre os rumos do país não há lugar para “esquerdistas”, feministas, líderes de movimentos sociais e tampouco para as categorias de sujeitos que buscam reconhecimento, como índios, quilombolas dentre outros movimentos identitários. De acordo com o enunciador, estes grupos e movimentos atrapalham a “democracia”, o que implica na necessidade de renovar a política após os anos de tentativa de inclusão promovida pelo PT. Tal concepção de democracia é ancorada em um discurso simplificador construído a partir da perspectiva liberal: Estado mínimo, cidade-empresa, meritocracia, eficiência econômica a todo custo, e ausência de valores de igualdade, equidade e justiça social. Não há reconhecimento do antagonismo social como operador da democracia e não há ecologia dos saberes, no sentido de Boaventura Santos (2006, p. 137). Deste modo *O Antagonista*, a partir do ponto nodal “renovação política”, busca em suas narrativas exaltar o patriotismo verde-amarelo, figurando a direita bolsonarista como oportunidade de renovação política e única garantia de progresso através do combate ao petismo nas urnas, a qual irá governar “para todos”, sem distinção, com foco em desburocratizar o Estado e facilitar a vida do empresário, sem se preocupar com pautas de esquerda consideradas inúteis, enquanto enfatiza que o retorno dos petistas ao poder seria a ruína do país e traria mais sofrimento para o “povo” brasileiro.

- 4) *Discurso da Justiça*: os enunciadores euforizam a necessidade imediata de “justiça para o povo” elegendo os representantes desse “povo”, os quais lutariam para trazer a justiça que o Brasil precisa no momento, bem como apontam quem seriam os principais adversários que se opõem ao que cada enunciador considera como “justiça”. Deste modo seus contratos de comunicação atuam pela naturalização de suas concepções de “justiça” em oposição às reivindicações de “justiça” do *outro*, de forma que tais reivindicações antagônicas são figuradas como “injustiça”. Nesse caso para o *Brasil 247*, a partir do ponto nodal “defesa de direitos”, há em seu discurso uma oposição polarizadora entre “povo e máquina do Estado” (*tabela 02*). Nesse conflito o PT e outros partidos de esquerda são os representantes do povo contra: (1) os interesses das elites, estas que chegaram injustamente ao poder após o golpe de 2016 e se estabeleceram no Estado impondo suas reformas impopulares, que retiram direitos do trabalhador; (2) a “caça às

bruxas” promovida pela operação Lava Jato, a qual, de acordo com o enunciador, foi partidária ao perseguir judicialmente Lula e articular a todo custo sua prisão antes das eleições, o privando do direito de se candidatar. Sendo assim as principais reivindicações de justiça lançadas pelo *Brasil 247* são: a defesa de direitos do povo, imparcialidade de julgamento e respeito aos procedimentos jurídicos e direitos políticos de Lula, o qual de acordo com o enunciador é incontestavelmente inocente e principal representante do “povo” e seus direitos, enquanto que Sérgio Moro é um juiz parcial, que fez política em vez de fazer justiça. No caso d’*O Antagonista* há em seu discurso uma oposição polarizadora entre “povo e corrupção” (*tabela 02*). O ponto nodal aqui é “combate à corrupção”, sendo o PT o responsável pela corrupção das últimas décadas, de modo que as construções discursivas atribuem quase que exclusivamente a fama de corrupto ao partido de Lula e sua “quadrilha”. É fato que o enunciador também dirige suas críticas a Aécio, Alckmin, Ciro, Temer, entre outros, mas nunca com os mesmos afetos/paixões que o faz ao mencionar o PT, que neste caso são: ódio, ligado à punição e vingança, e medo do caos, baderna e desordem. Deste modo “de quem é a culpa das crises sociais, políticas e econômicas que o país vem enfrentando?”, para *O Antagonista* essa culpa é: do partido que divide o país entre “nós e eles”, que roubou o país por 13 anos afundando-o em impunidade e corrupção, que trouxe só injustiça para o cidadão de bem; dos esquerdistas que ainda acreditam em socialismo e querem transformar o Brasil em uma Venezuela, que apoiam a arruaça, violência e baderna de movimentos criminosos como o MST. Por esse *outro* só é possível sentir ódio e desprezo, e o que colocaria o país no caminho certo seria punição para os “bandidos petistas” reivindicando justiça para os prejudicados, pois a solução para os problemas estaria em derrubar a corrupção, esta atribuída majoritariamente ao PT. Nota-se que não petistas criticados não são adjetivados da mesma forma, pois a crítica nesses casos incide apenas em corrupção, sem a passionalização antipetista. Não há menção, por exemplo, ao PMDB como o partido que há mais tempo dirige a estagnação política no país, como aponta Marcos Nobre (2016) em sua crítica ao pemedebismo, nem associação dos tucanos do PSDB a uma quadrilha etc. Sendo assim para *O Antagonista* “justiça” quer dizer fazer uma limpeza moral na política para que o Brasil funcione, e tal limpeza implica na punição dos corruptos (principalmente dos petistas, de modo que petismo e corrupção se tornam quase que sinônimos) e no repúdio à morosidade do Judiciário para com investigados e condenados. Nesse embate os representantes do povo seriam os políticos da direita, os quais tem o apoio de paladinos da justiça figurativizados

principalmente por Sérgio Moro e a operação Lava Jato, que lutam contra as políticas corruptas da esquerda e principalmente do PT, e Bolsonaro, que vai “acabar com tudo isso que está aí”.

Pelo exposto acima podemos notar que nas narrativas e oposições polarizadoras de cada enunciador há sempre a inscrição da concepção de “povo” disputando as convocações dos afetos dos sujeitos. Sendo assim, nesse contexto polarizado e marcado pelo calendário eleitoral, as páginas oficiais no Facebook do *Brasil 247* e *O Antagonista* se tornaram, naquele momento, uma arena de disputas pela fixação de um significante vazio: o significante “povo brasileiro”. Deste modo as narrativas que buscam preencher tal significante estavam presentes nos quatro discursos principais, mas sem grandes especificações e definições de que “povo” é este mencionado a todo momento. Com isso a partir das narrativas postas buscaremos agora interpretar as concepções de “povo” presente nos textos de ambos os enunciadores aqui analisados. Para isso vamos nos aprofundar no conceito de populismo de Ernesto Laclau.

3.1 O “povo” de Laclau

De acordo com Ernesto Laclau (2013) o “povo” é sempre uma construção discursiva, não é uma categoria estática possível de ser medida, seja em termos econômicos ou sociológicos. Em outras palavras, tal construção discursiva varia conforme as experiências sociopolíticas de uma sociedade, independentemente dos critérios ideológicos em voga, partindo das articulações de uma parcela da sociedade que visa se constituir como representação da sociedade como um todo. O ponto fundamental aqui é que a articulação discursiva seja capaz de nomear quem é o “povo” e quem é o inimigo desse povo, de modo que a identidade popular possa ser construída a partir, por exemplo, do discurso dos pobres contra os mais ricos, dos trabalhadores contra as elites dirigentes capitalistas, mas também pode ser dos nacionalistas contra estrangeiros, dos patriotas contra os traidores da pátria, dos cidadãos de bem contra militantes de esquerda. Ou seja, para o autor, o populismo é um processo político de construção de identidades coletivas. Tal processo é resultado de uma articulação de demandas, de modo que uma ou mais demandas precárias e particulares assumem o papel da representação hegemônica da ideia de “povo” caracterizando uma identidade popular. Laclau completa que tais articulações, as quais fazem o “povo” emergir, não são automáticas:

[...] não há nada de automático sobre a emergência de um “povo”. Ao contrário ela é o resultado de um complexo processo de construção que, entre outras possibilidades, pode não alcançar seu objetivo. As razões para isso são claras: as identidades políticas são o resultado da articulação – ou seja, da tensão – das lógicas opostas da equivalência e da diferença, e o simples fato de que o equilíbrio entre essas lógicas seja rompido pelo predomínio, além de certo ponto, de um dos dois polos é suficiente para fazer com que o “povo” se desintegre como ator político (LACLAU, 2013, p. 285).

Ou seja, “povo” é o nome de uma “plenitude” sem conteúdo absoluto, operando como significante de ancoragem para as redes de equivalência simbólica de um determinado discurso de modo que uma “identidade popular” emerge a partir de uma operação performativa, por esse motivo o sentido de “povo” é sempre vago, justamente pela forma em que ele próprio se constitui. Em um momento de polarização aguda o qual vivemos, em que pela força de um acontecimento o significante “povo” vem passando por deslocamentos de seus significados/sentidos anteriormente vigentes³⁶, o embate pela fixação de novos sentidos de “povo” caracteriza a disputa pela hegemonia de um campo discursivo.

A construção da ideia de “povo” para Laclau “não é uma expressão de natureza ideológica, mas uma relação real entre agentes sociais. É em outras palavras um modo de construir a unidade do grupo” (*ibidem*, p. 122), ou seja, tal ideia não é limitada essencialmente a um viés ideológico, por exemplo de esquerda ou direita, e devido a isso se torna objeto de disputa pela totalização do sentido atribuído a ela. Essa totalidade será sempre resultado de uma articulação entre a dimensão da significação e dimensão afetiva, deste modo o “povo” só se constitui a partir da encarnação de uma plenitude mítica em algum objeto, símbolo ou figura que representem as demandas sociais que emergiram. Laclau explica que uma demanda social

pode significar uma solicitação, mas também pode significar uma exigência, por exemplo “exigir uma explicação”. Essa ambiguidade de significado, porém, é útil para nossos propósitos, pois é na transição da solicitação para a exigência que iremos encontrar um dos primeiros traços definidores do populismo (*ibidem*, p.123).

Segundo o autor, o surgimento dessas demandas passa a funcionar como rede de equivalência conectando-as a outras situações de antagonismo, pois é a partir do acúmulo de solicitações/exigências não atendidas que se iniciam os processos de articulação, quando se

³⁶ Ver Prado e Prates (2019).

estabelece entre elas uma relação de equivalência (*idem*), por isso a construção da ideia de “povo” e suas reivindicações é fundamental para o funcionamento democrático do social. Assim, por exemplo, uma reivindicação referente a identidade racial pode passar a contar como sua equivalente uma demanda habitacional etc. É a partir da constituição dessa rede de equivalências que emerge a ideia de “povo”, a qual passa a operar como o seu “fundamento”.

Ainda de acordo com Laclau, se o “povo” não apresenta limitações ideológicas, indo além da construção entre esquerda e direita, o autor faz uma distinção entre duas formas de totalizações discursivas da sociedade: de um lado a totalização populista, e do outro a totalização institucionalista.

A diferença entre uma totalização populista e uma totalização institucionalista deve ser localizada naqueles significantes privilegiados, hegemônicos, que estruturam, como pontos nodais, o conjunto de uma formação discursiva. Em ambos os casos, a diferença e a equivalência estão presentes (*ibidem*, p. 134).

No caso da totalização institucionalista o discurso busca fazer com que “os limites da formação discursiva coincidam com os limites da própria comunidade” (*idem*), ou seja, aqui o “povo” é a totalidade dos cidadãos, dessa forma surge a ideia de uma “nação” fundada na integração equivalencial de todos os seus membros, ignorando as diferenças. No caso da totalização populista ocorre o oposto, o discurso busca uma fronteira de exclusão que divide a sociedade em dois campos, aqui “o povo é algo menor que a totalidade dos membros da comunidade: é um componente parcial, que ainda assim aspira a ser concebido como a única totalidade legítima” (*idem*). Sendo assim, o “povo” pode ser concebido de duas formas: como *populus* romano, o corpo de todos os cidadãos; ou como *plebs* romana, os desprivilegiados que buscam reconhecimento. Entretanto para termos o “povo” do populismo

precisamos de uma *plebs* que reivindica ser o único *populus* legítimo, uma parcialidade que quer funcionar como totalidade da comunidade (“todo poder aos sovietes”, ou seu equivalente em outros discursos, seria uma reivindicação estritamente populista). No caso de um discurso institucionalizado, vimos que a diferencialidade reivindica ser o único equivalente legítimo: todas as diferenças são consideradas igualmente válidas no contexto de uma totalidade mais ampla. No caso do populismo, essa simetria é rompida: existe uma parte que se identifica como o todo (*ibidem*, p. 134-135).

Se tratando do *Brasil 247* e *O Antagonista* no período das eleições e a atuação de ambos no Facebook, os enunciadores convocavam a participação ativa do “povo” nas urnas, trazendo em seus contratos modalizadores quem seriam os principais aliados e inimigos do “povo” naquele momento. Deste modo, a partir dos quatro discursos principais e narrativas postas, ambos os enunciadores reivindicavam/exigiam: representantes competentes para o “povo”; respeito à ordem e formas de protesto do “povo”; respeito à democracia e uma gestão alinhada aos interesses do “povo”; e, justiça para o “povo”. Mas que “povo” é esse?

3.2 O “povo” de Brasil 247

Em todo o período analisado o significante “povo” aparece na superfície textual das postagens 258 vezes³⁷. Em grande parte dessas postagens fica evidente a preocupação do enunciador em atuar como o porta-voz desse “povo” trazendo à tona as demandas sociais e exigências consideradas mais urgentes pelo portal.

O significante “povo” é bastante mencionando nas publicações em que, de acordo com a situação do país e as medidas tomadas pelo governo vigente, o mesmo é colocado como principal vítima das políticas impopulares que se estabeleceram após o golpe. Aqui há uma passionalização do discurso em torno desse significante trazendo a concepção de que o povo é o sofredor, trabalhador injustiçado, ameaçado, a parcela da sociedade que apesar de fazê-la funcionar acaba “pagando a conta” das decisões tomadas pelos poderosos e privilegiados, sendo prejudicado diariamente. Com isso é bastante comum encontrar nas postagens do *Brasil 247* publicações como: “o povo não aguenta mais: IPCA, a inflação oficial, sobe 0,33% em julho”, “o povo está com a corda no pescoço: em 2018, conta de luz já subiu quatro vezes mais que a inflação”, “o povo pede socorro: com a economia em crise, Brasil tem 12,5 milhões de jovens com o nome sujo”, “o povo no sufoco: ANEEL aprova reajuste nas contas de luz em seis estados”, “o povo sendo massacrado: preço da gasolina da Petrobras se aproxima de recorde”, “CUT: reforma trabalhista conduz o povo para o abismo”, “Gleisi: reajuste no judiciário é desrespeitoso com o povo. Triste ver isso”, entre outras. No texto intitulado “No Brasil do golpe, 61,5 mi de consumidores estão inadimplentes” (BRASIL 247, 18/09/2018) em que é mencionado que “golpe deixa o povo sem enxergar a luz no fim do túnel” por exemplo, o

³⁷ Apenas a caráter informativo trago aqui o ranking dos 3 termos relevantes mais mencionados pelos enunciadores no corpus analisado.

Brasil 247: 1º - Bolsonaro (1958 menções); 2º - Lula (1322 menções); 3º - Haddad (1278 menções).

O Antagonista: 1º - Bolsonaro (3486 menções); 2º - Haddad (1296 menções); 3º - Lula (1214 menções).

enunciador identifica sua concepção de “povo” com a *plebs* explanando o fato de que “segundo dados da Serasa Experian, cerca de 61,5 milhões de brasileiros não conseguem pagar suas contas em dia” (*idem*) e completa enfatizando que “contas básicas, como água, energia elétrica e gás, tiveram as maiores altas no que diz respeito a inadimplência” (*idem*). Em outro texto, intitulado “É prioridade dos golpistas: manter privilégios e retirar direitos do povo” (BRASIL 247, 29/08/2018), o enunciador busca apontar a divisão da sociedade em dois campos, indicando quem é o adversário da *plebs*, e o faz da seguinte forma:

"No governo do usurpador Michel Temer, falta dinheiro para educação e saúde, mas sobra pra pagar auxílio-moradia de quem tem casa própria. Essa é a prioridade dos golpistas: manter privilégios e, em troca, retirar direitos do povo brasileiro", afirmou o deputado Paulo Teixeira (PT-SP) (*idem*).

Em posts sobre os direitos políticos de Lula, estes que concentram o maior volume de menções ao significante “povo”, o enunciador também inscreve a identificação do “povo” com a *plebs*, enfatizando sempre a ideia de diversidade presente nos grupos (movimentos sociais, grupos LGBTQ+, grupos feministas entre outros) que adotaram o enunciado #LulaLivre e protestam nas ruas e redes contra a partidarização da Lava Jato, perseguição judicial a Lula, e se manifestaram a favor da democracia e retomada do crescimento dos direitos sociais no país, este último representado pela possível volta do PT ao poder. As publicações buscam dar conta da concepção de “povo” trazendo Lula como o representante dessa *plebs*, a qual, múltipla e cheia de diversidade, clama por justiça e soberania popular. No texto de título “A elite nunca incluiu o povo no Brasil” (BRASIL 247, 01/09/2018) há a menção da injustiça histórica que a *plebs* sempre enfrentou: “Desde que aqui desembarcaram os portugueses, as elites nunca incluíram o povo em seus projetos. Na Colônia, índios, negros e mestiços tiveram sua humanidade negligenciada por séculos” (*idem*). No mesmo texto o enunciador também menciona que

Retirar Lula da campanha presidencial, depois de ter retirado a presidente eleita e legítima Dilma Rousseff, é mais uma demonstração desse processo histórico pelo qual a elite desconhece o povo e sua representação nos destinos do País (*idem*).

E por fim, convoca: “Só a manifestação nas ruas, cada vez mais forte, fará o povo impor de fato o poder que emana dele. Às ruas, por Lula” (*idem*). Aqui a passionalização do discurso é marcada pelo sentimento de esperança e gira em torno da ideia de uma *plebs* diversa e injustiçada pelas elites e que precisa impor sua soberania. Sendo assim é bastante comum encontrar nas postagens do *Brasil 247* publicações como: “quem tem medo do Lula, tem medo é do povo”, “o povo pede Lula presidente”; “o povo quer democracia”, “o povo quer retomada do crescimento e direitos sociais”, “pela primeira vez o povo marcha para registrar seu candidato”, “Nobel da paz denuncia injustiça contra Lula e o povo brasileiro”, “Lula não perdeu sua dignidade e o povo é quem vai decidir”; “o povo quer, a lei permite e o Brasil precisa de Lula”, “nada pode deter o povo de retomar sua soberania”, “agora é povo versus judiciário”, “poderes devem respeitar o povo”, entre outras.

O significante “povo” também aparece com frequência em uma terceira situação, esta pautada principalmente pelo clima das eleições, quando a figura do principal adversário a ser vencido era Jair Bolsonaro e sua agenda. A passionalização do discurso aqui é marcada pelo sentimento de combatividade, com isso, temos em datas mais próximas do 1º e 2º turno diversas publicações como: “só o povo pode parar o entreguismo”, “vice de Bolsonaro quer constituinte sem povo”, “Bolsonaro reforça o estereótipo preconceituoso que marginaliza o povo pobre”, “Bolsonaro apoiou todas as medidas anti-povo de Temer”, “o povo precisa saber que Bolsonaro é contra direitos sociais”, “o povo precisa saber qual candidato defende a tortura”, “Lula: só voto do povo salva o Brasil do fascismo”. Na publicação de título “Fernando Horta: na eleição o povo escolherá democracia ou barbárie” (BRASIL 247, 24/09/2018), por exemplo, o enunciador traz um texto do historiador Fernando Horta o qual menciona a divisão dos eleitores em dois campos, de modo que o “povo” é convocado a se unir contra as medidas antidemocráticas de Bolsonaro:

As próximas duas semanas serão de apavorar. Parece que se solidificou a ideia de dois grandes polos de disputa no Brasil: democracia ou barbárie. Não se trata mais de discutir um programa mais à esquerda ou mais ao centro. Não se trata de discutir quem já administrou uma bodega ou quem já foi “gestor” público. Esqueçam as diferenças entre os que fazem acordos com o MDB e os que fazem com o PPS. O buraco é mais embaixo. [...] É escolher entre um Estado que ouça, pondere e se faça sentir em ações, ou um que mande, prenda e seja o caminho de toda a truculência (*idem*).

Em outra publicação, esta com o título de “Zarattini: Bolsonaro quer tirar mais direitos do povo” (BRASIL 247, 29/09/2018), o enunciador traz um *tweet* do deputado federal Carlos Zarattini (PT-SP) em que o político, em defesa do “povo”, critica o programa de governo de Bolsonaro da seguinte forma: “O verdadeiro objetivo da elite q apoia o Bolsonazi foi expresso pelo general: retirada de mais direitos do povo e uma reforma tributária q amplie o privilégio dos ricos. Pra isso precisa de muita repressão” (*idem*).

Nota-se então que nas três situações: o “povo” é enunciado em oposição às “elites golpistas”, representadas pelo governo Temer e suas medidas impopulares apoiadas pelo empresariado e judiciário, e, por Bolsonaro e seu plano de governo igualmente “anti-povo”; em suas convocações o enunciador afirma que quem está do lado do “povo” é o PT, trazendo orientações do que deve ser feito nas ruas, redes e urnas para que as demandas apresentadas sejam atendidas futuramente.

Como é então figurativizado o “povo” para o *Brasil 247*? Como pudemos ver, analisando as menções do significante “povo” em toda superfície textual bem como nos quatro discursos principais, o enunciador constitui o “povo” como imagem de si (o *mesmo*) em oposição ao *outro* antagonista (PRADO, 2013), tendo como suas principais marcas: (1) a identificação do trabalhador com a *plebs* a partir da imagem do cidadão injustiçado, o qual é prejudicado pelas decisões das elites golpistas. É este cidadão que constitui e legitima, sob a condição de trabalhador pobre e sofrido, o “verdadeiro povo”; (2) a identificação da diversidade com a *plebs* a partir da imagem de união entre movimentos sociais e identitários, estes apadrinhados pelo PT. É essa diversidade, a qual é ignorada pelas políticas da direita, que constitui e legitima o “verdadeiro povo” através da articulação entre as demandas desses grupos que lutam para que deixem de ser excluídos e marginalizados. Em outras palavras, para o enunciador, a legitimidade do “povo” está justamente na constituição do mesmo por uma maioria formada por trabalhadores pobres e movimentos sociais/identitários, os quais são os mais injustiçados pelo sistema, unidos em prol de demandas diversas, o que vai de encontro ao que Laclau diz sobre articulação. Para o autor a articulação do “povo” acontece em dois passos: (1) a articulação de demandas diversas, e democráticas, numa cadeia equivalencial; (2) a formação de uma fronteira política antagônica separando-o dos poderosos (LACLAU, 2013, p. 140-142).

Como vimos, a diversidade é tema enfatizado pelo enunciador, de modo que no “povo” caberiam todos os trabalhadores injustiçados e movimentos sociais com suas múltiplas identidades e demandas. Entretanto o povo inclui apenas quem está costurando demandas

contra o poder instituído, excluindo adversários e inimigos. Deste modo “a identidade do inimigo também depende cada vez mais de um processo de construção política” (*ibidem*, p.141). Aqui se faz necessário que o enunciador indique as fronteiras de até onde é possível articular as demandas que dão sentido ao “povo” figurativizando o lugar do *outro*, que no caso são os políticos golpistas que vieram para tirar os direitos do cidadão, conservadores que marginalizam os movimentos identitários, integrantes do judiciário que são parciais contra o PT, as elites dirigentes, sujeitos reativos e fascistas etc. Os quais, nas narrativas do *Brasil 247*, foram encarnados principalmente na figura de Jair Bolsonaro naquele momento. Sendo assim a semiótica tensiva de Zilberberg e Fontanille explica como a identidade popular e seus valores se constituem nos discursos do enunciador a partir dos regimes de exclusão e participação:

O regime de exclusão tem por operador a *triagem* e, se o processo atinge seu termo, leva à confrontação contensiva do exclusivo e do excluído e, para as culturas e as semióticas que são dirigidas por esse regime, à confrontação do “puro” e do “impuro”. O regime de participação tem por operador a *mistura* e produz a confrontação distensiva do igual e do desigual: no caso da igualdade, as grandezas são intercambiáveis, enquanto no da desigualdade, as grandezas se opõem como “superior” e “inferior” (ZILBERBERG e FONTANILLE, 2001, p. 29).

Em outras palavras a triagem é caracterizada pela força que direciona os sentidos para a “purificação” de um conjunto, buscando torná-lo exclusivo. No caso do *Brasil 247* ela define quais são os limites do “povo” excluindo seus adversários; já a mistura tende a incluir elementos no conjunto, que no caso do *Brasil 247* há uma tensão discursiva em direção aos valores universalistas, estes apontados como “superiores” por serem considerados pelo enunciador como os mais democráticos.

Sendo assim se o “povo” é diverso, trabalhador e sofredor, os que causam esse sofrimento são os velhos políticos da direita, que defendem apenas interesses das elites formadas por grandes proprietários, e, são protegidos pelo judiciário, o qual não é imparcial como deveria, pois, persegue os representantes dos interesses desse “povo”. Por assim dizer o *Brasil 247* cria para o “povo” uma imagem combativa e contra-hegemônica por apoiar o partido que sofreu um golpe e vem lutando para recuperar sua posição no governo e assim frear o desmonte social que vem acontecendo desde 2016, após o afastamento de Dilma, tendo sequência com a perseguição jurídica a Lula, que o impediu de concorrer às eleições.

O enunciador *Brasil 247* se coloca então, como porta-voz do “povo” brasileiro, em oposição ao *outro* retrógrado e fascista, este que após o resultado das eleições, caso ganhe, pode colocar a democracia em cheque e implantar uma agenda liberal que acabaria de vez com as conquistas econômicas e políticas que beneficiaram os mais pobres durante os governos do PT. A *plebs* emerge no discurso do *Brasil 247* como a parcela da sociedade que se reivindica como o “verdadeiro povo”, formada por uma maioria de sujeitos explorados e que tem sua subjetividade ameaçada diariamente por diversas formas de injustiça. São esses os sujeitos que ancoram as demandas democráticas de todos os grupos e movimentos que se colocam contra as elites e o fascismo vigente, tais sujeitos articulam afetivamente resistência, combatividade e esperança contra o *outro* indesejado, e assim podem ser nomeados pelo enunciador como “povo”.

3.3 O “povo” de *O Antagonista*

O significante “povo” aparece na superfície textual das postagens 43 vezes durante o período analisado. Na maioria dessas postagens o enunciador demonstra também uma certa preocupação em reivindicar justiça para esse “povo”, porém se refere a ele de forma mais genérica, tratando-o como mero conjunto de cidadãos, sem levar em consideração a multiplicidade das demandas que afloravam no período eleitoral, e, principalmente excluindo do “povo” os petistas, “esquerdistas” e movimentos sociais.

O significante “povo” aparece com frequência em publicações que tratam da atual situação econômica do país. O *Antagonista* coloca, ao abordar o assunto, o “povo” como principal vítima de tal situação, sendo o Estado o principal culpado, este que de acordo com as narrativas do enunciador está quebrado devido os anos de gestão do PT. Por exemplo, na publicação de título “Amoêdo: ‘O Brasil tem representantes que não representam o povo brasileiro’” (O ANTAGONISTA, 28/08/2018) o enunciador traz a fala de João Amoêdo em que o candidato, em defesa do “povo” brasileiro, prega a necessidade de “escolhas políticas que tragam algo de diferente, que mude esse modelo de Estado que está aí” (*idem*), e completa que “precisamos colocar o Brasil na rota do crescimento. A gente precisa de um país que tenha mais liberdade econômica. É difícil empreender no Brasil” (*idem*). Nota-se que o “povo” aqui não é associado à *plebs*, e sim àqueles que precisam de mais liberdade econômica e facilidade para empreender; são esses os sujeitos que precisam ser representados na política segundo *O Antagonista*, deste modo a identidade popular emerge no discurso através de um viés liberal.

No mesmo texto também é mencionado que o candidato “defendeu o equilíbrio das contas públicas, com o combate a mordomias e privilégios” (*idem*), deixando claro que a reivindicação de justiça para o “povo” se baseia no combate aos privilégios da classe política, excluindo qualquer ideia de combate à desigualdade social ou críticas às elites. Em outra matéria, com o título “Mais 15 estatais podem recorrer ao dinheiro do povo” (O ANTAGONISTA, 08/10/2018), é explicado que das 138 estatais, 18 são totalmente dependentes das contas públicas e que de acordo com a avaliação técnica mais 15 estatais entrariam para o grupo das dependentes em breve, e completa que “É o dinheiro do povo brasileiro sendo torrado para sustentar o Estado inchado (e ineficiente) brasileiro”. Nota-se que há uma passionalização do discurso em torno do significante “povo” trazendo o mesmo como injustiçado por ser vítima de um Estado que o rouba, que é ineficiente, que não dá liberdade para fazer o que cada um bem entende com seu dinheiro, e que por isso é seu inimigo.

O maior volume de menções do significante “povo” se concentra nas publicações que se tratam de críticas ao PT e suas estratégias de campanha bem como as que comentam sobre os direitos políticos de Lula; deste modo, para *O Antagonista* o que caracteriza “povo” nesse caso é o grupo de cidadãos que foram injustiçados e estão sendo enganados por Lula e o PT. Trata-se de um discurso simplificador que reduz o “povo” a uma homogeneidade de opinião a partir da prerrogativa de que todos os cidadãos brasileiros foram prejudicados pelo PT, criando um antagonismo entre uma “maioria” e a *plebs*, esta que é dita formada por uma minoria de sujeitos que veneram corruptos e que não respeitam a ordem nem a vontade da maioria. As narrativas aqui são construídas principalmente a partir das oposições polarizadoras “povo x corrupção” e “Brasil x petistas” (*tabela 02*). A passionalização do discurso é marcada pelo sentimento de ódio antipetista, e com isso é bastante comum encontrar nas postagens d’*O Antagonista* publicações como: “Ciro Gomes sobre chapa Haddad-Manuela: ‘o povo está sendo enganado’”, “o povo entendeu que o PT não tem um projeto para o Brasil”, “o PT vai tentar torcer a cabeça do povo”, “Lula está usando o povo como massa de manobra” entre outras. Na matéria de título “Manuela: “O povo sabe que Lula é Haddad” (O ANTAGONISTA, 13/09/2018) o enunciador traz tal informação como confirmação de que Haddad está ligado diretamente a Lula, mesmo com este na cadeia. Tal declaração proferida por Manuela D’Ávila é para o setor das esquerdas algo totalmente positivo, afinal aquele que Lula apadrinha ganha força e tem sua conduta legitimada. Entretanto partindo d’*O Antagonista* a declaração toma forma de crítica, pois nas narrativas desse enunciador o ex-presidente Lula é considerado um criminoso e qualquer pessoa associada a ele é igualmente criminoso, “louco da esquerda” e por

isso não representa o “povo”. Deste modo o enunciador afirma que “A comunista Manuela D’Ávila, recentemente promovida de suplente de vice de presidiário para vice de representante de presidiário, discursou em Carapicuíba-SP: Aqui a gente viu que o povo sabe que Lula é Haddad” (*idem*). Em outra matéria, esta de título “Cristovam: ‘O povo não quis eleger, quis derrotar’” (O ANTAGONISTA, 10/10/2018) publicada logo após o resultado do primeiro turno, o enunciador traz, através das palavras de um ex-petista, que o senso de justiça do “povo” está decidindo as eleições, pois para esse “povo” livrar o país dos petistas é o que mais importa, e assim comenta “‘O povo não quis eleger, o povo quis derrotar. E está certo, a população está irada’, afirmou Cristovam, ex-petista e ex-ministro de Lula que votou a favor do impeachment de Dilma Rousseff” (*idem*).

Ainda sobre o significante “povo” na superfície textual, em uma das publicações sobre as pesquisas de intenção de voto, logo no início do período, com o título irônico “Viva o povo brasileiro” (O ANTAGONISTA, 22/08/2018), o enunciador traz a informação de que Lula e Dilma estão bem posicionados nas pesquisas, da seguinte forma: “o presidiário tem 39% dos votos no Brasil e seu velho poste, Dilma Rousseff, tem 25% em Minas Gerais” (*idem*). Faz assim uma sarcástica comemoração pejorando a grande parcela do “povo” que afirma que ainda votaria em Lula e Dilma, demonstrando sentimento de revolta e indignação para com essa parcela.

Nota-se que nas situações aqui descritas o “povo” é enunciado em oposição a um Estado ineficiente e que impede a liberdade econômica dos cidadãos brasileiros; em suas narrativas o enunciador afirma que o PT, junto com seus integrantes e apoiadores, é contra a vontade do “povo”, sendo este constituído por uma “maioria” de cidadãos frustrada com o partido e suas políticas.

Como é então figurativizado o “povo” para *O Antagonista*? Para além da superfície textual o enunciador constitui o “povo” como imagem do “todo” em oposição ao *outro indesejado*; esse “todo” é indefinido e vago pois nele cabem todos os cidadãos menos os “esquerdistas”. Ou seja, o “povo” d’*O Antagonista* diz respeito ao conjunto dos cidadãos brasileiros excluindo aqueles que defendem o PT e Lula, e assim diversos grupos atuam, ignorando (e não somando) suas diferenças, tendo como única equivalência o sentimento antipetista, o que resulta em um “populismo antipetista”, o qual foi encarnado na plataforma de Jair Bolsonaro. Tal forma de populismo, ao ser colocada em discurso pelo enunciador, tem como suas principais marcas: (1) a identificação do cidadão com o “todo”, a partir da imagem do cidadão injustiçado, o qual é prejudicado diariamente por um Estado que o rouba e por uma

classe política parasita e cheia de privilégios (vale lembrar que por mais que Bolsonaro tenha feito parte dessa classe política por aproximadamente 30 anos, o candidato foi representado pelo enunciador como um justiceiro que iria combater tais privilégios); (2) a identificação do “todo” com o “populismo antipetista”, a partir da imagem de união entre cidadãos, empresariado e políticos justiceiros contra o “maior inimigo do Brasil”, o PT. Nota-se que a legitimidade do “povo” constituído nas narrativas d’*O Antagonista* está sempre no combate aos petistas; O “verdadeiro povo” é então formado por sujeitos revoltados com os 13 anos de PT no poder. O enunciador se coloca então como porta-voz do “povo” brasileiro em oposição ao *outro* corrupto e “esquerdista”, este que, nas narrativas postas, traiu o “povo” com desonestidade durante seu governo, não combateu privilégios, “quebrou” o país com sua agenda socialista e incompetente, gastou dinheiro público com protecionismo aos pobres e não atendeu as demandas da “maioria”, e por isso não foi democrático. Deste modo a orientação que *O Antagonista* dá a seu público é a de que o “povo” deve fazer todo o esforço possível para evitar um possível retorno dos petistas ao poder.

Como vimos, o enunciador apesar de retratar o “povo” como o “todo” não aborda em momento algum o tema diversidade ou inclusão, pelo contrário, euforiza a exclusão daqueles que constrói como inimigos políticos em suas narrativas, de modo que as fronteiras que delimitam o “povo” se baseiam exclusivamente nas demandas que se opõem de alguma forma ao PT, movimentos sociais e grupos identitários. Falando em termos da semiótica tensiva de Zilberberg e Fontanille (2001) o enunciador constrói uma identidade popular a partir da triagem, pois o objetivo é a purificação do conjunto, excluindo “os esquerdistas”.

Sendo assim se o “povo” é o grande conjunto de cidadãos brasileiros, os quais: respeitam a lei e a ordem; estão mais preocupados com o futuro do país do que com as reivindicações de “pequenos grupos baderneiros”; independentemente de classe social, estão todos expostos igualmente às mesmas condições e dificuldades causadas por um Estado ineficiente e, principalmente, pela corrupção. O grande culpado por essas condições é o PT, Lula e políticos da esquerda, os quais, além de corruptos, criminosos e incompetentes, defendem interesses apenas de movimentos sociais de esquerda e grupos identitários, deixando de respeitar e representar os interesses do “verdadeiro povo”. *O Antagonista* cria para o “povo” uma imagem “hegemonizadora” que simplifica toda a multiplicidade do social. Tal “povo” é o “todo”, a maioria que deve combater e suprimir qualquer forma de diferenciação ou reivindicação de parcelas da sociedade que se consideram mais prejudicadas que o “todo”. Nota-se que aqui “justiça” não é a busca por igualdade e reconhecimento, mas a luta contra um grupo político

considerado corrupto e inimigo do “povo”, o PT. Ou seja, para *O Antagonista*, o “povo” aparece em suas narrativas como um conjunto nominal que inclui os cidadãos obedientes, que respeitam a lei e a ordem e que não sejam “de esquerda”. O enunciador em vez de incluir/adicionar a diversidade faz triagem, excluindo as demandas e comportamentos que considera excedentes em sua concepção de identidade popular. Sendo assim o “povo” se constitui nominalmente, e não como, no sentido de Laclau (2013), resultado de uma lógica equivalencial que une os diferentes para enfrentar o bloco dominante. Resumidamente o “povo” d’*O Antagonista* não se constitui na medida em que vai se organizando, se reunindo e costurando suas diferenças democraticamente a partir de diversas demandas, ele é simplesmente o nome do conjunto de cidadãos que está preocupado com o país e por isso exclui e combate aqueles apontados como “esquerdistas”, principalmente os petistas, em nome da moralização e limpeza da política.

Conclusão

Durante o período das eleições os enunciadores *Brasil 247* e *O Antagonista* em suas páginas no Facebook, ao colocarem em discurso a valorização do *mesmo* e a desvalorização do *outro*, traziam em suas narrativas dois “futuros” possíveis, sendo sempre um deles o “ideal” e o outro “desastroso”. Assim cada enunciador criava, para o seu público, alternativas para o cenário político que viria após o resultado das urnas, com o intuito de anular a alternativa do *outro*. Deste modo cada imaginário de cenário político ideal se alinhava aos respectivos valores morais de cada um dos portais. Segundo Prado (2013, p.89) dizer é fazer, ou como diria Austin (1962) “todo dizer é uma ação”, logo dizer sobre o futuro é construí-lo simbolicamente. Segundo Barbrook (2009) tal construção de futuro é um ato político pelo qual através de estratégias discursivas grupos sociais são capazes de projetar esforços e recursos na direção de interesses específicos. Trata-se então de reconhecer no social um embate discursivo no presente pela construção de possíveis futuros que viriam nos anos seguintes após o resultado das eleições, pois “é no mundo social presente que se encontram os elementos capazes de construir visões de futuros imaginários alternativos” (CAZELOTO e PRADO, 2014, p. 13) de forma que “o presente é palco de conflitos dos quais podem resultar certas construções sobre os futuros possíveis” (*idem*).

Deste modo, no campo da discursividade as construções alternativas de “futuro ideal pós-eleições”, as quais estão inscritas nos contratos de cada enunciador, se antagonizam quando cada portal busca apresentar em suas narrativas qual seria o candidato à presidência considerado, de acordo com as concepções antagônicas de cada portal, o mais competente, democrático, justo e alinhado às formas de protesto de quem reivindica ser o verdadeiro “povo brasileiro”. Para o *Brasil 247*, como vimos, a volta do PT ao poder após as eleições traria o cenário político ideal para o povo evitando um governo fascista, enquanto que a vitória de Bolsonaro traria um futuro desastroso associado ao período da ditadura militar; ao passo que para *O Antagonista* a vitória de Bolsonaro traria o cenário político ideal para o povo implementando uma agenda econômica liberal e principalmente evitando a retomada do PT ao poder, que para esse enunciador seria um futuro desastroso tomado por incompetência e corrupção.

Com isso podemos dizer que havia um embate – desde antes do evento – pelos sentidos do resultado das eleições. Constitui-se assim um imaginário com efeitos concretos sobre os

valores que devem presidir o cenário político após o período eleitoral e quais escolhas devem ser feitas pelo eleitorado para que o futuro não seja desastroso. Assim, os enunciadores, ao construir seus mapas cognitivos no período eleitoral, atuaram a partir de quatro discursos principais – competência, ordem, democracia e justiça – para que os leitores entendessem e se situassem no cenário eleitoral de acordo com os respectivos valores políticos e morais defendidos por cada portal, projetando tais valores no imaginário de um “futuro melhor” sempre visando o resultado das eleições. Em outras palavras, ao colocarem em discurso os acontecimentos relacionados às eleições, os enunciadores modalizam os sujeitos convocando-os, através de seus contratos de comunicação, à participação política de acordo com os valores morais inscritos nos textos de cada portal, trazendo ao leitor modos de como agir no social, de como protestar e se manifestar, e de como perceber a política, mostrando quais são, ou devem ser, os objetivos válidos e práticas político-sociais mais relevantes para chegar a esses objetivos.

Sendo assim, as narrativas e os contratos construídos a partir dos pontos nodais identificados, bem como os modos pelos quais os enunciadores construíram os sentidos de futuro em dois cenários (o de vitória do lado amigo e de vitória do lado inimigo, euforizando um e deseuforizando o outro), constituem um campo discursivo no qual os enunciadores buscam direcionar esforços que permitam a articulação de discursos em torno de cadeias de equivalência para, ao participar da formação de opinião política nas redes falando através dos *new media*, projetar seus valores na esfera pública digital. Ou seja, o modo pelo qual os enunciadores apresentam nas redes os acontecimentos ligados às eleições e seus agentes é um processo discursivo de valorização dos ideais defendidos por cada portal visando a vitória nas urnas, o que tornou o período eleitoral mais um momento em que as redes se tornaram um espaço privilegiado para as disputas entre as reivindicações/exigências que constituem o social com suas diversas demandas e interesses distintos entre esquerda e direita.

Como vimos, a batalha entre esquerdas e direitas durante as eleições de 2018 implicava na definição do significante “povo brasileiro”. Tal significante foi evocado pelos dois lados do conflito, de modo que cada enunciador analisado trazia suas concepções de “povo” inscritas em seus contratos a partir dos discursos da competência, ordem, democracia, justiça e seus respectivos pontos nodais. Em outros termos, as totalizações discursivas antagônicas em torno de cada ponto nodal identificado no corpus nos permitiram traçar as concepções de “povo brasileiro” construídas por cada enunciador em seus textos, bem como identificar quais seriam as principais demandas/exigências de cada concepção de “povo”. Deste modo o significante “povo” se constitui para cada um dos lados de uma maneira:

- 1) Para o *Brasil 247*, ou seja, para as esquerdas, o povo é figurativizado como “a maioria” de cidadãos que, através da semiótica da mistura, agrega várias bandeiras. Tal “maioria” é constituída pela união de múltiplas identidades que têm suas demandas democráticas unificadas pela luta contra a continuidade do golpe de 2016 e resistência ao fascismo de Bolsonaro e sua agenda “anti-povo”, que poderiam chegar ao poder após as eleições. Aqui a identificação da *plebs* com o povo é colocada em discurso, de modo que os mais necessitados, excluídos e sofredores são figurativizados como “a maioria que importa”. O vermelho da tradição socialista, adotado por movimentos como MST, MTST e CUT e partidos de esquerda, aparece ao lado do roxo dos movimentos feministas que lutam por igualdade de gênero e do colorido arco-íris dos movimentos LGBTQ+ que lutam por direitos, reconhecimento e inclusão. Sendo assim os mais pobres, classe trabalhadora e minorias são o legítimo “povo brasileiro”, e estes além de estarem sendo constantemente ameaçados pelas elites golpistas e poderosos, correm o risco de perderem mais direitos em um futuro próximo marcado por um governo impopular, excludente e intolerante. O PT aparece então nos textos do *Brasil 247* como o guardião desse povo, lutando pela diversidade e democracia, pelos direitos trabalhistas e inclusão social, e se coloca contra a intolerância, autoritarismo e agendas neoliberais.
- 2) Por outro lado, para *O Antagonista* e para parcela da direita, o povo brasileiro é nominalmente o conjunto de cidadãos brasileiros. Entretanto esse conjunto anunciado como “o todo” é indefinido e nele cabem todos, exceto os ditos petistas, constituindo assim uma “maioria que importa” através da semiótica da triagem. Ou seja, o povo é constituído pelo cidadão de bem, honesto e que não aguenta mais a corrupção, atribuída ao PT. Esse “todo” é representado pelos milhões de brasileiros de classe média que vão às ruas desde 2013 com as cores da bandeira nacional se manifestar, em ordem, contra o PT e a favor de qualquer pauta antipetista. Nesse caso o PT não é o representante legítimo do povo. Do ponto de vista do enunciador o partido não passa de uma quadrilha corrupta que agiu por interesses próprios, enriqueceu seus membros com dinheiro público, apoiou ditaduras de esquerda, e que tem ao seu lado grupos criminosos e arruaceiros como o MST, além disso só se preocupa com pautas inúteis “de esquerda” e por isso é incompetente. Deste modo a crítica incide no tema do Estado de duas formas: (1) na limpeza do Estado e moralização das instituições, apostando na Lava Jato e sua luta contra a corrupção; em projetos como o Escola Sem Partido que buscam excluir/combater qualquer forma de pensamento considerado de esquerda nas escolas; na valorização e defesa da família conservadora. (2) no tamanho do Estado, e não no

funcionamento “pemedebista” da política, apostando na ideia de Estado Mínimo, trazendo assim soluções de perspectiva liberal, ignorando e desqualificando, através de discursos simplificadores, os antagonismos sociais como operadores da democracia: o povo é nominalmente “a maioria”, os antagonismos sociais podem ser resolvidos através de reformas de viés liberal, e qualquer forma de reivindicação de “minorias” é considerada excedente, e por isso deve ser ignorada e desconsiderada no processo de identidade popular. Tal forma de conceber a democracia vai contra quaisquer discursos que sejam democráticos de fato, os quais demonstram optar pela inclusão e mistura, visando a participação social, reconhecimento e ampliação de direitos. O “povo brasileiro” *d’O Antagonista* luta por um Brasil que funcione para “a maioria”, que tenha eficiência econômica, que não se preocupe com minorias e valores de igualdade, pois para o enunciador essas pautas já se mostraram inúteis para o progresso do país e são, junto com a corrupção petista, causadoras de atraso e impedem as forças do mercado de promoverem desenvolvimento a partir de competências e saberes exclusivos das classes mais competitivas e empreendedoras.

Essas duas construções discursivas em torno do significante “povo brasileiro” não se entendem e sequer conversam uma com a outra, entrando, pelo contrário, em conflito. Nota-se que nos dois lados da polarização o “povo” sempre aparece como “maioria”, mas cada lado constrói seu “povo” como a “maioria que importa”, sendo na concepção da direita uma maioria indefinida que, ignorando as diferenças e diversidade, exclui o outro da esquerda, fazendo triagem, enquanto na esquerda a maioria é constituída pela mistura de diversos grupos que unem suas variadas demandas, sendo assim o lado mais democrático. O embate entre as duas concepções foi potencializado pelo calendário eleitoral devido à constante discussão midiática sobre as agendas, posturas e posicionamentos dos candidatos, causando a radicalização dos discursos, que se manifestavam nas redes a todo momento, em constantes atos nas ruas, afinal ambas as partes enxergavam o momento das eleições como um evento decisivo para si e para os rumos do país e por isso investiram esforços no combate ao *outro indesejado* e na direção da valorização da própria proposta, resultando em um grande “*nós contra eles*”. Ou seja, tornamo-nos uma nação dividida em que o grande conjunto de seus cidadãos não apresenta consenso sobre os sentidos de seu povo. Com isso observamos que tal divisão indica que há dois grandes campos antagônicos, dentro dos quais há consensos momentâneos e não duradouros.

Como vimos ao analisar os textos do enunciador *O Antagonista*, este pertencente ao lado vencedor das eleições, o qual apoiava Bolsonaro, há uma dominância discursiva que emprega o capitalismo-liberal como o único sistema provedor de progresso, de forma que não cabem críticas ou alternativas a tal sistema. Segundo tal forma discursiva, quem vinha minando o desempenho do país dentro desse modelo econômico era a gestão da esquerda dos últimos anos com suas políticas sociais e intervenções estatais no âmbito privado, o que prejudicou o empresariado. Tendo como base as paixões/afetos indignação e frustração, que culminaram no sentimento de vingança às esquerdas e ódio antipetista, a estratégia passional do discurso do enunciador foi, portanto, a de ligar a gestão do PT e seus projetos sociais com a corrupção generalizada. Através de tal ligação o enunciador, afirmando que tais projetos foram implantados por pessoas desonestas e hipócritas que roubavam o povo, buscava não só pejorar qualquer conquista de cunho social feita pelo partido mas também apontar que tais políticas não se dão bem com o mercado, modalizando assim seus leitores a um mais-gozar com foco no poder aquisitivo, o que implicava em dar um “basta” nas formas de governo adotadas pelo PT. Isso se deu com a promessa de um “novo” Estado que dá mais liberdade para o cidadão, não o rouba cobrando impostos e contribuição para previdência social, não usa dinheiro público para projetos sociais os quais não incentivam a meritocracia, que facilita a negociação entre empregado e patrão sem intervir, e que é moralmente mais íntegro, limpo, tecnicamente competente e isento de ideologias que não conversam com o mercado. Tal promessa é proferida para um pressuposto leitor que teve seu gozo roubado pelo Estado loteado pelos corruptos do PT, que além de serem descritos como incompetentes para lidar com o sistema capitalista-liberal, adotaram práticas ideológicas que privilegiam pessoas que “não merecem”. Dessa maneira o posicionamento do PT e das esquerdas em geral é apontado nos contratos d’*O Antagonista* como ameaça ao mais-gozar de uma identidade: a do cidadão de bem que está cansado da corrupção e do Estado, que teve seu gozo sequestrado por políticas que não o representam e por pessoas acusadas de desonestas e preguiçosas.

A estratégia discursiva descrita acima atuou principalmente nos públicos adeptos de políticas liberais mais ligados ao centro, direita e extrema direita, mas também, como a vitória de Bolsonaro indica, surtiu efeito nos sujeitos emocionalmente sensíveis, pouco politizados, e indignados com a situação do país, abrangendo as classes altas, médias e grande parcela das mais baixas. Estes sensibilizados ainda pelo ódio antipetista, não atentos e muito menos sensíveis às lutas dos movimentos sociais e das minorias, desconsiderando a importância dos direitos e das lutas por reconhecimento e pela redistribuição econômica, naquele momento

buscavam “mudança”, uma alternativa reativa às políticas do PT (mesmo com o fato do partido não fazer mais parte do governo desde agosto de 2016). Tal público, apresentado por *O Antagonista* como as multidões coloridas de verde e amarelo e que iam às ruas em apoio a Bolsonaro, reivindicava ser o verdadeiro povo, entretanto se mostrava na verdade anti-povo na medida que defendia valores exclusivos e antidemocráticos, e não universalistas. Tal posicionamento anti-povo esteve bastante presente nas grandes multidões verde e amarelo as quais, se autodefinindo como “patriotas”, vão às ruas desde 2013 dando voz aos setores da direita. Essas multidões ao se manifestarem sob as cores da bandeira nacional, em pinturas faciais, cartazes, com camisetas da CBF, e exaltando personalidades que consideram paladinos e heróis, entre outros símbolos nacionalistas, apresentam clara aversão à diversidade e à mistura, excluindo os que consideram “não-patriotas” em prol da purificação do conjunto. Entretanto, apesar de se mostrarem e aparecem como “patriotas”, não há em suas reivindicações qualquer forma de valorização da soberania nacional e sim apoio a políticas que entregam as riquezas naturais do país e grandes empresas estatais ao mercado internacional e iniciativa privada, sem medir consequências sociais ou ambientais. No que diz respeito à cultura brasileira, há um claro repúdio a muitos dos símbolos que de fato representam a pátria Brasil e seu povo, como por exemplo as culturas indígena e quilombola, o carnaval (nossa maior festa popular), músicas populares provenientes das periferias e seus artistas etc.

Nesses públicos há no geral, além de uma cultura “anti-esquerda” que projeta partidos e movimentos de esquerda como comunistas perigosos, um forte sentimento anti-intelectualista e anti-ciência, o que se mostrou estar bastante ligado aos pensamentos conspiratórios de Olavo de Carvalho (este que posteriormente as eleições se tornou uma espécie de ideólogo do governo Bolsonaro, de modo que alguns ministros foram ex-alunos de Olavo e indicados pelo próprio). Na linha de raciocínio olavista: os sujeitos intelectuais são pessoas hipócritas, ricas e soberbas, que não entendem as necessidades reais da população, o que muitos definem como “esquerda caviar”; a academia doutrina segundo o pensamento marxista; a ciência é ideologicamente de esquerda, por isso estudos sobre aquecimento global e políticas ambientais devem ser negados; a história deve ser revisada por ser uma área do saber dominada há séculos por intelectuais de esquerda, por essa razão o olavismo apoia revisionismos históricos, como por exemplo a afirmação “o nazismo é de esquerda”. Sob o crivo olavista o PT faz parte dessa grande “conspiração comunista”, formada por intelectuais, cientistas, políticos e poderosos que manipulam a cultura para atender aos seus interesses. Sobre esse *background* durante as eleições o setor da direita, dando continuidade ao discurso reativo e polarizador contra o PT

iniciado em 2015 logo após a vitória de Dilma, foi construindo e fazendo colar no partido, e nas esquerdas, um simulacro de corrupto, incompetente, conspirador e manipulador.

Deste modo durante o período eleitoral a polarização se constituiu no ambiente digital com base na seguinte simplificação: o PT e as esquerdas são nosso grande problema nacional, eles além de corruptos são incompetentes, desordeiros, antidemocráticos e injustos, e por isso não representam a vontade do povo. Assim foi sendo construída uma narrativa cheia de afetos negativos como ódio, raiva, irritação e desprezo contra o *outro indesejado*, o “outro da esquerda”. Tal narrativa, como vimos a todo momento nos textos d’*O Antagonista*, dizia: quem está a favor do PT e das esquerdas é contra a pátria; é preciso que alguém reestabeleça a ordem perdida pelo PT, e esse alguém precisa ser duro, patriota, reativo, não fazer conchavos, e não dar atenção para pautas inúteis de esquerda; nenhum partido ou político merece confiança de fato, são todos iguais, exceto Jair Bolsonaro, ele é o único que pode derrotar o PT e seus seguidores, ele se preocupa com o país e com a família brasileira e fará o que for preciso para, de forma “firme”, colocar o Brasil em ordem novamente. Daí vem a estratégia passionalizadora e apelo a discursos simplificadores presentes nos textos d’*O Antagonista*, pois tratava-se de unir as direitas popularizando suas pautas antipetistas para confrontar os “vermelhos perigosos da esquerda”. Aqui a passionalização se faz ao redor de um contrato imaginário pelo qual o sujeito se relaciona não intersubjetivamente com o outro, mas com seu simulacro. Tal simulacro disfórico do “sujeito de esquerda” já vinha circulando nos setores da direita brasileira nos últimos anos, o que permitiu que o processo de pejoração e ódio contra a esquerda construído pelo enunciador *O Antagonista* fosse bem aceito por seu público.

Como já comentamos, para o setor da direita havia no país uma ordem que foi perdida pela corrupção, incompetência e má-administração do PT. Sob essas condições o período das eleições de 2018 foi enxergado pelas direitas como o momento propício para resgatar tal ordem, portanto os esforços foram investidos em uma espécie de plano de vingança contra o PT, que visava reduzir seu desempenho nas urnas, e resgatar a ordem perdida. Afinal, perder ordem e controle para um partido popular que trouxe avanços sociais, por mais que bastante básicos, foi o suficiente para causar grandes frustrações na direita brasileira como um todo, esta que conta com o apoio das elites, empresariado e grande parcela das classes médias (estas últimas ao longo dos anos se sentiram privadas de um gozo que se viam no direito de receber/acessar, pois o governo petista só atendeu ou aos mais ricos ou aos mais pobres, o que gerou grande revolta e insatisfação). Por isso *O Antagonista*, juntamente com diversos outros veículos de direita, atuou nas redes exaltando a vingança e o ódio contra o PT através de discursos agressivos.

Segundo Greimas (2014, p. 242), o sujeito agressivo é um sujeito frustrado, o qual constrói um percurso passional através da cólera. Tal percurso segue a seguinte sequência:

Frustração → descontentamento → agressividade

Esse percurso passional calcado na frustração e na insatisfação foi capturado pela narrativa de que o PT, seus representantes e a esquerda são o supremo mal da sociedade e que a privam de ser melhor, e por isso devem ser excluídos, combatidos e banidos em uma batalha quase que religiosa. Deste modo a emergência do sujeito agressivo, reativo e obscuro se deu primeiro com o impeachment e depois com a plataforma de Bolsonaro e seu autoritarismo socialmente aceito a serviço do “povo” da direita. Como vimos nos posts d’*O Antagonista*, tratou-se de construir um simulacro de “impositor legal”, o qual após as eleições traria mais “competência” para o governo com sua equipe honesta e mais capacitada para lidar com o liberal-capitalismo; mais “ordem” oprimindo os levantes de movimentos arruaceiros e manifestações que trazem o caos; mais “democracia” levando em consideração a vontade da “maioria que importa” e desconsiderando minorias; e mais “justiça” mantendo Lula preso e praticando tolerância zero aos corruptos ao lado do juiz e “herói” da Lava Jato Sérgio Moro.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Não faz sentido culpar a internet pelas fake news, afirma pesquisador**. In: Ilustríssima. Folha de S, Paulo. 18/11/2018. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/nao-faz-sentido-culpar-a-internet-pelas-fake-news-afirma-pesquisador.shtml>> Acesso em: 24 de dezembro de 2018.
- ALONSO, Angela. **A política das ruas**. 25/9/2016. In: São Paulo: Ilustríssima, Folha de S. Paulo, 25/9/2016. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/angela-alonso/2016/09/1816167-a-politica-das-ruas.shtml>> Acesso em: 11 de setembro de 2018.
- _____. **A política das ruas. Protestos em São Paulo de Dilma a Temer**. In: São Paulo: Novos estudos – Cebrap, jun/2017. Disponível em <http://novosestudios.uol.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Angela-Alonso_A-pol%C3%ADtica-das-ruas.pdf> Acesso em: 11 de setembro de 2018.
- ATUCCH, Leonardo. **A CPI que abalou o Brasil: os bastidores da imprensa e os segredos do PT**. São Paulo: Futura, 2006.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962. Disponível em <https://pure.mpg.de/rest/items/item_2271128/component/file_2271430/content> Acesso em: 03 de setembro de 2019.
- BADIOU, Alain. **Para uma nova teoria do sujeito**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____. **Lógicas de los mundos**. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- BARBROOK, Richard. **Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global**. São Paulo: Peirópolis, 2009. Disponível em <https://monoskop.org/images/e/ee/Barbrook_Richard_Futuros_imaginarios_das_maquinas_pensantes_a_aldeia_global.pdf> Acesso em: 03 de setembro de 2019.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O Novo Espírito Do Capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BRASIL 247. **Quem somos**. S/D. Disponível em <<https://www.brasil247.com/info/quem-somos>> Acesso em 09 de novembro de 2018.
- _____. **Barrado ou não, Lula estará na urna**. 07/08/2018. Disponível em <<https://www.brasil247.com/blog/barrado-ou-nao-lula-estara-na-urna>> Acesso em 13 de agosto de 2019.
- _____. **Vagner Freitas: “Lula não retira sua candidatura e vamos elegê-lo”**. 09/08/2018. Disponível em <<https://www.brasil247.com/blog/vagner-freitas-lula-nao-retira-sua-candidatura-vamos-elegelo>> Acesso em 13 de outubro de 2018.
- _____. **Gleisi: Lula estará nas eleições 'de um jeito ou de outro'**. 13/08/2018. Disponível em <<https://www.brasil247.com/poder/gleisi-lula-estara-nas-eleicoes-de-um-jeito-ou-de-outro>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

_____ **É prioridade dos golpistas: manter privilégios e retirar direitos do povo.** 29/08/2018. Disponível em <<https://www.brasil247.com/geral/e-prioridade-dos-golpistas-manter-privilegios-e-retirar-direitos-do-povo>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

_____ **A elite nunca incluiu o povo no Brasil.** 01/09/2018. Disponível em <<https://www.brasil247.com/blog/a-elite-nunca-incluiu-o-povo-no-brasil>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

_____ **No Brasil do golpe, 61,5 mi de consumidores estão inadimplentes.** 18/09/2018. Disponível em <<https://www.brasil247.com/economia/no-brasil-do-golpe-61-5-mi-de-consumidores-estao-inadimplentes>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

_____ **Fernando Horta: na eleição o povo escolherá democracia ou barbárie.** 24/09/2018. Disponível em <<https://www.brasil247.com/brasil/fernando-horta-na-eleicao-o-povo-escolhera-democracia-ou-barbarie>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

_____ **Zarattini: Bolsonaro quer tirar mais direitos do povo.** 29/09/2018. Disponível em <<https://www.brasil247.com/geral/zarattini-bolsonaro-quer-tirar-mais-direitos-do-povo>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

BUTLER, Judith. **Bodies in alliance and the politics of the street.** 2011. Disponível em: <<http://scalar.usc.edu/works/bodies/Judith%20Butler:%20Bodies%20in%20Alliance%20and%20the%20Politics%20of%20the%20Street%20%7C%20eipcp.net.pdf>> Acesso em 16 de julho de 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **PEC 37/2011.** S/D. Disponível em: <<https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=507965#marcaacao-conteudo-portal>> Acessado em: 11 de setembro de 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____ **Redes de indignação e esperança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAZELOTO, Edilson; PRADO, José Luiz Aidar. **Tecnologias digitais na revista Veja: a construção de um futuro despotencializado.** E-compós, Brasília, v.17, n.1, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/1007/756>> Acesso em: 25 de setembro de 2017.

COCCO, Giuseppe. **Korpo Braz. Por uma política dos corpos.** Rio de Janeiro: Mauad, 2014

DATAFOLHA. **Cresce apoio a protestos contra a tarifa de ônibus entre paulistanos.** 19/06/2013. Disponível em <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297619-crece-apoio-a-protestos-contr-a-tarifa-de-onibus-entre-paulistanos.shtml>> Acesso em: 17 de setembro de 2018.

_____ **Recorde, reprovação a Dilma supera pior momento de Collor.** 06/08/2015. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/08/1665278-recorde-reprovacao-a-dilma-supera-pior-momento-de-collor.shtml>> Acesso em: Acesso em: 17 de setembro de 2018.

_____ **Maior manifestação política da história de SP reúne 500 mil na Paulista.** 14/03/2016. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/03/1749713-maior-manifestacao->

politica-da-historia-de-sp-reune-500-mil-na-paulista.shtml> Acesso em: Acesso em: 17 de setembro de 2018.

_____ **Bolsonaro tem 40% dos válidos na véspera do 1º turno.** 07/10/2018.

Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/10/1983037-bolsonaro-tem-40-dos-validos-na-vespera-do-1-turno.shtml>> Acesso em: 09 de outubro de 2018.

DRYZEK, John. **Legitimidade e economia na democracia deliberativa.** In: COELHO, Vera Schattan; NOBRE, Marcos (org). Participação e deliberação: teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contemporâneo. São Paulo: Ed. 34, 2004, p. 41-63

ESTADÃO. **Lula segue na liderança para 2018, diz pesquisa do Datafolha.** 02/12/2017.

Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-segue-na-lideranca-para-2018-diz-pesquisa,70002105710>> Acesso em: 16 de novembro de 2018.

EXAME. **Sheherazade surpreende seguidores ao usar hashtag contra Bolsonaro.**

18/09/2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/sheherazade-surpreende-seguidores-ao-usar-hashtag-contrabolsonaro/>> Acesso em: 5 de novembro de 2018.

FACEBOOK. **Facebook para empresas.** 19/04/2016. Disponível em

<<https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>> Acesso em: 22 de setembro de 2017

FOLHA DE S. PAULO. **eleições 2014: apuração 2º turno.** 26/10/2014. Disponível em:

<<http://eleicoes.folha.uol.com.br/2014/2turno/presidente/br.shtml>> Acesso em: 15 de agosto de 2019

_____ **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp.** 18/10/2018.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contrao-pt-pelo-whatsapp.shtml?loggedpaywall#_=_?loggedpaywall> Acesso em: 21 de novembro de 2018

FOGLIANO, André. **As revoltas de junho de 2013: uma cartografia afetiva dos enunciados e das imagens do levante brasileiro.** São Paulo: 2017. Disponível em

<<https://tede.pucsp.br/handle/handle/20706>> Acesso em: 01 de outubro de 2018

FONTENELLE, Isleide. **A resignificação da crise ambiental pela mídia de negócios:**

responsabilidade empresarial e redenção pelo consumo. Galaxia (São Paulo, Online), n. 26, p. 135-147, dez. 2013. Disponível em

<<http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n26/v13n26a11.pdf>> Acesso em: 22 de dezembro de 2018.

G1. **Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio.**

14/03/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>> Acesso em: 18 de novembro de

2018.

_____ **Ônibus da caravana de Lula no Paraná são atingidos por tiros.** 27/03/2018.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/onibus-da-caravana-de-lula-sao-atingidos-por-tiros-no-oeste-do-parana-diz-assessoria.ghtml>> Acesso em: 18 de novembro de 2018.

_____ **O que se sabe sobre o incêndio no Museu Nacional, no Rio.** 04/09/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/04/o-que-se-sabe-sobre-o-incendio-no-museu-nacional-no-rio.ghtml>> Acesso em: 19 maio de 2019.

_____ **Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora.** 06/09/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>> Acesso em: 05 de novembro de 2018.

_____ **Datafolha para presidente, votos válidos: Bolsonaro, 55%; Haddad, 45%.** 27/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/27/datafolha-para-presidente-votos-validos-bolsonaro-55-haddad-45.ghtml>> Acesso em: 05 de novembro de 2018.

_____ **Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos.** 29/10/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>> Acesso em: 05 de novembro de 2018.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley. **Comunicação e Democracia: Problemas & Perspectivas.** São Paulo: Paulus, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II. Ensaios semióticos.** São Paulo: Edusp, 2014.

HABERMAS, Jurgen. **Political Communication in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? The Impact of Normative Theory on Empirical Research.** *Communication Theory*, Volume 16, Issue 4, 1 November 2006, Pages 411–426. Disponível em <<https://academic.oup.com/ct/article-abstract/16/4/411/4098648>> Acesso em 09 de outubro de 2018

LACAN, Jacques. **O seminário: livro 5. As formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACLAU, Ernesto. **A razão populista.** São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista. Por uma prática democrática Radical.** São Paulo: Intermeios, 2015.

MAINARDI, Diogo. **Lula é minha anta.** São Paulo: Editora Record, 2007.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Democracia on-line e o problema da exclusão digital.** *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 30, p. 93-113, jul. 2014. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41269/30388>> Acesso em: 31 de outubro de 2017.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida; SAMPAIO, Rafael. **Internet e eleições 2010 no Brasil: rupturas e continuidades nos padrões midiáticos das campanhas políticas online.** *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 208-221, dez. 2011. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7065/6076>> Acesso em: 04 de outubro de 2018.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida; SOUSA, Carlos Henrique Parente. **Democracia digital e práticas colaborativas: a Wikipédia como espaço de discussão política.**

Compolítica n. 2, vol. 2, ed. jul-dez, ano 2012. Disponível em <<http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/30/30>> Acesso em: 31 de outubro de 2017.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida MONT'ALVERNE, Camila. **A Pauta do Dia: Um estudo sobre o agendamento do Congresso Nacional brasileiro nos editoriais da Folha de S. Paulo e de O Estado de S. Paulo.** BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH - Volume 12 - Número 2- 2016. Disponível em <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/873/786>> Acesso em: 31 de outubro de 2017.

MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixodo. **Pós-estruturalismo e teoria do discurso em torno de Ernesto Laclau.** Porto Alegre: ediPUCRS, 2014.

MONITOR DO DEBATE POLÍTICO NO MEIO DIGITAL. **Campanha do segundo turno no Facebook.** 26/10/2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/monitordeobatepolitico/photos/a.1067365179991611/2006487242746062/?type=3&__tn__=-R> Acesso em: 05 de novembro de 2018.

NOBRE, Marcos. **Choque de democracia.** São Paulo: Cia das Letras, 2016 (edição Kindle).

NORRIS, Pippa. (2003). **Preaching to the Converted? Pluralism, Participation and Party Websites.** Party Politics, v. 9, n. 1, p. 21–45 Disponível em <<https://pdfs.semanticscholar.org/3b75/e8a09f214b06b83c396d43d5ae03255db114.pdf>> Acesso em: 04 de outubro de 2018.

O ANTAGONISTA. **Origem: Diogo Mainardi + Mario Sabino, os antagonistas.** S/D. Disponível em <<https://www.oantagonista.com/sobre/>> Acesso em 09 de novembro de 2018.

_____ **Viva o povo brasileiro.** 22/08/2018. Disponível em <<https://www.oantagonista.com/brasil/viva-o-povo-brasileiro/>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

_____ **Amoêdo: “O Brasil tem representantes que não representam o povo brasileiro”.** 28/08/2018. Disponível em <<https://www.oantagonista.com/brasil/amoedo-o-brasil-tem-representantes-que-nao-representam-o-povo-brasileiro/>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

_____ **Manuela: “O povo sabe que Lula é Haddad”.** 13/09/2018. Disponível em <<https://www.oantagonista.com/brasil/manuela-o-povo-sabe-que-lula-e-haddad/>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

_____ **Mais 15 estatais podem recorrer ao dinheiro do povo.** 08/10/2018. Disponível em <<https://www.oantagonista.com/brasil/mais-15-estatais-podem-recorrer-ao-dinheiro-povo/>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

_____ **Cristovam: ‘O povo não quis eleger, quis derrotar’.** 10/10/2018. 13/09/2018. Disponível em <<https://www.oantagonista.com/brasil/cristovam-o-povo-nao-quis-eleger-quis-derrotar/>> Acesso em 13 de agosto de 2019.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther. **Nova direita nas ruas? Uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015.** In: Revista Perseu N° 11, Ano 7, 2016. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/csbn/wp->

content/uploads/sites/3/2017/04/T07Perseu11.-ORTELLADOPabloSOLANO.pdf> Acesso em: 26 de setembro de 2017.

ORTELLADO, Pablo; SOLANO, Esther; MORETTO, Márcio. **2016: o ano da polarização?** 2017a. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/13249.pdf>> Acesso em: 14 de setembro de 2018

_____ **Guerras culturais e populismo anti-petista nas ruas de 2017.** 2017b. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/13540.pdf>>. Acesso em: 14 de setembro de 2018

_____ **A reinvenção da esquerda no pós-lulismo.** Instituto Humanitas. 2017c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZXz2jAZxVAk>> Acesso em: 14 de setembro de 2018

ORTELLADO, Pablo; PARRA, Henrique; RHATO, Sílvio. **Movimentos em marcha: ativismo, cultura e tecnologia.** 2013. Disponível em: <<https://pimentalab.milharal.org/files/2013/05/MOVIMENTOS-EM-MARCHA-livro.pdf>> Acesso em: 14 de setembro de 2018.

ORTELLADO, Pablo; JUDENSNAIDER, Elena; LIMA, Luciana; POMAR, Marcelo. **Vinte centavos: a luta contra o aumento.** São Paulo: Editora Veneta, 2013

PARRA, Henrique. **Jornadas de Junho: uma sociologia dos rastros para multiplicar a resistência.** In: Revista Pensata, vol. 3, n. 1. 2013. Disponível em: <<http://www2.unifesp.br/revistas/pensata/wp-content/uploads/2011/03/11Parra-1.pdf>> Acesso em: 14 de setembro de 2018.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações Biopolíticas dos Dispositivos Comunicacionais.** São Paulo: Educ, 2013.

_____ **Da antipolítica ao acontecimento: o anarquismo dos corpos acontecimentais.** In: Comunicação, Mídia e Consumo, v.14, n.39, ja./abr.2017. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/0000-0002-9540-7115/pdf_2> Acesso em 16 de julho de 2019

_____ **Crítica de mídia em perspectiva aberta.** In: Rumores. n.23 V.12, jan-jun/2018a. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/download/143405/140803>> Acesso em: 13 de setembro de 2018.

_____ **Economia libidinal no capitalismo comunicacional: do discurso ao gozo.** 2018b. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WG75aQ8JqvE&t=1s>> Acesso em: 4 de dezembro de 2018.

_____ **Polarização e insatisfação midiáticas no capitalismo comunicacional: como manter a democracia?** In: Mídia e reconfigurações da democracia representativa.[Livro eletrônico] / Paulo César Castro (Organizador). – Campina Grande: EDUEPB, 2019.

_____ et al. **A invenção do Mesmo e do Outro na mídia semanal.** DVD HiperMídia. São Paulo: PUC-SP, 2008.

PRADO, José Luiz Aidar; PRATES, Vinicius. **Sobre a sustentabilidade como fantasia liberal-capitalista: do tampão verde à ecologia sem natureza.** In: Porto Alegre, v. 22, n. 3, julho, agosto e setembro de 2015. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20552/13217>> Acesso em: 27 de setembro de 2017.

_____ **O significativo “povo brasileiro” na crise política do impeachment de Dilma Rousseff.** In: Desconstruindo uma queda: a mídia e o impeachment de Dilma Rousseff. Florianópolis: Editora Insular, 2019.

RECUERO, Raquel. **O twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014?** In: Rev. bras. linguist. apl. vol.16 no.1 Belo Horizonte Jan./Mar. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982016000100157&lng=en&tlng=en> Acesso em: 26 de setembro de 2017.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; BASTOS, Marco Toledo. **O Discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do Twitter.** In Galáxia: n. 28, 2014. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br//index.php/galaxia/article/view/17911/15750>> Acesso em: 26 de setembro de 2017.

ROQUE, Tatiana; BRUNO, Fernanda. **Fenômeno da pós-verdade transforma os consensos já estabelecidos.** In: Ilustríssima. Folha de S. Paulo. 18/11/2018. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/fenomeno-da-pos-verdade-transforma-os-consensos-ja-estabelecidos.shtml>> Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço.** São Paulo: Três estrelas, 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Esquerdas do mundo, uni-vos.** São Paulo: Boitempo, 2018.

_____ **A gramática do tempo.** São Paulo: Cortês, 2006.

SUNSTEIN, Cass Robert. **Republic.com.** Princeton: Princeton University Press. 2001. Disponível em <<http://jolt.law.harvard.edu/articles/pdf/v14/14HarvJLTech753.pdf>> Acesso em: 04 de outubro de 2018.

TSE. **Confira as principais datas do calendário eleitoral das Eleições Gerais de 2018.** 18/12/2017. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2017/Dezembro/confira-as-principais-datas-do-calendario-eleitoral-das-eleicoes-gerais-de-2018>> Acesso em: 16 de novembro de 2018

_____ **Concluída a totalização de votos do 1º turno das Eleições 2018.** 09/10/2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/concluida-totalizacao-de-votos-do-1o-turno-das-eleicoes-2018>> Acesso em: 09 de outubro de 2018.

_____ **Eleições 2018: Justiça Eleitoral conclui totalização dos votos do segundo turno.** 31/10/2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>> Acesso em: 05 de novembro de 2018.

ZILBERBERG, Claude.; FONTANILLE, Jacques. **Tensão e significação**. São Paulo: Humanitas, 2001.

ZIZEK, Slavoj. **Hegel com Lacan. O mais sublime dos histéricos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.